



HOJE COMEÇAMOS A **VER** OS 43 MUNICÍPIOS

AUTARQUIAS 13

Namaacha **Nacala-Porto**

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634



CIDADÃO REPORTA: Dois indivíduos disfarçados de agentes de um operadora de telefonia móvel que supostamente se dedicavam a recolha de “modems” distribuídos as instituições públicas (escolas) estão desde esta Segunda-Feira (6 de Maio) sob custódia policial no Comando Distrital de PRM de Guija-Gaza. De referir que os mesmos foram flagrados na EPC de Chinhanine quando intentavam mais uma burla, depois de conseguido burlar o “modem” de EPC de Mubangoene, na última Quinta-Feira (2 de Maio), ambas escolas do distrito do mesmo nome (Guija), graças a colaboração das direções das duas escolas.

CIDADÃO REPORTA: trabalhadores do Chá do Gurue, na Zambézia, estão em greve devido a atraso de 3 meses no pagamento dos salários.

CIDADÃO Valdemiro REPORTA: acidente de viação esta manhã na Av. das Estâncias, em maputo, envolven-

do um autocarro de passageiros e uma viatura ligeira, não houve vítimas mortais apenas feridos graves.

CIDADÃO REPORTA: em Nampula distrito de Monapo uma viatura atropelou mortalmente um professor da escola industrial de Carapira, o automobilista fugiu. Entretanto duas pessoas que saíram para assistir o cenário também foram atropeladas mortalmente por um camião cavalo. Na sequência um cidadão que vinha por cima da carga do camião caiu na estrada e também perdeu a vida. O camionista fugiu.

CIDADÃO Oscar REPORTA: acidente de viação entre 2 mini bus no Xai-xai defronte da Escola Sec Joaquim Chissano, não houve vítimas mortais.

CIDADÃO REPORTA: na praça dos trabalhadores, em Maputo, o cidadão chega a ficar 4h de tempo a espera dos TPM e para o cúmulo assiste dezenas de autocarros a passarem com a chapa a dizer recolha. Desesperados os passageiros vão ficando ao relento e

cansados de tanto esperar até o momento que alguém se lembra de mandar algum machimbombo para a referida paragem!

CIDADÃO REPORTA: Hoje as 7H a “Rádio da Frelimo” (RM) convidou o Sr. António Chipanga, coordenador dos Assuntos Legais e Deontológicos da Comissão Nacional de Eleições, para falar sobre a lei eleitoral. Depois abriu-se a linha telefónica para os ouvintes! O primeiro que ligou, quis saber da legitimidade ou não da candidatura do Sr. Leopoldo da Costa, a Resposta que o locutor deu foi: “O tema de hoje não é esse!” E cortaram a chamada!

CIDADÃO Bahar REPORTA: na madrugada de Segunda-feira uma idosa e a sua neta foram violadas no bairro do Triunfo, em Maputo. Os violadores ainda assassinaram a idosa, cortando a cabeça. A criança está hospitalizada. Os criminosos terão estado a realizar trabalhos de construção na residência das vítimas alguns dias antes.

TPM para “burgueses”

Sociedade PÁGINA 06

Unidos contra a Tuberculose

Democracia PÁGINA 10

Muçulmanos fazem história na CAF

Desporto PÁGINA 24

Chude Mondlane @chudemondlane
Khanimambo a todos jornalistas Mocambicanos no “World Press Freedom Day! <http://www.un.org/en/events/pressfreedomday/> ... @verdademz @echaras pic.twitter.com/mc2dUiB2Bb



Domingos Gundana @gundana320 @verdademz
parece que esta a pegar moda nesta cidade não passa um dia sem incêndio, deve nos levar a reflexão sobre a segurança nas empresas?

Tania Libanze @TMareli
“@verdademz: Arão Nhancale renuncia ao cargo de presidente do município da #Matola sul #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/36821> ...” Ja era sem tempo.

Liga Muçulmana @LigaMuculmana @verdademz
boa equipa esteve no mundial de clubes em abu dhabi a uns anos atras, nao sera facil mas esperamos orgulhar os mocambicanos

TALEnted @IZtale “@verdademz: Transportes Públicos de #Maputo lança serviço executivo que custa 70 meticais <http://www.verdade.co.mz/motores/36787> “good

wMg @TheRealWizzy
Epah @verdademz
Protesto no Bangladesh termina com sete mortes <http://www.verdade.co.mz/internacional/36779> ...

Inélcio @InelcioNegraoo
“@verdademz: Jovem assassina namorada e enterra-a na #Matola <http://www.verdade.co.mz/newsflash/36749> “está a virar moda.. Horrível

Jack Daniels @Rold_B_DNA A @_Mwaa_ ta em quase todas edicoes do @verdademz! Hehe

Verdade Democracia @DemocraciaMZ
#Trabalhadores do jornal @verdademz no desfile #1deMaio em #Maputo “Paz sem voz não é paz, é medo” pic.twitter.com/hXI8jFbgLR

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d’Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto

Siga verdademz



Editorial

averdademz@gmail.com

Os sacrificados de sempre

É público que o número de autocarros da frota da Empresa Municipal de Transportes Públicos de Maputo (TPM) caiu para metade. No entanto, em conferência de imprensa, a presidente do Conselho de Administração, Maria Wane, anunciou o lançamento de um novo serviço executivo, o qual visa, dizem, aumentar as receitas daquela instituição. @Verdade aplaude a iniciativa. Até porque tudo aquilo que representa mais dinheiro para os cofres de uma empresa pública é melhor, em última análise, para o consumidor.

A boa-nova diz que os passageiros desse serviço exclusivo e, diga-se, caríssimo para os bolsos do comum dos cidadãos, deverão pagar 70 meticais por viagem ou uma (igualmente) choruda taxa mensal. Reparem que as tarifas das carreiras normais custam entre sete e 20 meticais. Nem nas viagens interprovinciais o preço do bilhete ultrapassa a fasquia dos 45 meticais.

É, portanto, um serviço para poucos bolsos. Aliás, o percurso das rotas é deveras esclarecedor: Vila Olímpica/Praca da OMM. Numa fase posterior Txumene e Belo Horizonte poderão ser contemplados pelo luxuoso e caríssimo serviço.

@Verdade, dissemos acima, aplaudimos a ideia da procura do lucro, mas importa referir que a vocação da empresa pública de transportes não é servir os ricos como se pode depreender pelo estilo de residências que existem em Txumene e no Belo Horizonte.

Há dois factores que não podem ser, de forma alguma, ignorados. Primeiro, a TPM é uma empresa cujo objecto principal é prestar serviço público de transporte. O que significa que a sua vocação impõe-se a necessidade de garantir tal direito.

Segundo, a frota dos TPM é extremamente exígua para fazer face às necessidades de transporte dos cidadãos da capital do país. Uma análise desapassionada indica que a introdução de uma frota especial retira mais autocarros dos pobres para os que podem pagar, sem pestanejar, 70 meticais por viagem.

A frota operacional da empresa, de acordo com dados fornecidos na última conferência de imprensa, indicam que a mesma varia entre os 90 e os 140 autocarros. Os mesmos dados revelam que essas viaturas transportam entre 3,5 a 3,9 milhões de passageiros por mês.

Digamos, por hipótese, que se os sete autocarros de luxo fossem trocados por viaturas simples a missão política da empresa pública sairia reforçada. Ou seja, 28571 pobres poderiam chegar mais cedo ao serviço. Esse número representa a quantidade de pessoas que uma viatura transporta por mês de acordo com os números da TPM. Se multiplicarmos esses 28571 passageiros por sete viaturas estaríamos a falar de 199997 pobres transportados num mês.

Portanto, saibam que cada autocarro de luxo significa a exclusão de 28 mil pobres mensalmente. E depois dizem que isto não é o país do pandza...



Boqueirão da Verdade

“A Frelimo enviou polícias e militares do Sul para atacar a população do Centro. Despachou ‘machanganas’ para matar ‘chingondos’ em Muxúnguê, mas os ‘chingondos’ responderam”, Arlindo Milaco

“Há que erradicar e combater com veemência os preconceitos de natureza racial, regional e tribal desse discurso faccioso. Eles (os da Renamo) estão a brincar com fogo perto de palha seca”, Adelson Rafael

“Continuamos a celebrar o Carlos Cardoso como um ícone ímpar e sublime do nosso jornalismo. Apesar de ter militado no Movimento Juntos pela Cidade, (na verdade um partido político da oposição) com assento na Assembleia Municipal, Cardoso criou e editou um jornal (O Metical). Nos termos da boa prática jornalística, ele sempre tratou os assuntos da assembleia (no seu jornal), com todo o rigor e isenção. Não usou a sua posição de editor, e dono, para sonegar ou ridicularizar, nas páginas do ‘Metical’, os argumentos dos deputados da Renamo e da Frelimo – quase sempre contrários aos seus no parlamento municipal”, Amosse Macamo

“Fazendo hoje uma analogia com o caso da militância no partido Frelimo, de Leopoldo da Costa, a pergunta seria: porque será que Cardoso podia ser independente, e isento, e Leopoldo da Costa, não? O que torna um diferente do outro? E Leopoldo não é e nunca foi de algum órgão da Frelimo e desde 2005 que não participa em nenhum evento da Frelimo”, Idem

“Num extremo temos alguém que preside um órgão que decide sobre a disputa eleitoral, e no outro um político que tem acesso privilegiado à esfera pública mediatizada”, Emídio Beúla

“A concepção da CNE, a meu ver, está errada. Devia este órgão, como se faz em numerosos países, compor-se exclusivamente por funcionários admitidos via concurso público, com qualidades e perfis rigorosos e que controlariam e validariam todo e qualquer tipo de eleições, não apenas as estatais e municipais, mas também as partidárias, sindicais, nas associações mais diversas, nos clubes desportivos”, Sérgio Vieira

“Feio que um candidato se declare proposto por um Sindicato que em carta à comunicação social declara não o haver feito. Uma nódoa mancha a mais bela e pura toalha. Se verdade, à partida isso desqualifica a qualidade de docente e de candidato. Se falso, há que saber que a difamação responde perante os tribunais. Faz parte dos crimes”, Idem

“A ideia de que o debate deve ocorrer dentro do quadro legal não é correcto porque as leis são criadas para regular ou responder a vontade dos cidadãos, da sociedade e dos actores

políticos. O outro aspecto que até é recorrente é dizer que o AGP está reflectido no quadro legal, o que é correcto, mas é preciso reflectir se isso está a ser cumprido escrupulosamente”, Jaime Macuane

“A Renamo neste processo está a colocar à frente os seus interesses, quer dizer, numa situação em que a maioria das oportunidades de negócios pertence à nomenclatura ligada à Frelimo, ela pretende resolver os seus problemas, daí esta agenda obscura, que deve ser entendida como particular mas que arrasta outros cidadãos que não se identificam com a partidarização do Estado”, Idem

“Esta actual liderança da Frelimo não tem estratégia para conter as exigências da Renamo ou simplesmente o que a Renamo capitaliza. Eu já imagino que se fosse esta nos anos 80, podia ter conduzido o país à situação semelhante a de Somália ou outros países africanos que nunca alcançam a paz. Só vejam em que a liderança investe como estratégia para paz e estabilização política. () Usar a FIR para reprimir as reivindicações legítimas não é nenhuma estratégia para conter o descontentamento de muitos moçambicanos que não beneficiam do sistema de exclusão. Essas reivindicações continuarão a existir mesmo que o governo da Frelimo, à maneira de sempre, atenda à Renamo. Falo de o governo da Frelimo comprar o presidente da Renamo para se calar”, António Kawaria

“A minha pergunta é sobre o que Armando Guebuza faz como estratégia para a paz. Quanta coisa o Governo de Guebuza já poderia ter resolvido sem precisar de enquadrar nas conversações com a Renamo e muito menos esperar por elas? Não será falta de estratégia, quando Guebuza, através da sua delegação, quer provas da Renamo sobre a partidarização das instituições públicas, por exemplo? Quem nega a partidarização das instituições públicas? Não será falta de estratégia, quando Armando Guebuza não entende que o assalto e de forma mais clara que nunca de órgãos eleitorais pela Frelimo só vem dar razão à Renamo?”, Idem

“Dá impressão de que, na sua opinião, quem é membro da Frelimo não pode ser membro da sociedade civil, está vetado aos membros da Frelimo ser membro da sociedade civil. Eu penso que isso é retirar direitos aos cidadãos, os membros da sociedade civil, sim senhor, podem ser membros de qualquer partido, incluindo a Renamo. Há membros da sociedade civil que são da Renamo e até aqueles que estão a contestar podem ser da Renamo. Eu não vejo motivo para concluir que o facto de um indivíduo ter sido administrador faz-lhe perder os direitos políticos. Isso seria discriminação e perigoso para a nossa democracia”, PR Armando Guebuza

OBITUÁRIO:

Victor Morgado
2013



Perdeu a vida na tarde do dia 1 de Maio em Lisboa, capital de Portugal, Victor Morgado, ou simplesmente Molinhas, como era tratado nos meandros desportivos devido ao seu estilo um tanto indolente dentro do campo. Franzino, teve uma vida completamente dedicada ao basquetebol moçambicano, tendo-se destacado como atleta nas equipas do Clube Atlético, Beira-Mar e Sporting de Lourenço Marques (actual Maxaquene).

Como treinador, comandou várias equipas, nomeadamente, o Maxaquene, o Desportivo de Maputo, o Beira-Mar, o Ferroviário de Maputo e o Costa do Sol, tendo registado várias passagens pela selecção nacional de Moçambique. Reformado, Victor Morgado foi quadro sénior da Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB) e comentador, em 2005, do canal desportivo da Rádio Moçambique, o RM Desporto.

Amigos próximos e alguns de longa de data descrevem-no como um indivíduo que vivia de forma fervorosa o basquetebol, sobretudo no período em que era treinador. Para muitos, Victor Morgado deu a vida por esta modalidade desportiva, mesmo sabendo que dela não podia ganhar muito em termos financeiros.

Molinhas era, para os amigos, um eterno apaixonado por basquetebol, pelo que, vezes sem conta, chegou a dispensar algumas saídas, quer fosse com eles, quer fosse com a família, somente para assistir a partidas desta modalidade, sobretudo as disputadas no campo do Desportivo de Maputo.

O corpo de Victor Morgado foi a enterrar na manhã da passada sexta-feira (03) no cemitério de Corroios, em Portugal.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Maria Wane

A ideia pode não ter sido da presidente de Conselho de Administração da empresa de Transportes Públicos de Maputo. Contudo, foi a senhora quem deu a cara e assumiu a vergonha. Nenhuma pessoa sensata pode acordar para vir a público falar aos moçambicanos de autocarros de luxo. Só mesmo uma Xiconhoca pode julgar que a vocação da empresa pública de transportes é o lucro. Pouca vergonha de quem devia ter o mínimo de decoro e lisura nos seus pronunciamentos públicos. Maputo não precisa de carros de luxo. Precisamos de estradas e de uma frota capaz de responder à procura.

2. Armando Júnior e Richa

Violar uma mulher é, de todos modos, repudiável, mas violar uma menor de idade é, sob qualquer ângulo de visão, um acto que não nos dignifica como homens. Nada justifica que dois indivíduos, de 25 e 45 anos de idade, sexualmente activos, vejam numa menor um corpo para satisfazer os seus desejos carnaís. Quando ao acto de violação agrega-se o homicídio voluntário devemos acordar como sociedade e pedir a pena de morte para esse tipo de Xiconhocas. Quem se comporta dessa forma não deve viver entre pessoas de bem...

3. Caçadores furtivos e quem lhes paga

Os caçadores furtivos servem uma indústria poderosa. Eles não existiriam se não houvesse outros Xiconhocas que pagassem pelo crime que cometem contra os nossos recursos. O que estes Xiconhocas não percebem é que os Xiconhocas que pagam pelos cornos de rinoceronte e presas de elefante dão apenas o suficiente para que os primeiros dependam dos segundos. Ou seja, é um pagamento que se desvanece entre espasmos, gemidos e umas garrafas de bebida de má qualidade.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. Corrupção no abate de viaturas e outros bens do Estado

A corrupção é tão antiga quanto à humanidade. Porém, no que diz respeito ao funcionalismo público, é necessário adequar o dito e deixar do modo seguinte: a Função Pública inventou a corrupção. A manobra não tem nada de novo. O que muda são os protagonistas em função da mobilidade naquele sector. Os funcionários do Aparelho do Estado abocanham viaturas que custaram ao erário público milhões de dólares pelo preço de um punhado de batatas.

O truque é bem simples. O Estado, através de um ministério ou direcção distrital, compra uma carrinha 4x4. Volvidos dois anos, a mesma viatura é dada como obsoleta para as funções para que foi adquirida. Os funcionários de uma determinada instituição são convidados a fazer propostas em carta fechada para ficarem com a viatura que o Estado, por via de uma determinada instituição, quer abater. Um chefe de departamento faz uma proposta de 15 mil meticais e fica com a viatura. Em dois anos, um carro que custou um milhão e oitocentos mil meticais muda de proprietário e o Estado arca com o prejuízo.

Isso não é Xiconhoquice?

2. Acidentes de viação

Trinta e cinco pessoas morreram e outras 80 contraíram ferimentos graves e ligeiros no país, em consequência de 54 acidentes de viação ocorridos na semana de 29 de Abril a 03 de Maio. A Polícia diz que o facto é preocupante e deve-se à irresponsabilidade dos automobilistas e à violação constante das mais elementares regras de trânsito. No nosso entender, um acidente de viação não se explica somente pela irresponsabilidade dos automobilistas. Essa não pode ser, de forma alguma, a única causa da sinistralidade rodoviária.

Segundo a Polícia da República de Moçambique (PRM), na mesma semana houve 24 feridos graves e 56 ligeiros. O porta-voz do Comando-Geral da PRM, Pedro Cossa, disse que dos 54 acidentes registados, 35 foram atropelamentos, nove choques entre carros e seis despistes e capotamento. O estranho, na retórica da PRM, são as causas que explicam os acidentes. O bom do Pedro Cossa faz o papel de um disco riscado quando elenca as causas.

O excesso de velocidade, corte de prioridade, a condução em estado de embriaguez, dentre outras irregularidades, são avançadas como as principais causas dos acidentes. Como é que o Cossa sabe que foi o excesso de velocidade que causou essa escalada de acidentes e atropelamentos? O estado das vias e a corrupção na inspecção de viaturas não significam nada?

Entretanto, a Polícia de Trânsito (PT) deteve seis condutores por tentativa de suborno aos seus agentes com notas que variam de 100 a 600 meticais. E os que continuam a matar porque o seu suborno foi aceite?

3. A nossa irresponsabilidade

O número de idosos que chefiam agregados familiares, a maioria de crianças órfãs e vulneráveis, "continua a crescer" em Moçambique, mas muitos ainda não conseguem aceder aos subsídios do Governo. A culpa é nossa. Nós é que nos deixamos sucumbir ao SIDA e aos prazeres mundanos. Morremos e deixamos os nossos pais, que deviam gozar da sua reforma, a cuidar dos nossos filhos.

Por último, o Governo completa a vergonha ao conceder uma mísera pensão aos que serviram o país.

Iolanda Cintura, ministra da Mulher e Acção Social, disse que o Governo tem vindo a realizar acções para a extensão do subsídio social básico, dando prioridade aos idosos em situação extrema de pobreza, chefes de família e sem capacidade para trabalhar. É preciso perguntar à ministra o que ela entende por reformas. É possível que alguém sustente um agregado de cinco pessoas com 150 meticais?

"O número anda à volta de 270 mil agregados familiares chefiados por pessoas idosas que fazem parte deste subsídio social básico. Mensalmente temos estado a prever acções, orçamentos para cada vez irmos abrangendo mais agregados familiares chefiados por idosos e outras pessoas sem capacidade para realizar trabalhos, com deficiência e ou doença crónica", disse Iolanda Cintura, durante uma cerimónia para a extensão da iniciativa em Manica, centro de Moçambique.

No país, estima-se que 727.598 idosos vivem em situação de pobreza e mais de metade não tem capacidade para trabalhar e tem a seu cargo os netos.

Discriminados e rejeitados pela família

Calton Cristóvão Castro, de 16 anos de idade, e Paulo Ali, de 14, residentes na província de Nampula, são órfãos de pais e, infelizmente, fazem parte de várias outras crianças que, por terem perdido os seus progenitores, foram vítimas de maus tratos e rejeição no seio familiar. Por via disso, por alguns anos experimentaram o tipo de vida que levam as pessoas que vivem à margem da sociedade e cujo habitat é a rua. As histórias destes dois adolescentes reflectem, em parte, as condições deploráveis por que passam os demais petizes noutras regiões do país.

Texto & Foto: Redacção/Nelson Miguel

Calton Castro é um adolescente com uma anomalia orgânica caracterizada por uma total falta de pigmento na pele (albinismo).

Segundo o seu depoimento ao @Verdade, cresceu junto do pai e não teve a oportunidade de conhecer a sua mãe em virtude de esta ter perdido a vida quando ele ainda era bebé. O seu progenitor morreu em 2008, vítima de uma doença prolongada.

A partir desse momento, o menino passou a viver com o irmão mais velho, numa casa deixada pelos pais no bairro de Napipine. No princípio, tudo era normal e tinha acesso às condições básicas a que um ser humano tem direito, nomeadamente alimentação, saúde, vestuário, educação, dentre outras.

Entretanto, a vida de Calton mudou drasticamente quando o irmão decidiu contrair matrimónio e os três, incluindo a sua cunhada, mudaram-se para uma nova residência algures em Nampula. Volvidas poucas semanas de convivência, o petiz apercebeu-se de que a esposa do irmão o discriminava.

Dizia que não estava em condições de conviver nem partilhar utensílios domésticos com ele, pois, nessa altura, o seu corpo estava coberto de feridas originadas pela fragilidade da sua pele.

Com o tempo, o problema ganhou contornos alarmantes e insuportáveis e, a pedido do irmão mais velho, que pretendia salvaguardar o seu casamento, a criança teve de abandonar a casa e ido morar com um tio no distrito de Ribáuê.

O nosso entrevistado conta que a convivência no novo lar não foi saudável, por isso, 15 dias depois, mudou de casa alegadamente porque o seu parente também o discriminava alegadamente porque o seu albinismo iria contaminar os seus filhos. “O meu tio disse que eu tinha de procurar outro local para morar.”



“Rejeitado” pelo infantário

O petiz foi obrigado a regressar à antiga residência onde foi morar sozinho, numa casa em condições deveras deploráveis, sem portas nem janelas. Perante essa situação, o secretário do bairro contactou a Direcção Provincial da Mulher e da Acção Social de Nampula, facto que culminou com a transferência do adolescente para o Infantário Provincial de Nampula. Contudo, no processo de triagem, segundo as regras burocráticas daquele centro, Calton Cristóvão foi excluído porque tem família. Consequentemente, o irmão teria sido chamado para o recolher e viver com ele.

A convivência foi difícil, uma vez que a discriminação voltou à tona, o que o obrigou, novamente, a morar sozinho na mesma casa donde teria sido resgatado por um secretário de bairro.

Apercebendo-se da situação em que o menor se encontrava, a Direcção Provincial da Mulher e da Acção Social decidiu que ele devia passar a viver no Infantário Provincial de Nampula.

Mais tarde, Calton pediu para viver num internato e desde princípios deste ano encontra-se na Escola Secundária de Corane, no distrito de Meconta, que fica a uma distância de cerca de 80 quilómetros da cidade de Nampula, e a frequentar a 9ª classe graças ao apoio da Direcção Provin-

cial da Mulher e Acção Social.

A perda do património deixado pelo pai

Calton contou-nos que o seu pai deixou alguns bens e algum valor para si, mas os familiares abocanharam tudo. Neste momento pretende recuperar uma parte da herança mas não sabe de que forma pode proceder. Aliás, a casa do seu progenitor foi vendida pelo irmão quando passou a viver no Infantário Provincial de Nampula. Em relação a este caso, o secretário do bairro instaurou um auto junto 1ª esquadra, onde há um processo em curso.

Outro adolescente maltratado pela família

Paulo Ali, de 14 anos de idade, frequenta a 5ª classe numa das escolas primárias de Nampula.

Para além de aspirar a formar-se em engenharia, a situação em que se encontra faz-lhe alimentar o sonho de um dia ser activista da luta pela preservação dos direitos da criança órfã e vulnerável.

Actualmente, vive no Infantário Provincial de Nampula em virtude de ter perdido os pais precocemente. Depois desta desgraça, passou a morar com uma tia, a qual o submeteu a maus tratos e violência física.

O adolescente disse que era obrigado a fazer trabalhos pesados, acusado de roubo e, para escapar das agressões da sua tia, refugiou-se na rua, onde passou fome, sede e não tinha abrigo.

Como forma de ultrapassar as dificuldades que enfrentava, decidiu ser carregador de sacos no Terminal de Comboio do Corredor de Desenvolvimento do Norte (CDN) onde ganhava entre 5 e 20 meticais por cada trabalho.

Deixado à sua sorte, Paulo viveu três anos na rua e recorda que adoeceu sete vezes, tendo ido parar ao hospital. A par do que fazem os outros meninos desfavorecidos, o nosso entrevistado já se cobriu de papelão na época de frio.

Entretanto, a Helpe, uma organização portuguesa que lida com as crianças carentes em Nampula, convenceu o menor a aceitar fazer parte das crianças do Infantário Provincial de Nampula, desde Dezembro de 2012.

“Aqui a minha vida mudou por completo, aprendi a fazer blocos de construção, corte e costura, a tocar guitarra e piano, a moldar caricaturas em vidros e espelhos, a fazer colares e outras actividades que me vão ajudar no futuro”, revelou o petiz.

O patronato insensível que deixou trabalhadores à sua sorte

Em Maputo, a empresa portuguesa de construção designada Tâmega não paga salários aos seus 200 trabalhadores há 10 meses. A tabela da retribuição pecuniária do serviço executado pelos mesmos não é reajustada desde 2009 e o subsídio de risco só existe no papel. Enquanto isso, em Nampula, 31 chefes de famílias afectos à Metal Mecânica e à Investimentos de Nampula (NAMI), uma firma que se dedica ao fabrico e reparação de utensílios metálicos, vivem o mesmo drama desde 2004, altura em que foram abandonadas pelo patronato. A partir dessa altura, sobrevivem graças aos montantes provenientes dos serviços que continuam a fazer e repartem a receita diária por igual. Alguns dos trabalhadores afirmaram que, devido a este problema, foram abandonados pelas esposas.

Texto & Foto: Coutinho Macanandze e Sérgio Fernando

Esta é uma história idêntica a dos 237 trabalhadores da Ómega Segurança, na província da Zambézia, que vivem um autêntico martírio pelo facto de há 47 meses, ou seja, desde Maio de 2009, que não auferem os salários a que têm direito.

Para além do incumprimento de prazos previamente acordos nos contratos de adjudicação de obras, a Tâmega, cujos proprietários se encontram em parte incerta desde finais do ano passado, tem sido acusada de incompetência e abandono de vários empreendimentos por si realizados, sobretudo públicos, tais como estradas.

O secretário-geral do sindicato dos trabalhadores desta empresa, Timóteo Nhatave, contou ao @Verdade que os problemas financeiros que afectam a construtora a que nos referimos começaram em 2006 como consequência de uma gestão danosa. Nessa altura, foram contratadas dezenas de trabalhadores estrangeiros de nacionalidade portuguesa sem nenhuma experiência profissional, mas os seus honorários mensais variavam de 8 a 25 mil euros, aos quais era acrescido um subsídio de alimentação de três mil da mesma moeda e viviam em casas arrendadas pela firma, dentre outros gastos desnecessários.

A par do que tem acontecido, via de regra, enquanto os empregadores não honram os seus compromissos laborais, os 200 trabalhadores da Tâmega continuam a sair cedo de casa, voltam muito tarde, não descansam o suficiente, repetindo a mesma rotina inclusive nos fins-de-semana, mas o patrão, não se digna honrar os seus compromissos.

Uma empresa sem direito a empreitadas públicas

Em 2007, o pagamento de salários começou a ser irregular na



construtora portuguesa e, em 2008, o incumprimento de prazos na execução de obras públicas passou a ser um problema sério, principalmente nos troços que compreendiam a estrada entre Namacurra e Nampevo, Nampevo e Alto-Molocuê e na Ponte de Lugela, na província da Zambézia. Estes e outros factores contribuíram bastante para que o Executivo colocasse a construtora na lista negra, alegadamente porque os proprietários burlavam o Estado.

“Na altura, o Governo afirmou que as propostas da Tâmega seriam sempre chumbadas nos concursos públicos mesmo se fossem melhores em relação às de outros concorrentes. Esta situação acelerou a falência. Passou-se a depender de obras privadas de pequena dimensão, mas com o tempo nem estas tivemos”, explicou-nos Timóteo Nhatave, que acrescentou ainda que a firma possuía os seus próprios camiões, com os quais podia transportar o material de construção, mas alugava viaturas a terceiros para fazer o mesmo trabalho.

Instalações penhoradas por causa de dívidas

Neste momento, a Tâmega sobrevive do aluguer de equipamento que ainda tem em bom estado de conservação, mas não consegue cobrir as despesas, tais como o pagamento dos ordenados, impostos, dentre outras porque o corpo directivo não administra os valores devidamente uma vez que os mesmos são depositados na conta bancária de um particular e não da empresa.

A construtora não paga salários há 10 meses, alegadamente porque está endividada com a banca e com o Estado. Por sua vez, os funcionários estimam que a empresa tem em relação a eles uma dívida de aproximadamente 15 milhões de meticais, sem incluir os reajustes salariais, o subsídio de risco e o décimo terceiro vencimento de há anos. Em 2012, o BCI apreendeu judicialmente os bens da Tâmega como penhora devido aos problemas financeiros resultantes de uma gestão danosa, segundo nos contou Nhatave.

O impasse e o abandono da firma

Em Novembro do ano passado, o empregador, a Direcção Provincial do Trabalho de Maputo e os trabalhadores tentaram dialogar no sentido de encontrar uma solução pacífica para o problema que diz respeito à violação dos direitos laborais, mas as divergências nos posicionamentos ditaram a elaboração de uma certidão de impasse. Em Dezembro do mesmo ano, o corpo directivo da empresa saiu de férias que terminavam a 07 de Janeiro último mas ainda não retornou ao trabalho.

“Abandonou-nos e nem dá sinal de que vai ou não voltar. Estou a passar por momentos críticos, não tenho como alimentar a minha família e comprar material escolar para os meus filhos. Sobrevivo graças à boa vontade de terceiros e tenho de me endividar para ir trabalhar, apesar de não ter salário”, disse Nhatave, de 56 anos de idade, cujo agregado familiar é de seis pessoas.

Há falta de comida

Segundo Artur Mavite, chefe adjunto dos Recursos Humanos na NAMI em Nampula, em 2010, os seus patrões foram julgados mas nunca se fizeram presentes no tribunal, somente o advogado deles esteve lá e, neste momento, os trabalhadores ainda aguardam pela sentença.

Os 31 funcionários queixam-se da falta de comida nas suas casas, mas não têm esperança de que um dia possam ter os valores correspondentes aos nove meses de salários em

atrasos. O nosso interlocutor disse que algumas pessoas morreram nem ter recebido o seu dinheiro e outros já atingiram a idade da reforma.

Abandonados pelos cônjuges

António Licare disse que é chefe das oficinas na empresa NAMI, mas com os seus rendimentos mensais apenas consegue comprar pão e mais nada. Produtos alimentares tais como arroz e farinha de milho são uma miragem no seu lar. A sua esposa, com quem teve quatro filhos, abandonou-o alegadamente porque ele não tem condições financeiras para sustentar a família. Neste momento, o nosso interlocutor cuida de dois dos seus quatro menores, sendo que a mãe cuida dos restantes.

Por sua vez, Lídia Domingos, que está há 33 anos na firma a que nos referimos, contou à nossa Reportagem que o seu cônjuge, com o qual teve cinco filhos, a rejeitou porque, apesar de todos os dias sair de casa e dizer que vai trabalhar, faz muito pouco para ajudar nas despesas domésticas. O seu parceiro revoltava-se sempre quando a aconselhava a deixar de trabalhar e ela insistia em continuar mesmo sem vencimento.

Os filhos abandonaram a escola por falta de condições

Lídia afirmou que, apesar de os últimos nove anos serem apenas de tristeza, ainda guarda esperanças de um dia ser indemnizada. Para além da alimentação, a sua maior preocupação é como é que vai sustentar as crianças, sobretudo agora que deviam frequentar o ensino secundário. Algumas interromperam os estudos supostamente por falta de condições. A senhora disse que dos seus filhos, apenas uma menina, a mais velha, continua a estudar e frequenta o ensino superior, mas o pagamento de propinas tem sido um autêntico problema.

TPM introduz carreiras executivas de 70 meticais

A Empresa Municipal de Transportes Públicos de Maputo (EMTPM) introduziu carreiras executivas diárias para os passageiros com maior poder financeiro, a um preço de 70 meticais por viagem entre Maputo e Matola, contra os sete meticais e cinquenta centavos praticados em autocarros normais. Neste momento, os serviços só estão disponíveis no trajecto que parte da Vila Olímpica, no bairro do Zimpeto, à Praça da OMM, no centro da capital moçambicana. Contudo, ainda este ano está prevista a introdução de outros autocarros na rota Maputo-Matola até Tchumene.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguzeu

Segundo a presidente do Conselho de Administração da EMTPM, Maria Iolanda Wane, os serviços são personalizados e foram criados com o objectivo de atender a um segmento da população constituído por trabalhadores e estudantes que tenham condições financeiras para pagar uma tarifa diferenciada em relação ao transporte normal. Simultaneamente, a iniciativa constitui uma fonte alternativa de receitas para a firma.

Em conferência de imprensa havida esta segunda-feira, 06 de Maio, em Maputo, Maria Wane estimou que a EMTPM irá, mensalmente, por via das carreiras recém-introduzidas, recolher uma receita que tenha um contributo de cerca de cinco por cento do total dos rendimentos diários cobrados, o que poderá, de alguma forma, aliviar as despesas correntes de funcionamento.

Num outro desenvolvimento, a fonte que falava a jornalistas disse que a edilidade pretende com a iniciativa oferecer alternativas de transporte mais baratas, em comparação com o táxi, ao público-alvo para o qual o serviço executivo é direccionado e fazer com que os que têm carro próprio optem também pelo autocarro e poupem custos.

TPM volta a circular na KaTembe

Maria Wane disse ainda que a Empresa Municipal de Transportes Públicos de Maputo reiniciou, no dia 02 de Maio em curso, o serviço de transporte de passageiros na KaTembe, que outrora foi interrompido devido à precariedade das vias de acesso. Neste momento, estão a operar em duas rotas, nomeadamente da Ponte-Cais até Ka Elisa, numa extensão de 15 quilómetros, e da Ponte-Cais ao bairro Ka Missava, num trajecto de 7.5 quilómetros.



Tráfego condicionado na Avenida da Angola e na EN1

O município de Maputo vai, a partir de 20 de Maio em curso, condicionar a circulação de veículos nas avenidas de Moçambique (EN1) e de Angola, por um período de um ano, devido aos congestionamentos que diariamente se registam nas duas vias. A medida, que vai ser ensaiada no dia 18 do mesmo mês, cessará quando as obras de construção da Estrada Circular de Maputo estiverem concluídas.

Segundo o vereador dos Transportes e Trânsito no Conselho Municipal de Maputo, João Matlombe, na Avenida de Moçambique, o condicionamento do tráfego vai acontecer no período das 6:00 às 08 horas, a partir do bairro George Dimitrov (Benfica) até Inhagoia, o que significa que as três faixas de rodagem, no sentido Norte/Sul, só irão servir para escoar o trânsito em direcção ao centro da capital moçambicana.

O esquema projectado para escoar o tráfego nesta via será igual ao que está a ser implementado na Estrada Nacional Número 4 (EN4), a partir da Portagem de Maputo, desde 2011. Em relação à Avenida da Angola, toda ela estará condicionada ao tráfego das 06h00 às 08 horas e as viaturas só poderão circular

no sentido Norte/Sul, a partir de “007” até à Avenida Joaquim Chissano, explicou Matlombe, acrescentado que, na mesma via, os veículos deverão tomar o sentido inverso, Sul/Norte, das 15h00 às 17horas e 30 minutos.

O vereador disse igualmente que o acesso à Avenida da Angola durante as horas de ponta deverá ser feito através da Avenida Acordos de Lusaka, que apresenta um fraco fluxo de viaturas que saem da urbe pela manhã.

De 2000 a 2011, o parque automóvel na cidade e província de Maputo aumentou em aproximadamente 450%, o que significa um incremento médio anual de cerca de 104%, disse Matlombe, para quem, neste momento, a circulação na Avenida de Moçambique é feita a uma velocidade de 20 quilómetros por hora, uma fraca capacidade de fluidez do trânsito e abaixo do normal.

Na Avenida da Angola conduz-se a uma velocidade de 10 quilómetros por hora, contra o normal, que é de 50 a 55 quilómetros pelo mesmo período de tempo. Devido à saturação do tráfego nas referidas vias, actualmente, fazer movimentos pendulares na cidade de Maputo (casa-serviço e serviço-casa, dentre outros) obriga a consumir, pelo menos, duas horas no trânsito, o que perfaz cerca de dois dias perdidos por mês só no congestionamento, segundo as estimativas da edilidade.

Refira-se que o município de Maputo está a sensibilizar os cidadãos para denunciarem casos de encurtamento e desvio de rotas.

A pessoa que tiver conhecimento ou que for vítima de uma situação idêntica deverá contactar a Polícia através dos números 845327497 e 828586230, indicando a matrícula e a direcção da viatura que estiver a cometer a irregularidade.

Recomenda-se igualmente que os utentes dos transportes públicos não paguem a passagem antes de chegarem ao destino.

Governo aprova reajuste salarial na Função Pública

O Governo moçambicano aprovou, esta terça-feira, 07 de Maio, com efeitos a partir de Abril último, a nova tabela de salários para a Função Pública, com o sector da Saúde, especificamente a carreira dos médicos, e o ensino superior, a um tecto máximo de reajuste de 15 por cento.

Texto: Redacção

Vitória Diogo, ministra da Função Pública, explicou, no final da sessão do Conselho de Ministros, que a aprovação do reajustamento salarial tomou em consideração a necessidade de garan

tir a sustentabilidade, permitir a competitividade, a mobilidade, a retenção de quadros e incentivar as promoções e pro-

gressões, assegurando empregabilidade e crescimento profissional dos funcionários. Neste contexto, para as forças de defesa e segurança o reajuste foi de nove por cento. Segundo a ministra, a percentagem de 15% aprovada para os médicos tem em vista acabar com os desníveis que se registavam no sistema da Saúde, onde trabalhadores da mesma categoria recebiam um salário base diferente.

A governante explicou ainda que as diferenças estão apenas no tipo de subsídio que cada sector possui. Entretanto, todas as subvenções recebidas fora do sistema serão retiradas, excepto a de localização que será calculada de acordo com o salário base.

“O Governo não pretende criar perturbações àqueles que tinham um subsídio fora do sistema, por isso, será desarmado gradualmente, começando este ano uma percentagem igual àquela que vai ser de reajuste salarial e os sectores são conhecidos”, disse a ministra.

A timoneira da Função Pública sublinhou o facto de todos os reajustes, ora aprovados, estarem acima do nível da concertação social que é de sete por cento. Para Diogo, o ajuste entre a carreira médica e a da magistratura será feito de forma gradual e faseada porque ainda não há condições para ser aplicado de uma única vez. “Este aumento na Saúde e na Educação é superior à taxa de concertação social fixada em nove por cento

e a carreira médica com 15 por cento que é para acertar os desníveis que existiam dentro do mesmo grupo.”

Na mesma sessão do Conselho de Ministros, o Executivo aprovou o decreto de “alteração e criação de grupos salariais e da tabela indiciária de determinadas carreiras de regime especial, do sistema de carreira e remuneração em vigor no Aparelho do Estado.”

Entretanto, o Governo determinou também que relativamente aos sectores cujas tabelas salariais não fazem parte do sistema e que recebiam de uma forma diferenciada, este ano não haverá reajuste.

“Penso que a galinha não guarda boas recordações de mim”

O Mercado do Povo é uma plataforma de contrastes sociais, uma das quais, a luta pela sobrevivência, influencia a vida de Silva Francisco Muchanga, de 21 anos de idade. No seu trabalho – degolar, depenar e vender galinhas – orgulha-se de “tratar” cerca de 150 frangos por dia. Não conhece o nome da sua profissão, mas aceita que o chamemos “o degolador”.

Texto & Foto: Inocêncio Albino



Questionado sobre se pretende mudar de trabalho, Muchanga comenta que “sim, mas não porque a actividade não seja benéfica. Quero ser professor de língua portuguesa. Planeio ingressar no ensino superior a fim de cursar filosofia ou psicologia. Gostaria de ter um emprego que me valha uma vida melhor”.

No princípio, o degolador – que já concluiu o ensino secundário – ensinava, a título particular, alunos do ensino primário.

Estes não o compensavam devidamente. Por isso, ainda que os 2.500 meticais mensais que ganha não sejam suficientes, Silva considera que está em melhores condições. “Aqui, eu recebo todo o meu dinheiro de uma só vez e não em parcelas”. É em pessoas como ele que as vendedeiras de comida compram as tripas por um metical e cinquenta centavos por unidade. No entanto, quando os meninos da rua lhe pedem demandam, às vezes ele dá-lhas.

“Todas as pessoas acham que posso exercer uma actividade humilde, desde que não roube. Não é possível que as pessoas me xinguem porque eu chego a ser muito melhor que os desempregados”, afirma o degolador que explica as impressões que as pessoas têm sobre o seu trabalho.

O fervor com que Silva se envolve para matar galinhas é ímpar. O que o marca nessa relação com a ave? “Penso que a galinha não guarda boas recordações de mim. Mas eu tenho boas lembranças dela, porque me tem dado o pão de cada dia”. Inte-

ressou-nos o tratamento que se dá aos muçulmanos que compram galinhas depenadas. Eles não admitem que o frango seja degolado por um não muçulmano, devendo-se seguir certos ritos.

Muchanga explica que há jovens islâmicos que por cinco meticais degolam as galinhas se o cliente não puder fazê-lo pessoalmente. Diz Silva: “Vou-lhe confidenciar um facto. Já degolei várias galinhas para os muçulmanos, mas nunca lhes aconteceu nada de ruim”. Residente do bairro de Benfica, Silva Francisco Muchanga nasceu a 28 de Fevereiro de 1992. Aprecia o futebol e, em Moçambique, é adepto do Clube de Desportos da Costa do Sol e a nível internacional apoia o Sport Lisboa e Benfica. É solteiro e não tem filhos.

Silva Francisco Muchanga tem convicções fortes. Na cidade de Maputo, com altos índices de desemprego, o jovem contorna a desonestidade realizando uma actividade humilde, mas digna. “Sou uma fera na actividade que faço”.

Para muitas pessoas, matar e depenar galinhas pode ser uma das piores actividades do mundo. Muchanga realiza-a de forma estratégica, a fim de atrair os clientes à sua banca.

“O único desafio é ter de acordar muito cedo. Todos os dias, chego às seis e saio às 17 horas do mercado. Não trabalho aos domingos”.

“Depenar galinhas é como se fosse ioga. É uma terapia que me relaxa. Depois voltarei para o meu lugar. O meu sonho é ser professor”, diz.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Se ela é seropositiva e eu não. Ela pode engravidar?

Olá leitores. Vocês já ouviram falar de Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos das Mulheres? Existem, sim, e estes direitos reflectem, para além de outros, o direito que as mulheres têm de tomar decisões autónomas (quando maiores) sobre o que eles fazem ou deixam de fazer dos seus corpos, incluindo a decisão sobre o sexo ou gravidez. Mas sobre isto podemos falar, e vocês também podem enviar-me mais perguntas a propósito. Esta coluna é destinada a responder a perguntas sobre a saúde sexual e reprodutiva. Se quiseres saber mais,

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Sou o Justino e tenho 39 anos. A minha mulher é seropositiva e eu não. Desde Novembro que ela está no TARV, mas queremos ter filhos. Como fazer? E porque há diferença do resultado, já que há muito tempo a gente não usava camisinha até quando soubemos do nosso estado. Ajude-nos.

Olá meu querido. Gostei da tua pergunta porque traz dois assuntos muito importantes. O primeiro assunto está relacionado com a Prevenção da Transmissão do HIV de mãe para filho e o segundo está relacionado com os casais com resultados diferentes. Na linguagem técnica, ao primeiro assunto chama-se Prevenção da Transmissão Vertical, que é possível ser feita e o vosso filho nascer completamente saudável. O que é importante, é vocês consultarem o médico que está a fazer o acompanhamento do tratamento anti-retroviral (TARV) da tua mulher para saber se ela está em boas condições de saúde actualmente para engravidar. Pode ser que tenham que esperar mais um pouco e engravidar mais tarde. Quanto ao resultado diferente, chama-se ao vosso caso “casais discordantes”. O vosso caso é raro mais não fora do comum. Há muitas pessoas que estão na vossa situação. O que acontece é que a infecção de uma pessoa para outra ocorre principalmente quando a pessoa que é seropositiva está com uma carga de vírus muito alta (não é possível saber sem fazer o teste e a contagem das células vivas – CD4, atenção). Outros factores também influenciam, como, por exemplo, se tu fizeste a circuncisão. A circuncisão reduz o risco de infecção pelo HIV. São algumas possibilidades. O mais certo mesmo é vocês consultarem o médico que está a acompanhar a tua mulher, e fazerem todas estas perguntas. Ele poderá, melhor que eu, explicar-vos porque vocês são discordantes. É importante, mesmo assim, que vocês continuem a praticar sexo seguro até estarem melhor informados. Parabéns pela tua coragem e não discriminação.

Olá Tina. Há uma menina que desde que começou a ter a menstruação não pára de sangrar. Já foi ao médico e este mandou tomar anticonceptivos. A menstruação parou um pouco, mas agora continua meses e meses. Que fazer?

Olá, teria sido interessante saber quantos anos tem esta menina de que falas, para que eu soubesse investigar as razões. O que teria sido também importante é saber se esta menstruação que sai é acompanhada de dores na zona do útero. Em todo o caso, eu investiguei e essa situação não é nada normal. A literatura diz que essa situação pode ser causada por alguma lesão (infecção, ou algum tipo de ferida, chamemos assim) no útero ou resultado de miomas ou quistos. Ela deve voltar imediatamente ao hospital e pedir que lhe sejam feitos exames no útero para saber qual deve ser a anomalia que lhe causa hemorragia. O diagnóstico médico especializado é urgente, porque as causas podem afectar a capacidade de ela, no futuro, engravidar. Boa saúde para esta menina.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de SMS para **6640** ou Internet **http://mozmed.com/** e receba resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Cidadania

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

A Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) vai solicitar às Nações Unidas a devolução das suas armas, entregues ao governo moçambicano após o fim do conflito armado em 1992, disse nesta Sexta-feira (3) o porta-voz da força política.

“As armas da Renamo foram entregues às Nações Unidas. As Nações Unidas entregaram estas armas à Frelimo e são estas que nos estão a combater. Já que as coisas estão neste pé de sermos combatidos por aquelas armas que foram nossas, exigimos às Nações Unidas que nos devolvam as nossas armas também para nos defendermos”, disse Fernando Mazanga.



Pedro Cossa Eu conheço bem as Nacoes Unidas!

Vao se entregar as armas à Renamo! Akeles das NU, Gramam d vuku vuku nos países pobres para tirarem proveito! Ate os gajos vao entregar armas novas e modernas! Gosto · 8 · Domingo às 21:09



Abdul Latif Sem comentários. Falam em guerra como se fosse brincadeira. Até aonde vai esse desejo de governar?

Que direitos são esses que matado os outros se satisfazem? Será que tem família essa gente? Essa gente precisa de psicólogos do que de armas.... Gosto · 7 · Domingo às 20:42



Fernanda Miquitaio Acino por baixo! Gosto · 1 · Domingo às 21:06



Alberto Clemente Machube Tem razao ele pensarem em guerra estao em idade

avancada a cheirar umidade d terra (tsongo) dixem pelo tmbem ter cabelos brancos pssso nao ter olhos d madeira por falta d mla. Domingo às 22:20



Jose Verniz Timoteo ovella mas esses gajos da renamo de verdade

verdadeira batem 100? estamos em paz ou eles ja esqueceram que assinaram um acordo de paz? dizem-se pais da democracia mas que pais democratico é esse que a oposicao faz pedido as nacoes unidas para que a oposicao forme um exercito armado? PAPAI MAZANGA, a ma guguela yaku ma ku karathela madala. Gosto · 2 · Domingo às 23:19



Messy Mabote Eu quero mnha ak47, mnha sniper e minha lanca granada tmbm e legoo jogar call of duty...

Gosto · 3 · Domingo às 21:08



Jacinto Mulima Nao ha espaco pra guerra em Moz. Ai de que ousar em me provocar!

Gosto · 3 · Domingo às 21:03



Domingos Cristovão Sauassaua Ñ

havera guerra so são abates. Gosto · 1 · Domingo às 20:57



Valdez Estevao Bubutela hei keep calm guys

Domingo às 20:52



Alvaro Gomes Nhapulo Esse já nos deixou a muito

tempo. Vã mais é fazer alguma coisa útil pah. Chega de ameaças, faça política com cabeça, tronco e membros Ontem às 10:14



Geraldo Julio Mareleco

Sinceramente Mazanga essas armas vao trazer felecidade pra ti? Pra mocambicanos? Nao tercam a razao. O povo ja estava convosco Gosto · 1 · há 21 horas



Original Skill N'flow é melhor internar num

hospital psiquiatrico esse Sr. Mazanga... Gosto · 2 · Ontem às 8:55



Lito Antonio Magaia Bons

tempos d paz la s forao cm papa chissano,o velho guebuza n consegue dar contas país. Gosto · 1 · Ontem às 8:20



Joao Antonio Bambo Peço o

Governo do papá Chissano pra devolver-nos a paz. O paizinho Guebuza nao está a conseguir carregar o barco. Gosto · 1 · Ontem às 5:54



Mironaldo José a minha sugestao e

levarem esses dois colocos "guebas e macache" pra um lugar abandonado, uma arma pra cada 1 com 6 balas. Se cacam e quem for morto adeus ao seu regime. E deixam desta forma o povo tranquilo. As vossas diferencas nao sao as nossas, apesar de eu achar que sao a mesma merda em latrinas diferentes Gosto · 1 · Domingo às 22:09



Alberto Clemente Machube Nao se

preocupem ja se adiou a guerra por falta d mata. Fica para a proxima ocasiao Gosto · 1 · Domingo às 21:40



Ibraimo Unaiss Se vão exigir armas

deiam uma para mim para também me defender Gosto · 1 · Domingo às 21:31



Narzya Francelyna eish! e o povo fka

feito ao bife e esborrado d verde por causa d palhacadas d pssoas grandes. isso so acontece no pais d pandza mxm! Domingo às 20:53



Adamugy Brito Cade a Paz

Domingo às 20:44

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade RT @DesportoMZ: #CAFConfederation-Cup acaboooooooooooooooooooo Wydad 3-1 @LigaMuculmana agregado 3-3 nossos representantes apuram por haverem marcado golo no Marrocos



Simone Adriano

Estive a espera de ver este resultado e do Barça agora posso dormir. Apuramento duro mas merecido, fora de casa é dificil jogar. Parabens Gosto · 3 · Domingo às 23:09



Gpro Giants Producoes Os 8

minutos de compensação foram justos? Se sim, mais uma vez mostramos (mocambicanos) que somos fortes... se não, que somos fortíssimos Gosto · 2 · Ontem às 8:52



Jose Verniz Timoteo parabens

Gosto · Responder · 1 · Domingo às 23:12



Mabasso Kokougene forxa

LIGA MUÇULUMANA. Boa sorte mais adiante Gosto · 1 · Domingo às 23:12



RicoBoss Nhantumbo

Parabens a liga q esta a dignificar o futebol alem fronteiras ha muito q as equipas mocambicanas nao chegavam a esses patamares q a LDMM antigiui forca bravos rapazes Gosto · 1 · Ontem às 9:32



Jose Samuel Vania José Forcaaaa nao

desistem pork vces representam a patria amada bom trabalho. Ontem às 8:09



Erasmo Bone Alicene

"Ninoutamalelane", Liga Muçulmana. Ontem às 5:05



Dimmu Gujamo Esses logo ve-se

que nao sao mocambicanos, nao tem muito azar... Enfim, parabens, os jogadores que foram levar do meu Maxaquene, estao a lhes servir bem... Domingo às 23:47



Ambumba Argentino

Djzakaallah. Liga. Domingo às 23:40



Valerio Adolfo LDMM forxa

Domingo às 23:30



Tonny Junior Força

miúdox, orgulho d Moz. Domingo às 23:23



Inacio Chire Parabens Liga.

Voces nos orgulham. Gosto · 1 · Domingo às 23:13



Oscar Monteiro Macamo

Parabens nossos representantes há 4 horas



Mario Emerson Langa filing

liga muculmana há 17 horas



Castelo Guilherme Guilherme orgulho

provisorio..ja xtamx habituadx+ forxa liga... sede de alegria desportiva nutre dentro de nox....forxa há 17 horas



Basilio Cossa obrgad liga, voces

demonstraram mas uma vez que o mocambola é mto pequeno e xatao a comptir sozinhos, prcisam duma coisa ao vosso nivel k sao as comptcoes africanos, viva há 22 horas



Adao Abissolome equipa mais

organizada que a seleccao do seu proprio pais. há 22 horas



Fernando Cuche Miro nao vendeu

nenjum golo há 23 horas



Emc Fofinho Mais

forca ai orgulhosamente Moz há 23 horas



Acursio Luis good,

very good Ontem às 11:02



Sergio Baptista Angelo Angelo

Forca liga muçulmana, o pais xta convosco, claro eu eu tambem Ontem às 10:33



Mikel Butas ixo ek

e.! Futebol Moz crescendo, GOSTO FORCA LIGA MUÇULUMA..

rumo a faze d grupos, venha quem vier HI TA BA Ontem às 10:31



Wesley Kia serio n

esperava! Ontem às 10:23



Bernardo Dos Santos Jorge Boa

xena L. Muçulmana.... muit frxa!!! Ontem às 10:12



Ralf MBaruco Parabens Liga M.

Forxa, siga em frente Ontem às 10:10



Lucas Andre Nguenha

Forxa vingaram-nx Ontem às 10:07



Filomeno Ricardo Langa Valeu a liga

não ganhou a liga mas sim ganhou moz ...assim

outros vão cobicar aí nosso futebol vai crescer.. valeu tão de parabéns Ontem às 10:03



Guifty Estevao Forxa liga kntinue a

rprezntar nx d mlhor maneira poxive Ontem às 10:00



Telles Flores parabens Liga!!!

Gosto Ontem às 9:09



Zefanias Utui Força

liga ... Ontem às 9:05

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADAO REPORTA: o senhora esta gravemente doente na paragem da Matola 700 para ir ao Hospital Jose Macamo. Disse-lhe que aqui ha hospital com ambulancia mas ela diz que ambulancia nao sai agora com apenas um doente!



Jojo Soares Entao

ambulacias agora sao chapas...que so saem depois de completarem a lotacao. Gosto · 7 · Ontem às 8:49



Tony Costa Triste. Gosto · 1 ·

Ontem às 8:39



Ckla U Dhyo Onde

é k esta o sentido de Servidores do Estado? Como é k uma ambulância só sai se estiver cheia? Serão estas as medidas são no âmbito da contenção, ou tão mas é a gerir o combustível pra outros fins? Alias, contenção que só existe para o povo... Triste cenário! Mão na consciência, e façamos da próxima uma melhor escolha! A solução ta nas nossas mão! Cadê a Inspeccao da Saude? Gosto · 2 · Ontem às 9:46



Edilio Didizinho Muchanga Ta

parecer que a ambulancia irá encher de cadáveres isso sim...porque quando eles passarem para pegar a Sra. Pode ser tarde. Yuwii pah! Gosto · 2 · Ontem às 9:15



Valett Jame's VJ Esses oferecem o

problema dpj vendem a soluxao. Ontem às 8:49



Valett Jame's VJ Yuh oque ek é isso

gente. É por isso que quando o país tem um problema nao resolvem antes d akumularem se maix problemax. Ontem às 8:48



Pedro Mandlate Eu

ja passei por quando quebrei o meu pé direito fiquei tanto tempo sentado n hospital porque o Ambulance nao podia sair com uma pessoa so eu a sentir dores bem forte n perna tive que suportar Ontem às 9:07



Bino R Macuacua Isso so espelha o

quao certas pessoas sao inigligentes no seu posto de trabalho,,, k trist há 19 horas



Sharry Omaar Dtesto tdo

atndimento prstado em tds hosptais publicos dst país, mas Ze makamo tnho nojo.akilo é um antro d maldad há 22 horas



Lopes Silica Jr. o

QUENZIZESTE PARA AJUDAR? NADA. PEGASTE LOGO NA CAMERA E TIRASTE FOTO PARA FOCAR NO MURAL DA verdade. mocambicano pah Ontem às 10:30



Rui Jorge Neves devem estar a

espera q o pobre do doente morra assim tem menos trabalho. que desgraça é muito triste isto Ontem às 9:13



Erasmo Bone Alicene

Boquiaberto! Ontem às 9:12



Alson Culhe ambulancia serve

pra transportar gado roubados em Magudi Gosto · 1 · Ontem às 9:08



Juvenal Nhakene O

pior nem sao elex proprios k abastecem exej karrux.

FAKAS PHA EXEJ GAJOX. Afinal d cntaj pork existem

ambulanzias? Sentem se a perdr por transfirir doentex

pha outro hspital? Exej gajox so usam exaj ambulnixiaj pha

paxearem por toda city Gosto · 1 · Ontem às 8:53



Adriano Manjate É

muito triste o que acontece no nosso moz com tanto imposto que cobra chega nao justificar

nada. Ontem às 8:53



Juvenal Nhakene Vergonhozo ixu,

creio k nexpe period d manha nao é facil apanhar xapa. Sera k alguem pd perdr

a vida por icpetenxia d alguns trablhadrx d governu, Gosto · 1 · Ontem às 8:50



Ivone Domingas Mungoi Porra

maning of. Mas ela devia tar dentro d hospital p

algumas observacoes enknto xpera ambulancia. Ontem às 8:48



Levy Mabjaia medicos sem

vergonha e sem sentimentos. k triste. Ontem às 8:44



Zeyn Loonat E

ainda aparecem uns a dizer que o estado da nação é

bom Gosto · Responder · 1 · Ontem às 8:43 através de

telemóvel



Mungoi Jr Ozias Muito triste isso. E

olha que ha muita gente com carro que podia

ajudar mas e' cada qual por si. Deus ajude essa senhora

Selo d'@Verdade

Renamo

Leio no Jornal de Notícias online de Portugal que a Renamo, na voz do seu líder, Afonso Dhlakama, garante que “nunca vai haver mais guerra, mas não está nada satisfeito com a situação e é preciso que sejam resolvidos rapidamente os problemas pendentes” que dizem respeito à composição dos órgãos eleitorais. Enfim...

Se Dhlakama estiver a falar a sério, não me restam mais dúvidas de que a Renamo será sempre a Renamo: um partido indisciplinado, incompetente e sem programa claro! Acima de tudo, um partido desatento.

Pois se a Renamo tivesse tirado alguma lição destes quase 20 anos de democracia em Moçambique, então, a esta altura, já saberia que democraticamente, através de eleições, não iria bater a Frelimo. Jamais! Não conseguiria bater um partido que capturou o Estado e que se confunde com o mesmo. Não jogando o jogo desse partido – que é o “Jogo Democrático para a Comunidade Internacional Ver”.

Primeiro, porque a Frelimo vive sabotando a Renamo e com planos de reduzir “a oposição à insignificância”, de modo que desapareça nos próximos anos.

Segundo, porque a Renamo não tem dinheiro que lhe permita construir uma estrutura funcional para bater a Frelimo. E também não é “aliciante” financeiramente quanto a Frelimo, que controla os negócios do Estado e, deste modo, tem o poder de decisão sobre o “destino económico” dos moçambicanos. Ou seja, a Renamo não tem dinheiro nem tem um meio de intimidar economicamente os moçambicanos para que lhe sejam fiéis.

Terceiro, porque a Frelimo ainda é um partido armado – armado via Estado. A Frelimo controla o Exército, a Polícia e o Serviço de Informação e Segurança do Estado (SISE). E, através destas forças, controla aos moçambicanos. E a Renamo, a quem controla?

E, quarto, porque, com a sociedade civil moçambicana, está claro que não pode contar. Sociedade civil mais estática e/ou medrosa e/ou complacente e/ou facilmente corruptível como a moçambicana não existe. Aliás, a sociedade civil moçambicana sempre marginalizou a Renamo e todos os outros grupos/movimentos que se atreveram a criar algum tipo de insubordinação ao Governo da Frelimo. Sem ignorar que foram os moçambicanos que deram maioria qualificada ao partido Frelimo no Parlamento moçambicano.

Portanto, não será mudando a composição dos órgãos eleitorais que vão fazer frente à Frelimo com possibilidades de sucesso nas eleições.

A Renamo só tem a si mesma para desbancar ou equilibrar a Frelimo no poder. Sendo mais claro: a Renamo só tem as armas para ou tomar ou forçar alguma coisa neste país.

E mais: na tal matéria do Jornal de Notícias, Dhlakama é citado como tendo referido várias vezes as diferenças entre o sul e o norte, sugerindo que a Frelimo pretende destruir o norte nos próximos 20 anos.

E eu questiono: com tudo isto, a Renamo e Dhlakama só estão a bater-se pela composição dos órgãos eleitorais?!

É que, chegados à situação actual de conflito iminente, ainda que não tenha possibilidades de vencer militarmente a Frelimo, se ambiciona subir ao poder um dia ou, pelo menos, fazer cair a Frelimo, a Renamo não pode vacilar agora.

De qualquer das maneiras, a Renamo é um partido liquidado, não vai ganhar as eleições neste país – não com esta geração de dirigentes, e, para piorar, quando esta geração desaparecer, vai desaparecer o partido também –, por isso, penso que não tem nada a perder. Podem escolher entre ou morrer tentando derrubar a Frelimo ou viver como perdedores.

Entretanto, como temo que este partido seja de perdedores natos, certamente chegarão a mais um acordo com a Frelimo que, posteriormente, não será cumprido. E esta terá sido mais uma oportunidade de efectivamente se efectuar e/ou forçar mudanças neste país desperdiçada...

Niosta Cossa

Ao Senhor Leopoldo da Costa,

Por vezes deparamos com situações que não se enquadram na nossa forma de pensar ou que na verdade não entendemos, desembocando na indignação. Por isso, estou aqui, mais uma vez, para demonstrar essa tamanha indignação para com o senhor Leopoldo da Costa, que sem vergonha na cara depositou a sua candidatura camuflada de um dos representantes da sociedade civil que, apesar das suas conhecidas ligações com partido no poder, foi seleccionado para surpresa de todos entre os 29 candidatos iniciais. Como não ficar indignado com essa palhaçada?

Mas o seu problema é o nível da sua arrogância que é tão elevado, que se acha no direito de querer a todo o custo perpetuar-se na Comissão Nacional de Eleições, a fim de dar prosseguimento aos compromissos de toda a ordem, que em nada vão possibilitar a credibilidade de eleições justas e transparentes. Mas a decepção e a indignação são as palavras que melhor se adequam à sua situação actual.

Por isso, o bom seria retirar a sua candidatura! Retirar porque honesto e imparcial o senhor não é. Não é porque, na qualidade do presidente da CNE, ficou figura de destaque no Congresso, flagrado trajando uma camiseta do partido no poder. Como explicar isso? Como confiar numa pessoa que mentiu que fazia parte da sociedade civil? A que sociedade civil o senhor pertence? ONP? Mas a ONP está desapontada consigo e diz que “jamais tramitou qualquer expediente relacionado com a candidatura de quem quer que fosse, incluindo do senhor”. Como interpretar isso? Será que com a sua reeleição teremos garantias de que serão tomadas medidas e consagradas as “condições” para que o acto eleitoral de cidadão moçambicano possa ser considerado “transparente, livre e justo”? Será que consigo, não haverá possibilidade de fraude e de irregularidades? Quem garante isso?

Mas na verdade o senhor não está a aguentar com a pressão e não desiste porque falta-lhe a coragem, e tem medo de decepcionar a nomenclatura que a colocou a custo zero. Mas não adianta insistir porque a falta de honestidade levou-o a favorecer os acólitos de “patrões estrangeiros”. Apesar da sua teimosia em querer continuar e da sua filiação ao partido no poder, saiba que o povo moçambicano já acordou. Já acordámos e descobrimos que Moçambique não é apenas vermelho. Por isso, nós os atentos, estando cansados de ser cúmplices de palhaçada e de digerir todo este festival de distracção, e fazemos um apelo ao senhor para renunciar à sua candidatura.

Retirar-se porque como o tempo passa, o senhor muda de cor como se fosse um camaleão, deixa de ser patriota racional para ser mendigo e bajulador em nome do poder. Onde está o seu respeito pelos valores da sociedade e pela ética que aprendeu nas escolas em que estudou? Tudo se perdeu em nome do dinheiro e da vida fácil. De que vale ter passado anos a fio a gastar as pestanas nos livros? De que valeu o sacrifício do seu nível académico?

Isso tudo para dizer que o senhor Leopoldo da Costa, como sabe muito bem, não tem condições morais para se recandidatar a um órgão que se quer sério e imparcial como a CNE.

Portanto, os pleitos eleitorais, por representarem o momento soberano para o povo fazer a avaliação, não podem ser geridos e dirigidos por pessoas com militância partidária comprovada. E escrevemos para denunciar e travar essa ilegalidade que envergonha o povo moçambicano.

Gaby Lomengo

1º de Maio: mesmos problemas, sem solução

Mais um 1º de Maio! Dia Internacional dos trabalhadores, igual a todos os outros para o nosso país, pois reivindica-se e tudo continua na mesma.

Sempre que aproxima o 1º de Maio, o debate é o mesmo e tudo gira em torno de ajustamento do salário mínimo, melhoria das condições e conflitos laborais, protecção do trabalhador e, posto isto, ninguém mais toca no assunto e continuamos a assistir ao sofrimento e exploração a que o trabalhador moçambicano está sujeito.

Na Praça dos Trabalhadores, na baixa da cidade de Maputo, e noutros pontos do país, os trabalhadores fazem-se ao desfile exibindo dísticos com cada dizer... “abaixo isto, abaixo aquilo”... “querem melhores condições”... “chega de discriminação”, “exigimos justiça social”, “miséria imerecida”, entre outras falácias que já nos habituaram quando chega esta data e, no final das contas, ninguém responde a seu favor. Tudo continua na mesma como se nada tivesse acontecido.

No meu ponto de vista, tudo contraria o significado desta data, sobretudo o porquê do dia 1º de Maio ser dia do trabalhador? Em Chicago, nos Estados Unidos,

os trabalhadores saíram à rua, protestando a redução da carga horária, de 16 para 8 horas/dia, para além das condições de trabalho. Aí houve tumultos e muito trabalhadores morreram fazendo tal exigência que veio a concretizar-se, ou seja, acabou sendo satisfeita a vontade da classe. E assim nasceu o 1º de Maio, no mundo.

Hoje, nalguns países, para não falar da maioria deles, boa parte das reivindicações é satisfeita, mesmo “fora” do 1º de Maio, e para o nosso caso os patrões continuam a fazer ouvido de mercador. Estamos mal.

Entretanto, no último desfile do 1º de Maio, que aconteceu na Baixa (última quarta-feira) assisti a um caso insólito. Trabalhadores de diferentes empresas a conflituarem-se por causa das camisetas que habitualmente as empresas oferecem nesta data, pois chegavam para todos e acusavam-se de desvios.

Ora, o dinheiro de almoço cedido pela empresa não chegava para todos, ora porque o montante fixado para cada um baixou de forma surpreendente na hora de distribuição... enfim uma situação triste que revela quão o nosso trabalhador sofre. Revela quão o nosso trabalhador continua a ser explorado, acabando por se

roubarem entre si, por causa desta fome que impera já há anos.

Outro senão tem a ver com os professores, afinal de contas, estes não são trabalhadores? Passam anos, não vemos nenhum movimento da ONP nestas lides, nem escola, nem professor... como se estivessem sido excluídos. Não entendo. Será por causa do 12 de Outubro que é a data comemorativa desta classe? O 1º de Maio é para todos os trabalhadores, independentemente de quem tem uma data específica de comemoração.

Talvez seja por causa daquela velha máxima a que os nossos dirigentes nos habituaram: não há verba para este efeito, devido à conjuntura económica. Subentendo que o 1º de Maio é para as empresas privadas, elas é que aderem em massa e, o coitado da função pública, para além do aumento salarial que sempre é fixado nos mínimos, agravando-se a sua pobreza, vê os outros compatriotas desfilando pela televisão. Estamos mal.

Mais não disse.

Alcides Bazima

Democracia

“Há pouca informação sobre a tuberculose no país”

Moçambique é um dos 22 países que registam maiores casos de tuberculose, sendo que o nível de prevalência é de 460 por cada 100 mil habitantes. Destes, 127 resultam em óbitos. Para o director-geral do Movimento Contra a Tuberculose, uma organização sediada na cidade da Matola, Eugénio Juliasse, esta situação é reversível porque esta doença é prevenível e tem cura. Na opinião do nosso entrevistado, esta situação deve-se, em parte, à falta de informação sobre a tuberculose. “Há mais informação sobre o HIV/SIDA do que em relação à tuberculose, mas as pessoas ignoram um facto”. “Os casos tendem a aumentar, mas isso deve-se ao facto de a tuberculose estar associada ao HIV e SIDA. Outra questão que contribui para o aumento de casos desta doença tem a ver com as condições das nossas casas, que não têm janelas suficientes. Quando isso acontece, o bacilo torna-se resistente”, afirma.

Texto: Redacção • Foto: Cedidas pelo Movimento Contra a Tuberculose

@Verdade: O que é o Movimento Contra a Tuberculose e quando é que foi criado?

Eugénio Juliasse (EJ): Movimento Contra a Tuberculose é uma organização de carácter social, sem fins lucrativos, e tem como objectivo a promoção da saúde pública, com maior enfoque para a tuberculose. O mesmo foi fundado em 2007. Dado curioso é que esta organização foi criada por antigos pacientes.

@Verdade: Que trabalhos tem levado a cabo o movimento?

EJ: O Movimento Contra a Tuberculose desenvolve trabalhos ligados à saúde pública, tal como tinha dito. Tais trabalhos incluem a sensibilização, pesquisa e monitoria e advocacia sobre a boa governação na área da saúde, mas que têm a ver com a tuberculose.

@Verdade: Qual é a vossa visão como movimento que desenvolve trabalhos ligados à saúde pública?

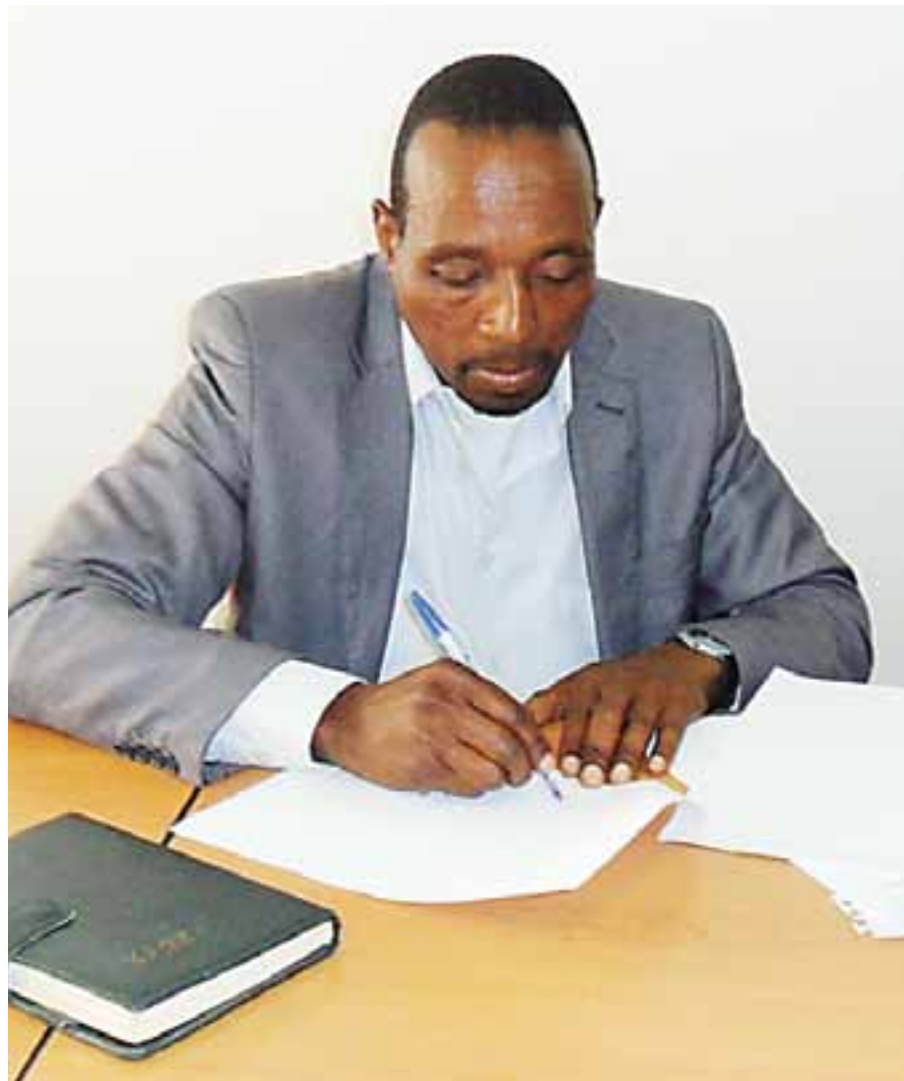
EJ: Pretendemos ser um interlocutor válido, capaz de contribuir para a solução dos problemas que afectam o nosso grupo-alvo, que são as pessoas que padecem de tuberculose, e a sociedade no geral. Igualmente, pretendemos interagir com as entidades governamentais e não governamentais sobre questões relacionadas com a saúde pública, com destaque para a tuberculose.

@Verdade: O que terá levado os antigos pacientes a criarem o Movimento Contra a Tuberculose? Terão notado alguma anomalia nos serviços prestados nas unidades sanitárias onde faziam o tratamento?

EJ: Bem, eles foram influenciados por aspectos negativos e positivos. Havia problemas de atendimento, demora no diagnóstico, estigmatização e falta de cumprimento quanto à medicação.

@Verdade: Qual é o principal problema com que as pessoas que padecem de tuberculose se debatem?

EJ: O principal problema é o estigma por parte da sociedade. As comunidades precisam de saber ou conhecer os sintomas da tuberculose, pois esta doença tem de ser diagnosticada precocemente, apesar de



ter cura. Quanto mais cedo se fizer o diagnóstico, melhor.

Mas, para além de ter cura, ela tem de ser conhecida. As pessoas não sabem o que fazer para evitar que ela se propague. Mesmo ao nível dos media, este assunto não é divulgado. É preciso despertar a sociedade para a necessidade de se difundir mais informações acerca desta doença.

@Verdade: Qual foi o principal problema que identifica(ra)m nas unidades sanitárias durante a realização dos vossos trabalhos?

EJ: Para além da demora no atendimento e diagnóstico, deparámos com a ruptura de medicamentos. Este é um problema reconhecido até pelo Ministério da Saúde.

@Verdade: Qual é a tendência da tuberculose no país?

EJ: Os casos tendem a aumentar, mas isso deve-se ao facto de a tuberculose estar associada ao HIV/SIDA. Outra questão que contribui para o aumento de casos desta doença tem a ver com as condições das nossas casas, que não têm janelas suficientes. Quando isso acontece, o bacilo torna-se resistente.

A falta de informação é também uma das causas. Há mais informação sobre o HIV/SIDA do que em relação à tuberculose, mas as pessoas ignoram um facto. Para contrair o HIV/SIDA, é necessário manter relações sexuais com uma pessoa infectada. Falo do sexo por ser a principal via de transmissão. Mas um tuberculoso pode contaminar mais de 50 pessoas só por estar numa sala fechada, ou por tossir. O facto de estarmos num “chapa” com as janelas fechadas constitui um perigo.

Resumidamente, o aumento de casos da tuberculose deve-se à falta de informações e à chegada tardia dos pacientes às unidades sanitárias. Eles chegam já na fase terminal.

@Verdade: As nossas cadeias estão superlotadas e isso constitui um campo fértil para a propagação da tuberculose. Já desenvolveram algum trabalho a nível dos centros prisionais?

EJ: No princípio deste ano, trabalhamos em coordenação com a direcção da Cadeia Central. O projecto está numa fase embrionária. O que pretendemos é formar os funcionários e depois os reclusos.

@Verdade: Quais são as províncias mais afectadas?

EJ: As províncias que apresentam maiores casos de tuberculose são: cidade de Maputo, Gaza, Sofala e Maputo. Facto curioso é que o aumento destes casos está ligado à grande capacidade de resposta ao diagnóstico que estas províncias têm.

Em termos de regiões, as províncias do sul e centro são as que maior prevalência, com 46 e 37 por cento, respectivamente.

“A distribuição dos serviços de tratamento da tuberculose não é satisfatória”

@Verdade: Qual é o nível de distribuição dos serviços de tratamento da tuberculose?

EJ: Não podemos falar da situação no país por estarmos situados na Ma-

tola, mas no último estudo que realizámos na cidade da Matola constatámos que a distribuição dos serviços de tratamento da tuberculose não é satisfatória. Apesar de não ter sido feito em todo o país, o estudo pode ser representativo.

@Verdade: Qual foi a metodologia usada para a realização do estudo?

EJ: O estudo consistiu na colheita de opiniões dos utentes e trabalhadores dos serviços de tratamento da tuberculose.

@Verdade: Quando afirma que a distribuição dos serviços de tratamento da tuberculose não é satisfatória, o que quer dizer?

EJ: Pretendo dizer que a distribuição não é equitativa. Por exemplo, o país só dispõe de três máquinas G Xpert, instaladas nas cidades de Maputo, Beira e Nampula. Esta máquina é capaz de diagnosticar qualquer tipo de tuberculose em duas horas. Noutras unidades sanitárias, isso leva mais tempo, até semanas.

E as pessoas podem não entender as consequências de um atraso no diagnóstico da tuberculose. Há tuberculosos extrapulmonares, em que a pessoa nem tosse. Por isso é necessário que a sociedade tenha mais informações sobre esta doença.

Há fraca comunicação nas comunidades. Pouco se fala e há pouco conhecimento sobre esta doença. A sociedade não sabe como agir no caso de ter um familiar tuberculoso ou que já esteja em tratamento.

O outro problema, senão o principal, tem a ver com a ruptura de medicamentos. Eu já tinha mencionado esta questão.

@Verdade: Diz-se que os tuberculosos deviam seguir o tratamento em casa e não internados. O que se lhe oferece dizer?

EJ: Isso é verdade. O tratamento devia ser ambulatorio. Os pacientes não devem segui-lo internados.

@Verdade: Então, qual é a necessidade de termos o Hospital Geral da Machava, no caso da província de Maputo?

EJ: Há necessidade sim. É necessário perceber que o Hospital Geral da Machava foi concebido para internar os pacientes em estado avançado da doença. Nos casos em que o diagnóstico é feito muito cedo, a pessoa faz ou devia fazer o tratamento ambulatorio, com o acompanhamento de um técnico de saúde ou de um activista.

@Verdade: O Movimento Contra a Tuberculose tem activistas?

continua Pag. 14 ➔

Democracia

Há tribunais que não respeitam o princípio de acesso à Justiça

Na semana passada, o Provedor de Justiça, José Abudo, foi ao Parlamento apresentar, pela primeira vez, o seu informe anual, referente a 2012, e afirmou que há no país tribunais que não respeitam o princípio da garantia de acesso à justiça, segundo a qual “a protecção jurídica através dos tribunais implica o direito de, em prazo útil, obter ou fazer executar uma decisão judicial”.

Texto: Redacção

Este desrespeito, segundo entende, é parte dos “graves problemas estruturais dos tribunais nacionais, alicerçados em situações de denegação de Justiça”. José Abudo disse ainda que a instituição que dirige tomou a iniciativa de seguir alguns casos de “maus tratos a cidadãos praticados por elementos da Polícia da República de Moçambique (PRM)” depois de ter notado com a alguma frequência as notícias denunciando tais situações, sendo que neste momento alguns processos criminais e disciplinares aguardam desfecho.

No que diz respeito ao trabalho desenvolvido pelo Provedor de Justiça após a sua investidura, segundo o informe apresentado à Assembleia da República, de Junho do ano passado a Março deste ano, foram tramitados 61 processos relacionados com o direito à justiça e à segurança, com destaque para sete casos que incidiram sobre o conteúdo jurídico.

“Sobre os processos a correr os seus termos nos tribunais, a intervenção como provedor da Justiça limitou-se aos aspectos administrativos e ao eventual atraso judicial”, disse Abudo, que afirma, no entanto, ter tido uma colaboração satisfatória por parte do Conselho Superior de Magistratura Judicial, dos Tribunais Supremo e Administrativo, dos tribunais de recurso e alguns judiciais.

“Recebemos cinco casos por dia”

Durante o período compreendido entre Junho do ano passado e Março deste ano, o Provedor de Justiça diz ter recebido, em média, cinco casos por dia, e foram abertos no seu gabinete 249 processos provenientes de vários cantos do país, dos quais seis foram encaminhados a si através da Procuradoria-Geral da República, 13



pela Assembleia da República, 19 por correio e 211 foram entregues presenciais.

Contradições

Entretanto, os dados que constam do relatório apresentado pelo provedor, divididos por cada uma das províncias do país, apontam que foram recebidas 251 petições, queixas e reclamações, contra 249 a que ele se refere.

Destas, 160 provêm da cidade de Maputo, seguindo-se Maputo província com 39, Gaza e Nampula (13), Inhambane (08), Sofala (07), Manica (05), Zambézia (04), Cabo Delgado (02) e as restan-

tes províncias, nomeadamente Niassa e Tete não apresentaram nenhum caso.

O número de acções que se circunscrevem à cidade de Maputo justifica-se pelo facto de o gabinete do Provedor de Justiça ter a sua sede na capital do país e não ter representações a nível das províncias. Assim, os cidadãos que se encontram fora da capital e que pretendam reclamar os seus direitos fazem-no através dos tribunais, procuradorias ou mesmo pelo correio.

88 casos pendentes

De um total de 249 processos apontados como tendo sido abertos pelo Provedor da Justiça, 88 continuam pendentes e 161 foram concluídos. “Assim, os números apresentados permitem concluir que a regular actividade do Provedor de Justiça manteve a tendência para um aumento dos processos findos (64%) e redução da pendência para 88 (36%), num esforço dirigido aos processos iniciados em Junho de 2012”.

Um Provedor sem instalações próprias

No seu relatório, de 19 páginas, José Abudo deixou ficar a sua insatisfação pela falta de meios próprios adequados para o exercício da sua função, tendo apontado que o seu gabinete funciona actualmente num imóvel que lhe foi “gentilmente cedido” pelo Ministério da Justiça, espaço pertencente ao secretariado da Conferência dos Ministros da Justiça da Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP).

Para Abudo, a “falta de instalações próprias que proporcionem espaço para acomodar o Provedor de Justiça” é um dos principais desafios. Ainda na senda desta situação, ele apontou outros constrangimentos que constituem igualmente desafios para o exercício das suas actividades, nomeadamente o “reduzido número de colaboradores qualificados e a falta de viaturas em caso de deslocações a locais distantes da cidade de Maputo”.

Renamo exige presença de observadores nas negociações com o Governo

A Renamo reclama a comparência de facilitadores nacionais e observadores da SADC, União Africana e Europeia nas negociações que tem estado a manter com o Governo moçambicano. Esta posição foi manifestada na semana passada à saída de uma sessão de diálogo que decorreu na cidade de Maputo.

Texto: Redacção

Para além da presença de facilitadores nacionais e observadores estrangeiros, a Renamo pretende que o Governo liberte incondicionalmente os 15 homens que foram detidos aquando dos ataques de Muxúnguê, e a retirada das Forças de Intervenção Rápida estacionadas em Santugira, onde o seu líder, Afonso Dhlakama, fixou residência.

Segundo Saimone Macuiana, chefe da delegação da Renamo às negociações, estas são questões prévias, sendo que a discussão dos pontos constantes da sua lista de exigências depende da resposta que o Governo der em relação ao que foi apresentado. “O Governo pediu tempo para analisar as questões que apresentámos, nomeadamente a libertação incondicional dos nossos homens e a retirada da FIR de Santungira e outros pontos onde a Renamo possui quartéis”.

Respostas do Governo

Por seu turno, José Pacheco, que lidera a equipa do Governo, aconselhou a Renamo a contratar um advogado para tratar da situação dos seus homens, que se encontram detidos na cidade da Beira, porque “nós respeitamos o princípio da separação de poderes. Deixemos o Poder Judicial trabalhar”.

Em relação ao segundo ponto, que tem a ver com a retirada dos elementos da FIR de Santungira e em outros pontos onde se localizam os quartéis da Renamo, Pacheco deu a entender que tal não vai ser possível, e justifica: “Nas forças de Defesa e Segurança, há dois tipos de bases. As fixas e móveis e estas movimentam-se sempre que as circunstâncias justificarem”.

E acrescenta: “Nós lembramos à Renamo que ela já teve a oportunidade de discutir esta questão quando manteve encontros com os ministérios de Defesa e do Interior. Aqueles é que eram

os fóruns apropriados”.

Entretanto, Pacheco, quando questionado sobre se o Governo iria ou não ceder à pressão da Renamo, que exige a revogação da actual Lei Eleitoral, aprovada no ano passado, alegadamente porque não permite que os partidos concorram às eleições em pé de igualdade, voltou a invocar a questão da separação de poderes, ao afirmar que tal decisão cabe ao Parlamento.

“A lei foi aprovada pelo Parlamento, pelos três partidos que estão lá representados. O Governo não tem como sugerir a revogação de um instrumento aprovado por aquele órgão. O Governo não pode interferir no funcionamento do Parlamento. A própria Renamo participou nos debates que antecederam a aprovação desta lei”, justifica.

Refira-se que a Renamo mantém a pretensão de não participar nas eleições autárquicas de Novembro e não permitir que elas aconteçam caso a Lei Eleitoral não seja revista. O que ela pretende é que haja paridade nos órgãos eleitorais, com destaque para a Comissão Nacional de Eleições.

“Teremos eleições este ano”

Sobre se o país ainda estaria ou não em condições de realizar eleições este ano, nomeadamente as autárquicas, marcadas para o dia 20 de Novembro, o ministro da Agricultura disse que tal é irreversível. “Há um calendário definido e o Governo está a trabalhar para que o mesmo seja cumprido e que as eleições aconteçam na data prevista”.

“Não pedimos nenhum dinheiro”

Dias antes do encontro, o director da Agência de Informação de Moçambique, Gustavo Mavie, publicou um artigo no qual dizia que a Renamo teria exigido o incremento do valor que recebe do Governo como partido com representação no Parlamento.

Porém, esta informação foi refutada por Saimone Macuiana, segundo o qual o que a Renamo pretende é que haja uma divisão equitativa das riquezas de que o país dispõe, fruto das recentes descobertas de recursos naturais que têm sido feitas no país. “O que nós queremos é que esses recursos beneficiem a todos”.

Renamo exige devolução das armas usadas durante o conflito armado

Um dia depois da reunião com a delegação do Governo, a Renamo convocou uma conferência de imprensa para informar que pretende solicitar, às Nações Unidas, a devolução das armas que usou durante o conflito armado, devolvidas ao Governo moçambicano.

Segundo o seu porta-voz, Fernando Mazanga, neste momento estão a ser tratadas questões legais, sendo que a carta será posteriormente entregue às Nações Unidas. A Renamo acusa o Governo de estar a usar as suas armas contra os seus militantes.

“As armas da Renamo foram entregues às Nações Unidas, que por sua vez fê-las chegar ao Governo. É com elas que estão a combater-nos. Já que as coisas estão assim, exigimos à ONU que as devolvam para nos defendermos”, disse.

Coincidência ou não, na mesma semana, a Polícia da República de Moçambique desarmou, na cidade de Chimoio, província central de Manica, 15 homens afectos à segurança do líder da Renamo, Afonso Dhlakama, que estavam a proteger o seu secretário-geral, Manuel Bissopo.

Contrariamente ao que aconteceu em Muxúnguê, em Sofala, em que os homens da Renamo retaliaram às investidas da Força de Intervenção Rápida, os 15 homens não ofereceram resistência na altura da sua detenção, tendo sido restituídos à liberdade no dia seguinte, sexta-feira.

Para o partido da perdiz, este acto representa uma “provação grosseira e um atentado à estabilidade do país”, disse Fernando Mazanga, acrescentando que o Acordo Geral de Paz concede o estatuto de polícia aos homens encarregues de proteger o líder e altos dirigentes da Renamo.

Porém, a PRM, na voz do comandante provincial de Manica, Francisco Almeida, diz que, segundo o AGP, os guardas têm a missão, apenas, de proteger Afonso Dhlakama. Em relação às armas, estas serão devolvidas à Renamo.

Democracia

EJ: Tem sim. Aliás, isso devia acontecer em todo o país, mas faltam incentivos aos activistas. Por exemplo, nós, como Movimento Contra a Tuberculose, não estamos em condições de pagar um subsídio a eles, para além de que é preciso treiná-los para que saibam como agir quando estiverem na casa do paciente.

@Verdade: E qual é a consequência da falta de activistas?

EJ: A consequência imediata da falta de activistas é o abandono ao tratamento. É muito doloroso para o paciente ter de se deslocar a uma unidade sanitária sempre que tiver de levantar medicamentos ou efectuar consultas de rotina. Vezes há em que chega ao hospital e dizem que não há comprimidos, o que o obriga a voltar no dia seguinte. Como opção, ele abandona o tratamento, o que constitui um perigo à sociedade devido à facilidade como a tuberculose se propaga.

Um doente com tuberculose sujeito a caminhar cerca de 20 minutos ou mais para uma unidade sanitária todos os dias durante seis meses tem maior probabilidade de abandonar o tratamento do que aquele que caminha dois minutos ou que fica em casa porque tem o acompanhamento de um familiar ou de activistas.

@Verdade: Quanto tempo dura o tratamento?

EJ: O tratamento leva seis meses, divididos em duas fases, nomeadamente a intensiva (dois meses) e a de manutenção (quatro meses).

@Verdade: Disse que os casos de tuberculose tendem a aumentar. Qual é a situação de Moçambique a nível mundial?

EJ: Segundo a Organização Mundial da Saúde, Moçambique figura na lista dos 22 países mais afectados pela tuberculose, o que fez que em 2006 o Ministério da Saúde a declarasse uma emergência nacional. Só em 2010 foram registados 46.740 casos.

O número estimado de casos no nosso país é de 460

por cada 100 mil habitantes. Destes, 127 resultam em morte. No mundo, a média é de 46 mil novos casos por ano e uma prevalência de 504 por cada 100 mil habitantes.

@Verdade: Qual é o papel do Ministério da Saúde?

EJ: O MISAU é gestor do Programa Nacional de Combate à Tuberculose, ou seja, é responsável pelo tratamento. Em relação à eficiência do seu trabalho, é-me difícil dizer linearmente se está ou não a resultar. Temos notado um esforço, mas devia fazer melhor.

@Verdade: Porque considera que o trabalho do MISAU devia melhorar?

EJ: Existem falhas no que diz respeito à planificação e implementação na localização dos centros de referência para o diagnóstico da tuberculose, na rede de transporte de doentes, na afectação de pessoal de saúde bem treinado, na motivação dos funcionários dos centros de saúde, na alocação de medicamentos, que deviam ser suficientes para pelo menos três meses. Há casos de má nutrição no seio dos doentes.

@Verdade: Consta que o país está a implementar o DOT. O Movimento Contra a Malária está envolvido?

EJ: Sim, estamos envolvidos na implementação da estratégia Direito à Observação de Tratamento, que consiste em levar os serviços de tratamento às comunidades. Ou seja, os pacientes e a sociedade devem estar envolvidos no rastreio, diagnóstico e tra-



tamento da tuberculose.

O Governo moçambicano, quando adoptou esta estratégia, pretendia aumentar os serviços de tuberculose e a sua qualidade, com ênfase para os grupos mais desfavorecidos e vulneráveis. Resumidamente, o objectivo do DOT é permitir que os doentes que sofrem de tuberculose possam ser diagnosticados e tratados o mais rápido possível, de forma mais eficaz e com menos recursos financeiros.

No nosso caso, como organização, não tem sido fácil. Falta-nos material de informação, educação e comunicação.

Situação de Moçambique no que diz respeito ao despiste da tuberculose*

Em 2005, a taxa de despiste da tuberculose foi de 35 por cento para todos os casos registados, e 48 por cento para casos de baciloscopia positiva. Isto deve-se à falta de diagnóstico, o que resulta em muitos óbitos anualmente, apesar de ser possível prevenir e curar a doença.

Estes números estão aquém das metas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde, segundo as quais até 2050 a taxa de despiste deve situar-se nos 70 por cento e 85 por cento no que diz respeito ao tratamento.

Razões para o não alcance das metas:

- Número insuficiente de unidades sanitárias
- Rede insuficiente de laboratórios de baciloscopia
- Transporte e comunicação insuficiente
- Fraco envolvimento na promoção da saúde
- Programa de prevenção e tratamento da tuberculose muito centralizado
- Fraca preparação dos trabalhadores da saúde em relação à tuberculose
- Actividades de informação, educação e comunicação ineficazes
- Fraco envolvimento do sector privado

Razões da baixa qualidade e fraca adesão aos serviços de saúde

- Falta de transporte para o centro de saúde, o que leva o paciente a abandonar o tratamento
- Fraco raio de cobertura dos serviços de saúde
- Ruptura de medicamentos (por exemplo, frascos de depósito de escarro para análise laboratorial)
- Articulação deficiente entre os serviços laboratoriais e os programas de tuberculose
- Constante mudança de funcionários no sector
- Falta de informação por parte dos pacientes antes e depois do tratamento
- Fraca rede de laboratórios para a detecção da tuberculose
- Equipamento obsoleto, que por vezes é usado para o diagnóstico de muitas doenças

* Fonte: Relatório da Monitoria da Estratégia DOTS - Comunitário, elaborado pelo Movimento Contra a Tuberculose

ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
www.verdade.co.mz
O Jornal mais lido em Moçambique.

Arão Nhancale renuncia

O presidente do Conselho Municipal da Cidade da Matola, Arão Nhancale, apresentou na segunda-feira, 06 de Maio, à Assembleia Municipal, uma carta renunciando ao seu mandato por razões de força maior não especificadas.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Segundo o jornal Notícias, a renúncia foi confirmada pelo presidente da Assembleia Municipal, António Matlhaba, que acrescentou ainda que o seu órgão, dotado de poderes deliberativos, deverá reunir-se na próxima semana, provavelmente na segunda-feira, 13 de Maio, em sessão extraordinária, para tratar especificamente desta matéria.

A abdicação do cargo por parte Nhancale acontece numa altura em que faltam seis meses para o final do presente mandato, o que não abre espaço jurídico para a realização de uma eleição intercalar. Nestes termos, o edil poderá ser substituído interinamente pelo presidente da Assembleia Municipal, até que se escolha um novo autarca nas eleições agendadas para 20 de Novembro próximo.

Refira-se que apesar de o relatório do desempenho da edilidade ter sido aprovado por consenso pela Assembleia Municipal, Arão Nhancale foi alvo de uma moção de censura dos membros do Comité da Frelimo na cidade da Matola, partido que suportou



a sua candidatura ao cargo. Na altura, o Secretário-Geral da Frelimo, Filipe Paúnde, de visita à província de Maputo, comentou que a censura não tinha efeitos que pudessem levar à suspensão, mas que não era bom sinal para uma possível continuação de Nhancale à frente dos destinos da autarquia.

Nhancale tem sido também bastante contestado pelos munícipes da Matola, alegadamente devido à sua inoperância e alguma incompetência na gestão e busca de soluções para os problemas básicos que afectam a edilidade.

No mandato prestes a terminar, três presidentes de conselhos municipais renunciaram aos cargos, designadamente de Quelimane, na Zambézia, de Pemba, em Cabo Delgado, e de Cuamba, no Niassa, dando espaço à realização de eleições intercalares, a par do que aconteceu no município de Inhames mas, neste caso, por morte do titular da pasta.

Voz da Sociedade Civil

Não vos deixeis enganar por remendos e manobras populistas para vos aliciarem os votos:

1. Vi ontem, com os meus próprios olhos, uma das vias de acesso ao meu bairro (Tsalala, município da Matola) já terraplana-da... De manhã, quando fui ao serviço, a via estava esburacada exactamente como tem estado nos últimos anos. Portanto, foi uma operação recorde, a corroborar uma das recomendações do último conclave do partido no poder sobre os municípios sob sua gestão: acelerar, massificar e divulgar por todos os meios possíveis acções de reabilitação de infra-estruturas (particularmente estradas), visto estarmos próximos de pleitos eleitorais e a opinião pública tem sido crescentemente crítica em torno do estado geral dos municípios geridos pela Frelimo. Então vou deixar ficar um aviso especial aos munícipes: NÃO VOS DEIXEIS ENGANAR POR REMENDOS E MANOBRAS POPULISTAS PARA VOS ALICIAREM OS VOTOS.

2. Tenho estado a ouvir por aí que o Presidente do Conselho Municipal da Matola, município onde vivo, acaba de apresentar a sua carta de renúncia e vai ser substituído interinamente pelo Presidente da Assembleia Municipal, até à realização das próximas eleições autárquicas... Já antes a imprensa nacional nos tinha dado conta de uma moção de censura apresentada pelo seu próprio partido (o partido no poder) contra a sua má gestão no município da Matola. Ora, parece estar claro (já estava há anos, para os matolenses) que a governação de Arão Nhancale foi um DESASTRE ABSOLUTO (a cidade está a cair de podre, as vias de acesso aos bairros periféricos e de expansão estão em estado catastrófico, o sistema de abastecimento de água recentemente inaugurado está a rebentar pelas costuras na periferia, não há nenhuma política de fomento à habitação e esta só beneficia pessoas associadas ao regime, a gestão do sistema de transportes está ao deus-dará, não há hospitais, escolas, bombeiros, mercados e esquadras para responder às necessidades dos munícipes, etc. etc.). Como se pode depreender, aqui o pro-

blema não é apenas a falta de boa vontade do Edil mas de todo o partido. Solução: NÃO CAIAM NESSES GOLPES BAIXOS DE SUBSTITUIR FARINHA DE MILHO DE ONTEM POR FARINHA DE MILHO DE HOJE! Esses já deram tudo o que tinham a dar à Matola (e não deram nada, pelo contrário; só beneficiaram a si e aos seus próximos e camaradas).

3. Eu e uns amigos pretendemos criar um movimento cívico, ao nível do município da Matola, para participarmos activamente na sua gestão. A ideia é virarmos o modo como se tem feito política na Matola, passando de uma governação representativa (onde os cidadãos elegem partidos ladrões como a Frelimo e mediócras como Nhancale ou incompetentes como é o caso da sua equipa de vereadores) para uma GOVERNAÇÃO PARTICIPATIVA (onde os próprios cidadãos se candidatam para resolverem os seus próprios problemas). A ideia é simples e prática: juntarmo-nos todos num movimento cívico e candidatamo-nos a membros da Assembleia Municipal nas próximas eleições autárquicas. Já temos o apoio da Associação Juntos Pela Cidade (JPC, da cidade de Maputo e que em todas as eleições autárquicas que já aconteceram em Maputo sempre participou e conseguiu meter os seus membros na Assembleia Municipal local). Pretendemos lançar uma réplica do JPC na cidade da Matola e o convite alastra-se a todos os que quiserem nele participar (seja ou não membro de qualquer partido político). Vai ser um GRUPO DE CIDADÃOS (jovens e adultos), residentes na Matola, descontentes com a gestão desastrosa do nosso município e unidos em torno de uma Matola melhor.

Eu estou dentro e conto com o apoio de todos os matolenses interessados. O convite está lançado.

Edgar Barroso



António Bonzela Marx

Yuh deram bota o Nhancale... O partido nao brinca hein,mas tambem eles foram espertos porque sabiam que se Nhancale concorresse perderia feio. **Gosto** · 8 · há 13 horas



Éden de Sousa Ha fambe

msatanhoco **Gosto** · 5 · há 11 horas



Naeny Matala desde k

este cara entrou no poder so agora conseguiu faser alguma coisa **Gosto** · 4 · há 12 horas



Ines Nhamumbo em todo

o seu mandato renunciar foi a melhor coisa k fez p os matolenses, ja vais tarde nhancale, cortas nos sempre tako d lixo p nada. ja vai tarde **Gosto** · 4 · há 12 horas



Anidia Tacaiana Já comeu

tudo e nada fez... Palermo. Julga que engana a quem?

Que de um relatório do que já realizou.... Sou da Matola mas vos garanto que ninguém ia eleger esse da de novo. **Gosto** · 2 · há 12 horas



Maria Macou tomara k o

proximo tambem nao seja uma cruz p os matolenses carregarem, mas sim um Jesus cristo p salvar a Matola **Gosto** · 3 · há 12 horas



Moises Jesus Alberto A

mim o que me intriga nao sao os motivos q o levam a sair, mas o como ele conseguiu chegar la e porque so agora faltando alguns meses para as eleicoes, isto tem cheiro de uma jogada politica **Gosto** · 2 · há 7 horas



Alyto Aly K saiam todos

da frelimo, ja xtao full da mola pa, deixem o povo tambem viver bem em vez d enxer bolssos k nunca enxem **Gosto** · 2 · há 8 horas



Da Saugineta Marido

Uffff... e as indemnizacoes e reassentamentos pelas obras da Circular prometidos para Janeiro ultimo em Intaka como ficam? **Gosto** · 2 · há 12 horas



Jordão Carlos Tamele

realizou meu sonho **Gosto** · 1 · há 12 horas



Melo Alexandre Faria

Momade Esses cmediantes ja tao empantorados e queres rodar a TEAM **Gosto** · Responder · há 12 horas



Euclides Marquale

finalmente, mas tenho ca minhas duvidas que tenha sido de livre vontade. o poder e doce.... **Gosto** · 1 · há cerca de uma hora



Jeque Chipumburo Dique

Dique Pensou muito tarde depois de ter estragado muita, assim ja conseguiu o numero de talhoes que ele precisava. **Gosto** · 1 · há 13 horas



Leandro Micas Ya custou

max aonteceu pha o ladrao do Arao...veja em todo mandato o tipo so concluiu com os projectos q havia comexado o saudoso C. Tembe k deus o tenha... **Gosto** · 1 · há 13 horas



comentou-se no **facebook.com/JornalVerdade**

Pode ser um lugar melhor

Se a qualidade de vida de uma cidade pode ser medida pelo acesso aos bens de primeira necessidade, Namaacha está, aos poucos, a tornar-se um lugar melhor para os seus residentes. Reconheça-se: até pouco tempo atrás, era difícil, para não dizer impossível, ter acesso à água sem percorrer grandes distâncias. Agora, a realidade é outra. Mas nem tudo é um mar de rosas numa autarquia que precisa de impulsionar as actividades económicas para combater o desemprego e dinamizar as suas potencialidades turísticas...

Texto & Foto: Rui Lamarques

Desde que foi aberto o posto fronteiriço de Goba, a Vila de Namaacha – hoje Município – viu decrescer o volume da sua actividade comercial. No início, as autoridades locais julgaram que fosse algo passageiro. Com o passar dos anos, porém, essa projecção perdeu força. Com o processo de municipalização os líderes locais viram uma rara oportunidade de trilhar o caminho do desenvolvimento. A reabilitação das vias de acesso, dizem, atraiu o progresso, mas “diversas outras acções vêm contribuindo para transformar Namaacha num lugar melhor para os seus residentes”, defendem fontes municipais. No entanto, o ordenamento do território e o sistema de abastecimento de água ainda não são uma realidade para todos os municípios.

Situado no sudoeste da província de Maputo e com uma superfície de 2192 Km², Namaacha faz fronteira com a África do Sul e a Suazilândia. Com uma população estimada em cerca de 52 mil habitantes, 40 por cento da qual jovem, o município atravessado pela Estrada EN2 vive da agricultura.



Nos últimos quatro anos foram abertos nove furos de água. Essa acção, diga-se, acabou por relegar para o passado uma imagem que representava, diga-se, a face daquela autarquia: mulheres e crianças circulando pelas vias com baldes e bidões na cabeça à procura do precioso líquido.

Embora o discurso oficial seja de satisfação e de obra feita, exigem mais. Ilda Alfredo, de 46 anos de idade, residente no bairro 25 de Junho, pouco depois da nova terminal rodoviária, diz que o ideal seria disponibilizar água aos residentes todos os dias e sem interrupção. “O que acontece é que temos água um dia sim e um dia não”, diz.

Fontes da edilidade asseguram que a distribuição tem de beneficiar todos os municípios. Essa, justificam, é a razão que faz com que o sistema de abastecimento seja rotativo. Contudo, a situação, diga-se, melhorou radicalmente em relação ao passado quando o município tomou gestão do Pequeno Sistema de Abastecimento de Água (PSAA) que estava entregue a um privado.

No entanto, para oferecer aos residentes de Namaacha água por mais tempo e de melhor qualidade, foi identificado no bairro de Germantine um espaço para a construção de uma barragem com capacidade para abastecer uma população três vezes superior a que o município comporta. O mais provável, porém, é que o projecto fique no papel, uma vez que a sua execução está muito além da capacidade de gerar receitas para a autarquia. A materialização do projecto, de acordo com estimativas de 2012, custaria cerca de 800 milhões de meticais.

A cobrança da taxa de lixo só abrange o pessoal da zona urbanizada de Namaacha. Uma medida, diz Jorge Tinga, presidente daquela autarquia, que foi tomada por ser justa. “Não faz sentido que aqueles que não beneficiam dos serviços municipais de gestão de resíduos sólidos paguem por um serviço que não pode ser disponibilizado”.

Hoje, Namaacha passa por uma notável transformação. Na economia, investimentos no sector bancário e comércio informal, com a reabilitação do mercado central, trouxeram um volume inédito de recursos, mas não foram capazes de gerar empregos. Na área dos transportes, o que se vê é uma mudança que beneficia apenas o centro da vila. A deslocação entre os 16 bairros acontece de forma deficitária. No segmento do lazer, com excepção do casino, o Palucha Palace e o Espaço Cultural Educacional e Recreativo Acácia, há poucas opções para os moradores e os visitantes.

As estatísticas em relação ao acesso ao emprego poderiam ser bem melhores. Contudo, das 30 lojas que existem naquela urbe, apenas 16 funcionam plenamente, o que influencia negativamente o número de pessoas activas com um salário no final do mês. O Mercado Central, objecto de uma reabilitação profun-

da, traduz o decréscimo do comércio em Namaacha resultante da abertura da fronteira de Goba. No passado, os residentes de Maputo e Matola faziam compras naquele ponto do país. Mas hoje isso já não acontece porque é muito mais rentável comprar na cidade de Maputo.

Um saco de batatas, de 10 quilogramas, custa 250 meticais na Vila de Namaacha, contra 150 no mercado Zimpeto. No que diz respeito aos produtos de primeira necessidade Namaacha há muito que deixou de ser uma



alternativa. No entanto, para combater a subida de preços na vila os municípios viraram para a agricultura. Ou seja, o que a falta de dinheiro não deixa comprar a terra oferece.

Joaquina Enoque, de 46 anos

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



de idade, residente no bairro Matianine, diz que se voltou para a agricultura quando deixou de ser rentável vender alimentos confeccionados na fronteira. Não sabe exactamente quando isso aconteceu, mas lembra-se que os carros deixaram de passar com frequência. “Tivemos de reduzir a quantidade de comida que preparávamos para não apodrecer.”

“Com o andar do tempo, achei que era melhor ficar em casa. Mas não podia ficar sem fazer nada. Tinha de ajudar o meu marido e optei por explorar o nosso quintal”, acrescenta.

Acesso à energia

Em 2009, o número de quadros de fornecimento de energia era de 2936. A edilidade acreditava que em 2010, o total de consumidores fosse ultrapassar os 3000. Sucede, porém, que se registou uma redução para menos de 2400 consumidores. Só no ano a seguir, 2011, é que essa fasquia foi ultrapassada. Para além dos que existiam, foram instalados cerca de mil quadros. Ou seja, eramna totalidade 3662 consumidores em 2011. Em 2012, o número continuou a crescer.

Embora ainda não existam registos do ano em curso, a estimativa da empresa fornecedora de energia é a de que o número de consumidores continue a crescer impulsionado pelos quatro transformadores distribuídos pelos bairros.

Ainda ficou por implementar a expansão de uma rede de distribuição para os povoados de Ndonguene e Matianine A. Existe, também, a possibilidade de distribuir energia por vias alternativas, num projecto a ser materializado em Macuácu. Portanto, o número de consumidores irá certamente crescer.

Educação

O investimento no sector tem estado a crescer, elevando de 23 para 77 – em 10 anos – o número de escolas, as quais são frequentadas por cerca de 13 mil alunos. Os dados indicam que estão registados 300 professores. No que diz respeito à alfabetização de adultos existem 33 centros, com uma frequência de 1400 pessoas.

Efectivamente, 61 por cento dos habitantes de Namaacha frequentou algum estabelecimento de ensino.

Habitação

O tipo de habitação predominante é a palhota com pavimento de terra batida, paredes de estacas ou caniço com cobertura de zinco, o que representa 77 por cento das casas de Namaacha. As moradias de madeira e zinco em termos estatísticos significam quatro por cento. As de bloco e tijolo totalizam 19 por cento das habitações da Namaacha.

O material de construção, naquela urbe, com excepção da areia e da pedra, está muito além do preço que se pratica na cidade de Maputo. O ferro, por exemplo, de 12 milímetros de espessura, custa 200 meticais. Um quilograma de arame não sai a menos 125 meticais o quilo.



Saúde

O município está dotado de 13 unidades sanitárias. O hospital de Namaacha conta com uma maternidade e 40 camas para internamento. O tempo médio de espera, calculado pelo @Verdade, é de 47 minutos. Em conversa com os munícipes, constatámos que o maior problema que enfrentam é a falta de medicamentos. “O hospital não tem tudo e comprar na farmácia é muito caro. Às vezes recorremos aos parentes e amigos que trabalham em Maputo e Matola para termos medicamentos mais baratos”, confidenciou-nos uma paciente.

Município de Namaacha em números

Vereações 4
Consumidores de energia 3825
Agentes económicos 1151
Transportadores licenciados 65
Escolas secundárias 2
Funcionários do município 90
Fontes de abastecimento de água 43
Vias de acesso terraplanadas 11.900 metros
Vias de acesso construídas 1500 metros
Vias de acesso asfaltadas 22.500 quilómetros
Habitantes 52356
Escolas 77
População vulnerável e em estado de segurança alimentar 5 por cento

Designação de Namaacha

A designação de Namaacha provém de Lomahacha, nome de um antigo soberano que governou a região dos Pequenos Libombos antes da fixação dos portugueses. Destemido e bravo, segundo a historiografia oficial, Lomahacha conquistou os territórios vizinhos apoderando-se do gado bovino, o qual era levado para as pastagens da família real junto à lagoa Makonko, em Moçambique, local que o soberano visitava com frequência, mandando abater, nessas ocasiões, alguns vitelos para agradecer os pastores e guardas locais.

Para conquistar respeito e impor temor aos seus súbditos, raras vezes aparecia em público, com excepção das grandes festas do fim da colheita que se intitulavam “liphusibele”.

Durante a dominação colonial, Lomahacha foi morto, tendo-lhe sucedido a sua esposa Cocomela, que tomou o comando dos seus guerreiros e travou várias batalhas com os portugueses.

A história refere que este reino foi desmembrado em dois (Namaacha e Lomaacha), após o tratado de 1969, assinado em Pretória, que reconheceu aos portugueses direitos sobre o território até ao paralelo 26º 30' Sul e que estabeleceu os montes Libombo como fronteira de Moçambique com a Suazilândia e o Transvaal.

O pavet da Namaacha

Um dos motivos de orgulho do Município da Vila de Namaacha, para além da fábrica de refrigerantes, é a produção local de pavet. O Conselho Municipal adquiriu uma máquina e deixou de importar aquele material de outros mercados.

A peça, obtida no mercado nacional, custou perto de 250 mil meticais e foi importante para a reabilitação de algumas vias de acesso. Segundo o presidente do Conselho Municipal da Namaacha, Jorge Tinga, a reabilitação dos acessos vai conferir uma nova imagem ao município. No entanto, até ao presente foram pavimentados 1700 metros de estrada.

Namaacha

“A ambição do homem é ver as suas ideias concretizadas”

Jorge Tinga afirma que o seu manifesto foi cumprido na ordem dos 92 por cento, mas não assume abertamente o desejo de continuar à frente dos destinos do município da Vila de Namaacha. Em conversa com @Verdade, remete a decisão ao partido. Contudo, revela que “a ambição do homem é ver as suas ideias concretizadas”. Quando chegou ao cargo a edilidade não tinha sede própria e as ruas andavam sujas. Venceu o lixo, mas não foi capaz de impulsionar a actividade económica.

Texto & Foto: Rui Lamarques

(@Verdade) - Qual é o balanço que faz do seu mandato?

(Jorge Tinga) – O balanço que faço é positivo, na medida em que até ao momento, passados quatro anos e três meses, realizámos o nosso manifesto eleitoral em 93 por cento. Em termos práticos temos a nossa vila limpa, com a maior parte das rodovias reparadas. A circulação de viaturas já não é um problema como antigamente. Falando concretamente da reparação das vias de acesso, o município fez 11900 metros de terraplanagem com saibro. Colocámos pavet numa estrada com uma extensão de 1500 metros.

No que diz respeito ao abastecimento de água, a situação não é a que gostaríamos de ter. Contudo, está bem melhor do que a de 2008. Nessa altura era frequente encontrar mulheres e crianças com bidões e baldes nas cabeças à procura de água. Isso deixou de acontecer porque o sistema de abastecimento melhorou. Nós fornecemos água às residências dos munícipes de uma forma alternada. Das 6 às 19 uma zona e no dia seguinte, nas mesmas horas, outro espaço da urbe beneficia do abastecimento de água. Os bairros que não estão ligados à rede beneficiaram da abertura de furos nos quais montámos bombas manuais. Com o apoio da Electricidade de Moçambique a situação da corrente eléctrica melhorou bastante. Houve substituição de transformadores para outros de maior potência. Também montámos quatro em bairros que não tinham. Estou a falar de 25 de Junho, Matianine B e A. Isso permitiu que houvesse mais ligações à rede de corrente eléctrica.

(@V) - No que diz respeito às infra-estruturas o que aconteceu?

(JT) - Terminámos a construção da terminal de passageiros. Isso permitiu uma maior organização da Vila, uma vez que os veículos de transporte de passageiros deixaram de parar em qualquer lugar. Também construímos uma morgue. Reabilitámos o mercado central e colocámos uma cobertura. Delembrar que antes os vendedores não tinham condições para trabalhar.

Nestas instalações na qual trabalhamos actualmente tínhamos de pagar renda. Não eram nossas, mas acabámos por comprar. Contudo, para além de adquirir este recinto construímos um outro edifício de raiz que dignifica o município e onde irão funcionar os dois órgãos: o Conselho e a Assembleia Municipal.

Também estamos a construir futura residência do presidente do Conselho Municipal. Isso acontece porque o nosso município começou do zero. Ou seja, sem infra-estruturas.

Construímos sete salas de aulas. Essas salas permitiram



que elevássemos uma escola do primeiro para o segundo grau. Isso fez com que reduzisse a distância que as crianças percorriam até aos estabelecimentos de ensino.

(@V) - Qual é a relação entre a abertura da fronteira de Goba e a subida dos preços de bens de primeira necessidade?

(JT) - De facto o nosso comércio não cresceu, sobretudo no que diz respeito aos bens de consumo. Há dois factores para explicar o fenómeno. A redução de movimento na fronteira é um deles o que inibe a abertura de novas lojas. Ou seja, há quem chega e quer abrir um negócio, mas quando percebe que os munícipes fazem cálculos sobre o melhor local para comprar acabam por optar por ir ao país vizinho. Endereçámos uma carta à direcção da Shoprite para construção de uma unidade na Vila, para o efeito temos uma área para albergar infra-estruturas para comércio e serviços, mas não tivemos uma resposta positiva. Do estudo de viabilidade feito por eles disseram-nos que era mais rentável investir em Boane. Foi o que fizeram. Isso cria constrangimentos aos munícipes, uma vez que alguns produtos têm de vir de Maputo.

(@V) - Existe um outro plano para impulsionar a actividade comercial na autarquia?

(JT) - O que temos dito aos munícipes é que se devem dedicar à produção agrícola, sobretudo no que diz respeito aos produtos que têm grandes hipóteses de vingar neste solo. Namaacha é uma zona com características próprias para a produção de certas fruteiras como morango, abacate e ananás.

Felizmente, temos uma fábrica pequena de processamento de fruta de uma associação que produz sumo, através da manga, da laranja e do ananás. O município continua aberto aos investidores que queiram investir na área comercial. Temos um espaço reservado à entrada da Vila.

(@V) - Os dados indicam que apenas cinco por cento da população da Namaacha está numa situação de insegurança alimentar. A fome não é um problema neste município apesar da residual actividade comercial?

(JT) - Para quem cultiva a terra não há problemas de comida. Há quintais cujos proprietários produzem hortícolas. O Conselho Municipal tomou a iniciativa de distribuir sementes aos munícipes que queiram produzir. Com um parceiro vamos construir uma represa para reter água e apoiar uma associação de produtores.

(@V) - Qual é a fonte de receitas de município?

(JT) - As nossas receitas vêm das taxas de uso de solo urbano, taxas pela utilização de mercados, taxa que pagam os transportadores (25 meticais) e o imposto sobre veículos, embora a frota de viaturas seja insignificante. A que devia ser a maior contribuição seria a taxa pelo exercício de actividades económicas, mas assim não é porque a actividade comercial é fraca.

(@V) - As receitas cobrem o os gastos inerentes ao plano de actividades do Conselho Municipal?

(JT) - Este ano temos um orçamento, o qual foi elaborado no ano passado prevendo algum crescimento da receita na ordem dos 10 por cento. Ou seja, planificámos de acordo com os limites prováveis...

(@V) - ... Mas a receita consegue cobrir a execução dos planos?

(JT) - Contamos com apoio de parceiros. Construímos o edifício do Conselho Municipal com o apoio do Governo espanhol. Os nossos parceiros têm contribuído para a realização das nossas actividades.

(@V) - O Município de Maputo cobra a taxa de lixo. Na Namaacha acontece o mesmo?

(JT) - Temos de cobrar. No entanto, o processo é bastante complexo porque temos duas formas de gestão do lixo. A primeira circunscreve-se ao centro da Vila onde o tractor faz a recolha. A segunda incide sobre os bairros e abrange os munícipes que recorrem aos aterros sanitários construídos por eles mesmos. Contudo, quando há um foco o tractor passa e recolhe. Portanto, nós estipulamos uma taxa aqui no centro da Vila. Essa taxa é paga de forma deficiente. Não podemos, no nosso entender, recorrer à Electricidade de Moçambique porque penalizaríamos aqueles que não dispõem dos meios municipais. Seria, nessa perspectiva, complicado fazer essa cobrança.

(@V) - Um dos desafios que apontou quando se candidatou foi o ordenamento do território. Venceu esse desafio?

(JT) - Temos estado a abrir ruas. Temos dois bairros: A e B. Quando queremos abrir a rua pedimos aos próprios munícipes para se organizarem e deixarem-nos abrir as vias de acesso. No ano passado, por exemplo, tínhamos de abrir uma rua, mas os munícipes tinham feito machambas. A solução foi pedir que este ano não fizessem o mesmo e assim aconteceu.

(@V) - Vai recandidatar-se?

(JT) - Essa decisão pertence ao partido. O nosso partido tem pautado pela dinâmica. Se o candidato perde popularidade é afastado.

(@V) - Mas com um cumprimento de 92 por cento do manifesto não pode falar, de forma alguma, de perca de dinâmica.

(JT) - O partido definiu que os candidatos sairão das células e essa é a forma mais justa que poderia existir. O candidato tem de ter a aceitação plena dos membros do partido. No entanto, a ambição do homem é ver as suas ideias concretizadas. Portanto, havendo a oportunidade de concretizar estes – construção da represa e distribuição de água para todos os munícipes – e outros projectos ficaria bastante satisfeito.

“Cumprimos o nosso manifesto em 95 por cento”

Chale Ossufo, edil de Nacala-Porto, faz uma avaliação positiva do seu mandato, tendo afirmando que cumpriu cerca de 95 por cento das actividades planificadas, nas áreas sociais e económicas daquela cidade portuária. Porém, apesar de alguns avanços, a falta de água e a erosão continuam a ser os principais problemas da urbe, e estão longe de ser ultrapassados. Chale acrescenta que, quando assumiu o município, as receitas municipais rondavam num universo de 56 milhões de meticais anuais e, presentemente, está a lidar com 171 milhões.

Texto & Foto: Helder Xavier

@Verdade – Qual é a avaliação que faz do seu mandato?

Chale Ossufo (CO) – Faço uma leitura positiva do nosso mandato conforme o nosso manifesto eleitoral e, tudo isso, porque o nosso manifesto eleitoral é uma tradução fiel daquilo que são as preocupações da população e nós incorporámos no nosso manifesto e transformámo-las no nosso programa de governação autárquica. O que está a acontecer neste momento é que ainda existem algumas pequenas acções por desenvolver, sobretudo na área de estradas. Temos dois troços, um de 1750m e outro de 1020m. São essas duas acções que vão completar os cinco por cento em falta no universo de 95 por cento de obras executadas.

@V – Quais são as áreas a que se cingia o vosso manifesto eleitoral?

CO – O nosso manifesto cingia-se a duas áreas, nomeadamente a área social e a económica. Na área social nós falámos de situações ligadas à água, saúde, educação, entre outros aspectos que estão relacionados com aquilo que diz respeito à essência do munícipe e às suas preocupações. Quero recordar que, dentre essas situações que se colocam na área social, a água sempre foi o verdadeiro calcanhar de Aquiles.

@V – Qual é o actual nível de cobertura de acesso a água potável em Nacala-Porto?

CO – Nós saímos de 12 por cento. Ou seja, quando assumimos a direcção autárquica estávamos em 12 por cento, e agora estamos em 55 por cento de execução de cobertura. Já é muito, mas não significa que tudo está um mar de rosas porque existem regiões onde não é possível encontrar água, a não ser que um dia apareçam novas tecnologias, mas o que se conhece até agora, naquilo que é acessível, não conseguimos encontrar furos. Estou a referir-me às regiões de Lili, Mahelene, Djanga 1 e 2, Mandam, e Chivato. São zonas em que a água está a grande profundidade, e quando é encontrada não é própria para consumo humano. Estamos numa situação difícil: água distante e, quando é encontrada, distancia-se daquilo que são os padrões naturais para consumo humano.

@V – E o que o município está a fazer para inverter a situação?

CO – Muita coisa está a ser feita. Nestes quatro últimos anos, nós fizemos por volta de 5400 ligações domiciliá-



rias de água e construímos 30 fontenários até ao ano passado, o que significa que temos um universo de 142 fontenários. Para além disso, nós também construímos um sistema de abastecimento de água canalizada que estamos a explorar no campo de água de Npaco, a 12 quilómetros. É um pequeno sistema de abastecimento de água que não está ligado ao sistema de gestão do FIPAG. Esse sistema está hoje a dar água potável a seis mil pessoas, mas o mesmo tem capacidade para abastecer mais habitantes. Quero recordar as fontenárias que nós temos, incluindo as ligações domiciliárias, porque agora o sistema é “muita água para a população, cada vez mais perto de si no seu quintal”. Estamos a abastecer um horizonte de mais de 106 mil pessoas. A falta de água continua a ser um problema ainda, mas estamos a trabalhar de modo a suprir essa necessidade. O que está ligeiramente atrasado é o processo de construção das piscinas de tratamento de água e também o trabalho de distribuição e expansão da rede.

@V – Alguns bairros continuam sem iluminação eléctrica. A que se deve? E o que está a ser feito na área da electricidade em todo o município?

CO – Paralelamente à empresa Electricidade de Moçambique (EDM) desenvolvemos um esforço muito grande. Com a nova direcção da EDM nós encontramos uma forma de fazer um plano comum. Nós estamos numa Zona Económica Especial, estamos num município em que o território municipalizado coincide com o território de administração estatal, então tudo tem de convergir para o mesmo interesse. É nesse sentido que, em colaboração com a EDM, nós fazemos o plano conjunto, no qual aquela empresa pública propõe às instâncias centrais para contemplar o nosso projecto. Porque se isso não acontecesse estaríamos numa situação de desencaixe absoluto. Porquê? Eles iriam colocar energia onde as necessidades não são imperiosas porque quem conhece somos nós que lidamos com a comunidade no nosso trabalho do dia-a-dia. Repare que dos 41 bairros da cidade, apenas 16 é que não têm iluminação. Neste momento, ocorrem trabalhos de renovação dos cabos, estamos a fazer uma campanha de retirada do cobre para pôr um cabo em condições e com padrões convencionais para garantir iluminação nas comunidades. Estamos a substituir os postes de bambu por postes convencionais. Também estamos a colocar transformadores para tornar a energia cada vez melhor. Até ao final do ano, pelo menos as zonas electrificadas, terão energia de qualidade.

@V – No que diz respeito à área económica o que é que mudou?

CO – De 2009 a 2011, 45 diversas unidades empresariais de pequena, média e grande dimensão entraram em funcionamento aqui em Nacala-Porto como Zona Económica Especial no âmbito de GAZEDA, o que significa mais emprego, apesar de existirem algumas vozes que se julgam injustificados. Existe emprego um pouco por todo o lado. A título de exemplo, as populações de Muanona estão a beneficiar de oportunidades de emprego mercê das obras em curso naquela região.

Nós construímos seis mercados de grande vulto com material convencional e reduzimos de forma significativa o comércio informal ao longo das entradas. Construímos mercados porque são as nossas fontes de receita. Quando assumimos o município encontramos uma receita de 56 milhões de meticais por ano, e nós agora estamos a lidar com 171 milhões anuais. Desde que estamos na direcção municipal colectámos cerca de 314.886 meticais. Houve um avanço significativo na colecta de receitas.

@V – No seu manifesto eleitoral tinha como um dos desafios melhorar as vias de acesso. O que já foi feito?

CO – Nós tínhamos prometido melhorar 73 quilómetros de estrada de terra ba-

tida, e já o fizemos, isso é um assunto rotineiro; significa que a dimensão das nossas estradas é de 73 quilómetros e anualmente reabilitamos essas estradas. A reabilitação de estradas nos tempos já idos era um calcanhar de Aquiles. Repare que para alugar uma máquina para fazer os nossos trabalhos nós tínhamos de drenar 15 milhões de meticais por ano, mas descobrimos que, com esse valor, podíamos comprar máquinas, de modo a poupar a nossa receita. Foi a partir dessa poupança que conseguimos comprar seis autocarros. Os autocarros aparecem em resposta às necessidades dos munícipes.

@V – Há problemas de erosão em Nacala-Porto?

CO – Os maiores problemas que nos tiram o sono como dirigentes de Nacala-Porto são dois: falta de água e erosão. Só estamos a usar 75 por cento da terra, e 25 não, pois não têm condições para se habitar. Chove um pouco, as ravinas são grandes e, neste momento, estamos a perder espaço, cada vez que o tempo passa, porque já havia um sistema de contenção de erosão, mas na direcção passada não se fez a manutenção. Nós não estamos parados, neste momento estamos com um processo muito rigoroso, só que se agravou quando deixámos de receber o Fundo de Reabilitação Ambiental (FRA). Quase metade do nosso orçamento é direcionado para o serviço de combate à erosão. Estamos a fazer gaviões, a abrir valas de crista, de céu aberto, e a limpar as sarjetas de modo a livrar a cidade desse mal. Entretanto, nas zonas em que a nossa capacidade financeira não permite, criámos núcleos ambientais.

@V – A questão de recolha de resíduos sólidos ainda não está controlada. O que está a falhar?

CO – Comprámos tractores para a recolha de lixo, 10 contentores, um carro porta-contentores e pretendemos comprar txovas. Já estamos a controlar a limpeza da nossa cidade. Não quer dizer que não há lixo. Lixo existe sim. A diferença entre o lixo de hoje e de ontem é que o lixo de ontem procurava as pessoas. Presentemente, as pessoas devem procurar até encontrar lixo.

A cidade não está toda ela urbanizada, há zonas onde os carros de grande porte de recolha de resíduos sólidos não têm acesso. Nessas zonas, estrategicamente, metemos lá txovas para recolher o lixo até ao sítio acessível para os carros poderem entrar. Esse aspecto está a correr bem, já estamos a controlar a limpeza da nossa cidade. Em suma, é isso que norteia o nosso manifesto e, colocando na balança, cumprimos o manifesto em 95 por cento.

Desenvolvimento invisível

Dispondo de uma zona económica privilegiada, o município de Nacala-Porto é, presentemente, um dos principais focos de grande investimentos nacionais e estrangeiros, devido à sua localização geográfica. Porém, os projectos de vulto em curso não alteraram a qualidade de vida dos munícipes. Muito pelo contrário. A população, entregue à sua própria sorte, vive à mercê da ruptura de condutas de abastecimento de água no que toca ao acesso ao precioso líquido, e debate-se com o desemprego, o elevado custo de vida, para além de um sistema de saúde deficitário.

Texto & Foto: Helder Xavier

No coração da cidade de Nacala-Porto, na província de Nampula, encontramos o mototaxista, Tomás Rui, de 47 anos de idade. Carpinteiro de profissão há pouco mais de duas décadas, abandonou a actividade de produção de mobiliário de quarto para ganhar a vida como taxista nas artérias da urbe. Mas antes teve de tentar a sorte para ocupar uma vaga de emprego num dos projectos implantados naquela autarquia. “Existem, sim, oportunidades de emprego, mas não são para os locais, são para os estrangeiros e os que vêm do outro ponto do país. A desculpa mais invocada é a de que não existe pessoal qualificado nesta cidade, o que não é verdade”, desabafa, segurando firmemente o guidão do seu motociclo.

O caso de Tomás Rui não é isolado. Silva Vasto, de 26 anos de idade, interrompeu a 10ª classe para ganhar a vida nas ruas de Nacala-Porto. É como estivador que sustenta o seu agregado familiar, composto por quatro pessoas. Encontrámo-lo numa manhã de um domingo sentando no quintal da sua humilde habitação. “Não há emprego nesta cidade e temos de arranjar alternativas de sobrevivência”, afirma, acrescentando que pensa em abandonar o município para ir à procura de oportunidades noutros pontos da província, uma vez que não vislumbra dias melhores.

Na verdade, Rui e Vasto são apenas um exemplo do universo infinito de pessoas que engrossa o mercado do desemprego na Zona Económica Especial de Nacala-Porto, que, inebriado pelo propalado bem-estar – muitas vezes ilusório –, sai de casa todas as manhãs na expectativa de usufruir do desenvolvimento socioeconómico de que tanto se fala na cidade outrora conhecida por Maiaia.

Embora nos últimos anos o número de empresas tenha aumentado, o mesmo não se traduziu na redução substancial da taxa de desemprego e tão-pouco na melhoria



de vida dos residentes. A título de exemplo, desde 2009 a 2011, 45 diversas unidades empresariais de pequena, média e grande dimensões entraram em funcionamento em Nacala-Porto, no âmbito do Gabinete da Zona Económica de Desenvolvimento Acelerado (GAZEDA). Apesar disso, a falta de emprego ainda é um problema crítico para os munícipes daquela cidade portuária e, como consequência disso, a actividade informal, praticada maioritariamente por pessoas oriundas da periferia, cresce a olho nu. Diga-se, em abono da verdade, para sobreviver, os nativos contentam-se com as actividades menos qualificadas e os pequenos negócios de venda de alimentos e outros produtos ao longo dos passeios e nos mercados informais.

Diga-se de passagem, apesar do crescimento económico alcançado nos últimos tempos, resultado dos investimentos maciços, o desenvolvimento em Nacala-Porto ainda é invisível.

Quando se circula pelas principais vias de acesso da urbe, a impressão com que se fica é a de que ainda há muito por ser feito no que respeita ao melhoramento das estradas, pois estas encontram-se esburacadas e algumas a necessitar de obras de reabilitação, além de serem bastante estreitas. Mas, em alguns troços, decorrem trabalhos de pavimentação das vias de acesso. O lixo tem vindo a invadir algumas das principais artérias e o abastecimento de água potável à população continua a ser feito de forma deficitária. Contudo, o presidente do município, Chale Ossufo, faz uma leitura positiva sobre o seu mandato, afirmando que o nível de cumprimento das actividades planificadas está nos 95 por cento. “O nosso manifesto eleitoral foi uma tradução fiel daquilo que eram as preocupações da população. Neste momento, falta resolver a questão de estrada, temos ainda dois troços, um de 1750m e outro 1020m. São estas duas acções que vão completar os 5 por cento em falta”, garante Ossufo.

No que respeita à arrecadação de impostos, o município alargou a sua base tributária, aumentando o número de edificações onde se concentram os principais agentes que movimentam a economia local, tendo sido construídos seis mercados, e, consequentemente, as receitas triplicaram. Ou seja, os cofres da edilidade passaram a encaixar cerca de 171 milhões de meticais por ano, contra os 56 milhões alcançados pela gestão municipal anterior. De 2009 a 2011, o Conselho Municipal da cidade de Nacala-Porto colectou mais 314 milhões meticais.

Em relação ao custo de vida, quando comparada com a capital provincial – a cidade de Nampula –, Nacala-Porto tem vindo a registar um aumento dos preços de bens de primeira necessidade como, por exemplo, o arroz, o feijão mantei-

ga, a farinha de mandioca e de milho, o tomate e o sabão, facto que contribuiu para que o índice de preços no consumidor continue elevado. Os mais afectados continuam a ser os munícipes de baixa renda, cujos rendimentos mensais não ultrapassam os dois mil meticais.

Falta de água e erosão: os eternos problemas de Nacala-Porto

Nacala-Porto vive numa encruzilhada devido à crise de água que tem vindo a fustigar o município desde tempos remotos. Todos os dias, pela manhã, centenas de pessoas são obrigadas a percorrer longas distâncias a pé à procura do precioso líquido. A salvação de alguns moradores tem sido as condutas – rotas – de abastecimento de água que atravessam os bairros mais carenciados com destino às zonas nobres do município, como, por exemplo, onde se localizam as luxuosas moradias junto à praia Fernão Veloso.

Quase todos os dias o cenário é o mesmo: dezenas de pessoas, na sua maioria crianças, disputam um espaço para encher o seu balde de água. A qualidade de água é ignorada, até porque o



A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Nacala-Porto

que importa é ter o líquido para resolver questões básicas de higiene. Nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro a cidade enfrenta uma crise severa devido à falta de chuva.

De acordo com as autoridades municipais, em termos de cobertura de água, saiu-se dos 12 para os actuais 55 por cento. Porém, as regiões de Lile, Mahelene, Djanga 1 e 2, e Chivanto são as que enfrentam grande escassez, pois o precioso líquido encontra-se em grandes profundidades e, quando é achado, não é próprio para o consumo humano. Desde 2009, já foram feitas pouco mais de 5400 ligações domiciliárias, além de terem sido construídos 30 fontenários, até ao ano antepassado.



Actualmente, existem 142 furos e foi desenvolvido um sistema de abastecimento de água canalizada em Quissimajul, que abrange mais de seis mil pessoas.

Em Nacala-Porto vive-se uma eterna crise de água e, com o início das obras de reabilitação da barragem de Nacala, a urbe começou a enfrentar uma escassez sem precedentes. Presentemente, a cidade sustenta-se de dois campos de furos, nomeadamente Npaco e Ntuzi. Graças a esses furos, o município sobrevive à época crítica. Neste momento, com uma população estimada em 208 mil habitantes, cerca de 106 mil pessoas beneficiam do sistema de fontenário e instalações domiciliárias.

“A falta de água e a erosão são os maiores problemas que nos tiram o sono”, afirma Chale Ossufo. Em Nacala-Porto, apenas 75 por cento de terra é que está a ser aproveitada e os restantes 25 não oferecem condições para se erguer uma habitação. Cada vez que chove, a cidade vai perdendo espaço, uma vez que as ravinas tornam-se maiores. No passado, a urbe contava com um projecto de contenção de corrosão de terras, porém, por falta de obras de manutenção, quase todas as zonas onde estava em extinção tornam-se focos de erosão. “Enquanto não resolvermos o problema de erosão em Nacala-Porto, os nossos sonhos vão tornar-se em quimera”, diz o edil.

Electricidade

A corrente eléctrica é também um problema que preocupa os munícipes de Nacala-Porto. Em 41 bairros, apenas 16 estão sem iluminação. Presentemente, decorrem trabalhos de renovação de cabos eléctricos nas comunidades, substituição de postes de energias e colocação de transformadores. A expansão de rede continua, embora de forma tímida, e há promessas de que, até ao final do ano, as zonas electrificadas passarão a ter melhor qualidade de energia. Actualmente, a corrente eléctrica chega num estado bastante deplorável,

assemelhando-se, a sua qualidade, à de um candeeiro de querosene.

Saúde

Ao longo dos últimos quatro anos, foram reabilitados os centros de saúde, erguida uma “casa mãe espera” além de ter sido construída uma nova unidade sanitária (o terceiro maior centro de saúde da cidade) de raiz em Ntupaia, por se tratar de uma zona de expansão habitacional. Porém, à semelhança de outros cantos do país, o atendimento público ainda é caótico.

Na maior unidade sanitária, o Hospital Distrital de Nacala, localmente conhecido por Hospital da Ceta, os pacientes são obrigados a aguardar horas a fio por atendimento médico. Todos os dias, é comum ver enorme filas à porta dos diversos serviços hospitalares, principalmente nos Serviços de Urgência e Radiologia, e um amontoado de pessoas (entre pacientes e acompanhantes) deitadas no chão.

Abubacar Mussa, de 32 anos de idade, chegou àquela unidade hospitalar quando eram 5h45 da manhã acompanhando a sua esposa que se queixava de dores fortes no abdómen há dois dias. Até às 9h00 não tinha sido atendido, pois as filas eram longas. “Estamos aqui desde as primeiras horas do dia, porém, ninguém nos atende nem nos dão alguma informação”, queixa-se Mussa que acrescenta que deslocar-se até ao Hospital da Ceta é um autêntico calvário devido à falta de transporte. Segundo os residentes, não existem chapas para aquele local e a alternativa tem sido as mototaxis.

O fecalismo a céu aberto é também uma situação que ganha proporções alarmantes e sem fim à vista, facto que propicia a propagação de doenças diarreicas. Para desencorajar a prática, as autoridades municipais construíram 200 latrinas, tendo-as distribuído pelas famílias mais carenciadas. Porém, o problema parece estar longe de ser erradicado. Os moradores dos bairros localizados ao longo da costa continuam a recorrer às praias e zonas de mangais para satisfazerem as suas necessidades biológicas.

Transporte

O serviço de transporte público ainda não é satisfatório. Embora não se verifiquem enchentes nas principais paragens, a população debate-se com escassez de chapas, sobretudo no fim do dia. Para responder à preocupação dos munícipes, com fundos próprios, o município adquiriu seis autocarros, quatro de pequeno porte e dois grandes. Os veículos fazem a ligação entre a “Cidade Alta”, a zona emblemática, e a “Cidade Baixa”, onde está concentrado o comércio e outras actividades, e alguns bairros periféricos.

A actividade de mototáxi é praticada informalmente. Um distância de um quilómetro custa ao utente 15 a 25 meticais. Não obstante ser uma alternativa ao problema da falta de chapas e o garante da sobrevivência de muitos moradores, o município não atribui licenças para o exercício do serviço, alegadamente por considerar os motociclos um meio circulante bastante caro. “Embora seja útil aos munícipes, nós desencorajamos essa



Município de Nacala-Porto em números

Unidades empresariais em funcionamento (2009 – 2011): 45
Abastecimento de água: 55 por cento (cerca de 106 mil pessoas)
Ligações domiciliárias de água: 5400
Furos de água: 142
Receita anual: 171 milhões de meticais
Receita colectada entre 2009 e 2011: 314 milhões de meticais
Habitantes: 208 mil
Bairros: 41
Bairros com iluminação pública: 25
Latrinas distribuídas para população: 200
Transporte público municipal: 6 autocarros
Unidades Sanitárias: 3
Centro de Saúde contruído de raiz: 1
Estradas por pavimentar: 2770 metros
Dimensão das entradas: 73 quilómetros
Pessoas vulneráveis recrutadas pelo município: 1470

prática, uma vez que a cada queda de uma motorizada são vidas ceifadas”, diz o edil de Nacala-Porto, Chale Ossufo.

O que a Oposição tem a dizer?

Os delegados políticos da Renamo e do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) naquele município, Beijamim Cortês e Filomena Nicocue, respectivamente, são unânimes em afirmar que a cidade de Nacala-Porto, sob gestão da Frelimo, encontra-se abandonada à sua própria sorte, acrescentando que reina a política de exclusão.

“Estamos no fim do mandato e quase nada foi feito para melhor a vida dos munícipes. A cidade anda muito suja. As estradas continuam esburacadas, os moradores vivem sem água e electricidade. E as vagas de emprego são ocupadas por membros da Frelimo”, diz o delegado político da Renamo, tendo vincado que o seu partido não vai participar nas eleições autárquicas que se avizinham.

Por seu turno, a delegada do MDM afirma que grande parte dos problemas de cidade pode ser resolvida caso haja vontade política. “A falta de água é o que mais inquieta os munícipes de Nacala-Porto, apesar de a urbe dispor de um sistema constituído por dois furos com capacidade para fornecer o precioso líquido a todos os moradores, 24 horas por dia, durante cinco anos sem chuva. Mas o que tenho constatado é que usam esse problema para fins políticos”, comenta e acrescenta que o desemprego e o lixo nos mercados, amontoado ao longo das principais artérias do município, são algumas situações negligenciadas pelas autoridades municipais.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique



mcel - Print - Dia dos namorados

BCI - Como anima a Macaberta
Estratégia integrada para o cartão "DAKI"mcel - Loja em construção
- Premier

A Verdade - A Verdade em cada palavra



mcel - Moda impressa feita com arte local



BCI - Print - Eu não sou daqui



Toyota - Empresa com cara real no centro de Maputo



mcel - "Não há dúvidas"



mcel - Spot de TV - "Contigo"



Jelte - Website com aplicação



BCI - Print - Eu sou daqui



mcel - Print com arte local



mcel - Campanha "Tá doce" para a Mela M



Clean Africa - Spot de TV - "Para quê"



PSI - Print - Anúncio de recrutamento



mcel - Merchandise - pequena série

mcel - Possivelmente o maior billboard real no mundo
feito com palha e inscrito no Guinness world of recordsJelte - Packaging, rebranding e estratégia
integrada 360°

PEPSI - Campanha promocional de retalho



mcel - Print com arte local



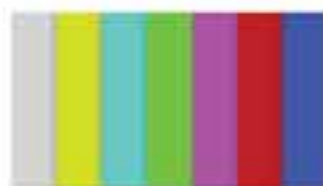
BCI - Print - Cartão "Tá-se"



Jelte - Outdoor nas fronteiras de Moçambique



Clean Africa - Acção outdoor de guerrilha



DSP PLASCON - "Series" Spot TV

BCI - Design e campanha para
o novo cartão Tako

Jelte - "Farmácia" média alternativa para promover o novo Jelte



mcel - Retratos de sonhos



BCI - Print - Tako



MISAU - Campanha anti-tabaco



Jelte - Print - Dia do Pai

GOLO. HÁ 8 ANOS CONSECUTIVOS EM PRIMEIRO NA PESQUISA PMR.

A GOLO, agência de publicidade 100% moçambicana conquistou dois Diamond Arrow Awards para "Melhor Agência de publicidade" e "Melhor empresa de marketing" e um Gold Arrow Award, atribuídos pela pesquisa PMR Africa.

GOLO

Think local

www.golo.co.mz

Confrontos entre polícia e islamistas fazem 28 mortos no Bangladesh

Pelo menos 28 pessoas foram mortas e centenas ficaram feridas no Bangladesh, em violentos confrontos ocorridos em Dacca entre forças de segurança e dezenas de milhares de islamistas que reclamam uma lei sobre a blasfêmia, com pena de morte para calúnias ao Islão e a segregação entre homens e mulheres.

Texto: Redacção/Agências • Foto: AFP



Os corpos de 11 pessoas, entre as quais um polícia, foram transferidos para o Medical College Hospital de Dacca, disse à AFP Mozammel Haq, um polícia em serviço naquela unidade de saúde. Responsáveis de três clínicas privadas informaram terem recebido 11 outros cadáveres.

Os confrontos começaram no domingo (5) à tarde e prolongaram-se até à madrugada desta segunda-feira.

“Fomos obrigados a actuar porque a concentração decorreu de maneira ilegal. Atacaram-nos com tijolos, varas de bambu e pedras”, disse um porta-voz da polícia. Masudur Rahman acrescentou que os agentes lançaram gás lacrimogénico, usaram canhões de água e dispararam balas de borracha para dispersarem pelo menos 70 mil islamistas.

Gritando “Allah Akbar” (Deus é grande) e “os ateus devem ser enforcados”, militantes do movimento Hefajat-e-Islam desfilaram em pelo menos seis grandes artérias de Dacca, bloqueando a circulação na capital e noutras cidades da periferia. Segundo a polícia participaram na manifestação pelo menos 200 mil pessoas.

Os confrontos começaram quando a polícia tentou impedir o avanço de manifestantes junto à principal mesquita do país. Depois propagaram-se pela cidade.

Imagens transmitidas pela televisão mostraram polícias em veículos blindados a dispararem sobre manifestantes que incendiaram uma esquadra da polícia, carros, lojas e atacaram edifícios oficiais.

A polícia disse ter usado apenas balas de borracha. Mas testemunhas e órgãos de informação locais afirmaram que foram disparadas centenas de balas reais. Um médico do hospital Islami Bank disse à AFP que foram assistidos quase 300 manifestantes.

Os apoiantes do recém-criado Hefajat-e-Islam reclamam uma lei sobre blasfêmia que contemple a pena de morte para aqueles que considera caluniarem o islão. A primeira-ministra, Sheikh Hasina, que desde 2009 lidera um governo laico num país de maioria muçulmana, rejeitou as exigências, dizendo que as leis em vigor permitem processar quem insulte o islão. “Este Governo não acredita em Alá. É um Governo ateu, não permitiremos que exista no Bangladesh”, gritou-se na manifestação de domingo.

Os islamistas reclamam igualmente o fim da convivência entre homens e mulheres em determinados lugares públicos.

No mês passado, o Hefajat organizou uma greve geral e uma concentração de centenas de milhares de pessoas, considerada a mais importante das últimas décadas, em protesto contra bloggers ateus.

Os islamistas acusam também o executivo de querer esmagar a contestação julgando personalidades, maioritariamente oposicionistas, suspeitas de crimes como assassinio, violação e conversão forçada ao Islão, na guerra de 1971. Doze foram já acusadas e três condenadas, duas delas à pena de morte.

Suspensos cinco oficiais seniores envolvidos no “Caso Guptagate”

Cinco oficiais seniores do Governo de Jacob Zuma encontram-se suspensos devido ao seu suposto envolvimento na autorização que ditou a aterragem do avião proveniente da Índia, com convidados ao casamento da família Gupta, à qual pertencem influentes empresários que são parceiros do Presidente Zuma e do partido ANC, na Base Aérea de Waterkloof, em Pretória, na semana passada.

Texto: Milton Maluleque

O avião autorizado “ilegalmente”, segundo o Governo, a aterrar na base militar, transportava cerca de 200 convidados, entre membros do Governo indiano e actores de Bollywood, que em seguida tiveram uma escolta protocolar até ao casino resort de Sun City, província de North West.

Os suspensos são oficiais de topo do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação e da Defesa, com destaque para o chefe do protocolo junto da Presidência sul-africana, o embaixador Bruce Koloane.

O ministro da Justiça, Jeff Radebe, afirmou na sexta-feira da semana passada a jornalistas que o avião A330, pertencente à Jet Airways, aterrou na base sem a autorização das entidades competentes. “O Governo está preocupado com a violação do protocolo de segurança e totalmente agastado com a permissão para a aterragem do avião numa unidade militar, que é um ponto estratégico e importante do país”.

Radebe acrescentou ainda que o Governo não recebera nenhum pedido verbal ou escrito da embaixada indiana, notificando o Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação da visita de uma delegação que necessitava de uma assistência diplomática para a concessão de direitos e de permissão de aterragem.

Segundo o governante, a Jet Airways não tinha sequer a permissão de sobrevoar o espaço aéreo sul-africano, daí que a Autoridade de Aviação Civil do país irá passar uma multa à firma indiana, por violação dos Regulamentos da Aviação Civil.

A escolta dada aos convidados ao casamento

dos Gupta, segundo o Executivo, não pertencia à polícia. Uma empresa privada, cujo registo os *media* não encontram na sua busca, teria usado ilegalmente sirenes e luzes azuis nos veículos que circularam com matrículas falsas. Até aqui nada se diz acerca dos dois carros da Polícia, um pertencente à protecção civil e outro à de trânsito, que faziam parte da escolta.

Um total de nove polícias, de protecção civil e de trânsito, pertencentes ao Departamento da Polícia Metropolitana de Tswane, TMPD, encontram-se detidos devido à sua participação neste caso.

“Deviam estar gratos”

Entretanto, o empresário Atul Gupta afirmou que a África do Sul deveria estar agradecida pelos investimentos que a família Gupta trouxe ao país. “Há muito que se pode ver... milhares de pessoas têm emprego, existe um crescimento do turismo” afirmou Gupta à rede de rádios e televisões públicas da África do Sul, SABC. A família Gupta, celebrava o casamento de Vega Gupta, de 23 anos de idade, com a indiana Aakash Jahajgarhia, em Sun City, na região de North West.

Os Gupta são proprietários da TNA, que produz o jornal New Age. A família detém ainda grande parte das acções do Sahara Computers, para além de controlar o funcionamento multimilionário da linha férrea que liga as cidades de Durban e de Joanesburgo.

Amigos da família do Presidente Zuma, incluindo um dos filhos e a sua quarta esposa, Bongki Ngema-Zuma, e parceiros no conselho de administração das firmas Gupta dizem não entender as razões da polémica em vol-

ta da aterragem do avião fretado por estes na Base da Força Aérea de Waterkloof. “Não sabemos o que mais querem... O avião teve permissão para aterrar. Nenhum avião no mundo é capaz de aterrar sem autorização.”

O caso Guptagate, envolto em desmentidos por parte dos diversos ministérios, aguarda ainda pela confirmação do responsável pela permissão concedida à Jet Airways de aterrar na base. Os ministérios envolvidos, nomeadamente dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, do Interior, da Polícia, da Defesa e da Justiça, conduzem separadamente inquéritos de investigação em torno do assunto.

A ministra da Defesa, Nosiviwe Mapisa-Nqakula, ordenou ainda na semana passada a retirada do avião da Base das Forças Aéreas e a sua colocação no Aeroporto OR Tambo, e sem o tratamento VIP, sendo que os convidados ao casamento saíram do país na sexta-feira no mesmo aparelho.

Governo deve pedidos de desculpas

Entretanto, através de um comunicado enviado à imprensa na mesma semana, os Bispos Católicos da África Austral defendem que o Governo deve pedidos de desculpa e uma explicação exaustiva em torno do uso ilegal de propriedade e pessoal do Estado no casamento da família Gupta.

“A situação não está a ser clarificada e resolvida pelos porta-vozes governamentais, incluindo os da Presidência, que se recusam a comentar, ou que meramente negam a responsabilização”, lê-se do comunicado, segundo o qual “esta situação serve somente

para aumentar suspeitas acerca do responsável pela última autorização para este tipo de tratamento especial concedido ao casamento privado”.

Para os bispos, a Polícia deveria estar ocupada no combate à criminalidade, que é a área da qual o povo se queixa, em vez de usar fundos públicos para providenciar serviços de segurança a privados.

“Não podemos ganhar este tipo de reputação. A de sermos um país em que ser conhecido ou ter influências de topo é o que conta, no qual as condições financeiras podem comprar o tratamento privilegiado das autoridades”.

Guptas fora das investigações

Ainda em torno deste caso, os Gupta emitiram no último sábado um pedido de desculpas aos sul-africanos devido à polémica em torno do casamento de um membro da sua família. Apesar da divulgação da lista dos detidos, suspensos e investigados, o nome dos Gupta não consta da mesma.

No casamento, pelas fotografias que circularam nos jornais sul-africanos, tomaram parte membros do Executivo de Zuma, dos Sindicatos e do ramo empresarial.

Esta família é famosa por ser uma das amigas próximas do Presidente Jacob Zuma e por conceder um bónus anual avaliado em cerca de 3.4 milhões de randes ao “clã Zuma”. Vários analistas políticos acreditam que esta é a altura de Zuma se distanciar da família Gupta, caso queira conservar a sua integridade e reputação a caminho das eleições gerais de 2014.

Mundo

Cada vez há mais mulheres migrantes no mundo

O rosto da população migrante muda de forma drástica, já que as mulheres e as meninas representam cerca de metade dos 214 milhões de pessoas que são obrigadas a abandonar os seus lugares de origem no mundo.

Texto: Thalif Deen/IPS



Muitas mulheres emigram por sua conta enquanto chefes de família para garantir o seu sustento, disse Osotimehin, durante a 46ª sessão da Comissão das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento (CPD), realizada recentemente. “Outras abandonam as suas casas em busca de sociedades mais abertas, para escaparem de um mau casamento ou fugirem de todas as formas de discriminação e violência de género, conflitos políticos e limitadores culturais”, acrescentou.

Como outros emigrantes, as mulheres contribuem para o bem-estar dos seus lares com o envio de dinheiro para as suas famílias, detalhou Osotimehin. Uma crescente quantidade de migrantes é de mulheres, meninos e meninas, que sofrem a pior parte das violações de direitos humanos.

Após um debate polémico, a CPD adoptou uma tardia resolução de consenso, no dia 26 de Abril, último dia do encontro, reconhecendo o papel central dos direitos sexuais e reprodutivos, dando-

-lhes destacada visibilidade. A sessão da CPD deste ano concentrou-se nas novas tendências das migrações internacionais. E a mudança na composição por género das populações migrantes é um dos novos acontecimentos.

Yasmin Hassan, directora da Equality Now, com sede em Nova York, declarou à IPS: “A nossa experiência mostra que a chamada migração feminina está profundamente vinculada ao tráfico de pessoas, seja com fins sexuais ou para trabalho doméstico”. As mulheres que migram por vontade própria e vêem-se envolvidas em situações de profunda exploração, ressaltou.

“Isso é possível e vê-se exacerbado pela situação legal vulnerável que vivem, a sua falta de contactos sociais e familiares, o seu isolamento, a sua incapacidade, frequente, para compreender a linguagem ou ter acesso a sistemas de protecção”, afirmou Hassan, que trabalhou na Divisão para o Progresso das Mulheres, das Nações Unidas, e colaborou na implantação da Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (Cedaw). Esta situação faz com que se tornem um alvo muito atraente para as redes de tráfico, realçou.

Em nome dos Estados Unidos, Margareth Pollack, disse que as migrantes costumam ser vítimas de exploração e abuso sexual, e frequentemente não têm acesso a serviços de saúde. Acrescentou que isto ocorre especialmente com as mais jovens e outros sectores vulneráveis com as pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) e incapacitados. Pollack pediu políticas específicas destinadas a ajudar esses grupos, bem como a colecta de dados sobre abusos aos quais estão sujeitas as pessoas migrantes.

Um estudo divulgado no mês passado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), com sede em Genebra, na Suíça, disse que cerca de 600 mil trabalhadores migrantes “são enganados e ficam presos exercendo trabalhos forçados no Oriente Médio”. Com base em mais de 650 entrevistas realizadas num período de dois anos em vários países, como Jordânia, Líbano, Kuwait e Emirados Árabes Unidos, o informe indica que somente no Oriente Médio residem milhões de trabalhadores migrantes, os quais em alguns casos excedem, de forma substancial, a quantidade dos que são cidadãos.

No Qatar, 94% dos trabalhadores são imigrantes, e na Arábia Saudita cerca de 50%. Uma empregada doméstica do Sri Lanka, acusada de matar o bebé do qual cuidava, foi decapitada no mês passado na Arábia Saudita. “O tráfico de pessoas só poderá ser atendido de forma efectiva cuidando dos vazios sistémicos na gestão da migração de mão de obra na região”, disse Frank Hagemann, subdirector da OIT para os Estados árabes.

A resolução adoptada pela CPD exorta todos os Estados-membros a garantirem que as migrações se integrem nas políticas de desenvolvimento nacional e sectorial, nas estratégias e nos programas. Também devem tomar em consideração os vínculos entre migração e desenvolvimento na implantação do Programa de Acção de 1994, adoptado na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo, e na elaboração da agenda de desenvolvimento para depois de 2015. O texto da resolução também pede a protecção dos direitos

das mulheres, meninas e meninos migrantes, entre eles os vinculados à saúde sexual e reprodutiva.

Num novo informe sobre migrações, divulgado há poucas semanas, a Organização das Nações Unidas (ONU) diz que os novos pólos de crescimento económico no Sul criaram fluxos migratórios entre os países da região. Nos últimos anos, também houve um significativo aumento na migração dos países em desenvolvimento em direcção às nações ricas do Norte.

“O aumento das migrações de Sul para Norte gerou um significativo fluxo de remessas para o Sul, que pode estimular o crescimento económico”, diz o informe da ONU. Segundo dados do Banco Mundial, as remessas recebidas pelos países em desenvolvimento atingiram 406 biliões de dólares em 2012. Muitas economias de rápido crescimento na Ásia Pacífico, sudeste da Ásia, América do Sul e África ocidental tornaram-se destino de imigrantes das suas respectivas regiões, acrescenta o estudo.

Além disso, os países petrolíferos do oeste da Ásia (Médio Oriente e Estados do Cáucaso) e do sul da Europa (os do Mediterrâneo) viveram um rápido crescimento na quantidade de imigrantes internacionais entre 1990 e 2010. Após o início da crise económica e financeira que começou em 2008, algumas tendências perderam velocidade ou reverteram-se temporariamente, mas os últimos dados mostram que a imigração nesses países cresceu em 2011.

Suíça aloja imigrantes em zonas montanhosas remotas

Por não ter onde colocar as pessoas que solicitam refúgio, as autoridades suíças recorreram a casernas sem uso do exército. Algumas ficam em passagens de montanha e longe de áreas habitadas.

Texto: Ray Smith/IPS

No ano passado, 28.631 pessoas pediram asilo na Suíça, quase o dobro de 2010. A maioria procedente da Eritreia, Nigéria e Tunísia. O Escritório Federal de Migrações (OFM), responsável pelo processo, registou 44.478 no final de Março deste ano.

As autoridades suíças têm dificuldades em alojar todos os estrangeiros. Entretanto, este é um problema criado por elas mesmas, pois em 2006 o então ministro da justiça, Christoph Blocher, iniciou uma drástica redução das infra-estruturas destinadas a esse fim. Diante da falta de lugares de residência, em Março de 2012, o Governo ordenou ao Departamento Federal de Defesa, Protecção da População e Desporto (DDPS) que acomodasse cerca de quatro mil solicitantes de asilo.

O DDPS controla as Forças Armadas, que têm muitas dependências sem uso. Mas os esforços da instituição são morosos por problemas políticos, restrições de construção e a não conformidade com os planos espaciais de comunidades, o que levou o parlamento a aprovar uma resolução que permitiu saltar os procedimentos de autorização de cantões e comunidades. Os locais do exército costumam ficar em zonas distantes, o que agrada muitos cidadãos suíços. Este sentimento é o

resultado de mais de uma década de campanhas populistas de direita contra os estrangeiros e, em especial, os solicitantes de asilo.

Antes de serem distribuídos pelos alojamentos, os solicitantes são alojados pela OFM em abrigos das suas próprias dependências colectivas. Mas a urgência faz com que este órgão considere adequados os lugares afastados, mesmo que apresentem problemas logísticos. Um dos centros provisórios foi aberto em Outubro passado, perto do povoado de Sufers, nos Alpes dos Grisons, a 1.400 metros de altitude. “Os solicitantes de asilo vivem numa casamata velha e desolada num vale estreito”, descreveu Denise Graf, da Amnistia Internacional, com sede em Londres, que visitou o lugar. “Não há casas perto, apenas árvores e um montão de neve”, afirmou.

Como em todos os centros da OFM, os refugiados só podem permanecer fora entre nove horas da manhã e cinco da tarde. Um barracão do exército serve de lugar recreativo e é possível sair nos fins-de-semana. “Para compensar o isolamento espacial, recebem passagens gratuitas para transporte. Mas a paragem de autocarro mais próxima fica a vários quilómetros do local”, observou Graf.

“O contacto entre os 130 residentes de Sufers e os 80 solicitantes de asilo é escasso”, informou o prefeito Thomas Lechner. “O lugar fica a dois quilómetros e meio do povoado”, destacou Graf. Quando questionado sobre se uma casamata é um lugar apropriado para alojar pessoas, o prefeito disse que “as pessoas permanecem ali 35 dias. Para os militares foi bom, por isso penso que também é razoável para os solicitantes de asilo”.

Como o centro de Sufers foi fechado no final de Abril, a IPS não pôde entrevistar nenhum dos seus habitantes, embora outras pessoas que moraram noutros centros afastados mencionaram o enorme aborrecimento, o que às vezes pode ser motivo de conflitos. “É muito difícil viver em casamatas, especialmente com limitada liberdade de movimento”, contou Moreno Casasola, secretário-geral da Solidarité Sans Frontières, que defende os direitos de refugiados e solicitantes de asilo. “Como se pode ver pela experiência dos soldados, o lado psicológico é rapidamente prejudicado”, afirmou.

A OFM tem consciência disso e pediu que os residentes de Sufers oferecessem trabalho. “Foi uma situação boa para os solicitantes de asilo, bem como para a nossa comunidade”, re-

conheceu Lechner. “Cortaram lenha, arrumaram os passeios, e limparam pastos. Na verdade, muitos solicitantes de asilo aplaudiram a oportunidade de trabalhar. Melhorou a sua aceitação e reputação local. Mas não é justo alojar essas pessoas em lugares montanhosos distantes”, afirmou Graf.

Devido ao encerramento do centro de Sufers, será aberto um temporário na Passagem de Lukmanier, que liga o alojamento de Grisons ao de Tesino, onde serão acomodados cem solicitantes de asilo quando a neve derreter. “Decidimos ajudar a OFM”, disse Peter Binz, prefeito da municipalidade de Medel, à qual pertence a passagem montanhosa. O município tem 400 habitantes e o seu principal povoado, Curaglia, fica a 15 quilómetros da Passagem de Lukmanier.

Dentro de pouco tempo, a OFM anunciará a abertura de outro centro de alojamento para solicitantes de asilo no Lago della Sella, a 2.256 metros de altitude. O lago artificial fica perto da Passagem de San Gotardo, que liga o norte da Suíça, de língua alemã, ao sul, de língua italiana. Este lago pertence à municipalidade de Airolo, cujo prefeito, Franco Pedrini, se mostrou preocupado: “Ninguém vive

ali. É um lugar bonito para passar uma semana em acampamento de férias, mas o clima é duro. Não é adequado a solicitantes de asilo”.

Ainda que o centro de Lago della Sella só venha a ser usado no Verão, não é raro que ali caia neve, mesmo em Julho e Agosto. “Um lugar afastado estaria bem e alegraria os cidadãos que temem a presença de solicitantes de asilo, mas isso fica muito longe de uma área civilizada”, enfatizou Pedrini.

A organização Solidarité Sans Frontières opõe-se radicalmente aos centros afastados para alojar os imigrantes. “São seres humanos, não vacas que no Verão se leva para a montanha”, disse o seu secretário-geral. “A OFM só se apoia no DDPS no tocante ao alojamento. Deveria ampliar as suas relações e incluir, por exemplo, instituições clericais, que possuem muitos imóveis adequados”, acrescentou Casasola.

André Durrer, que trabalha para a organização Caritas, tampouco está de acordo quanto ao envio de imigrantes para as montanhas. “Durante 20 anos tivemos lugares em áreas povoadas sem barreiras nem guarda particular, e funcionou”, ressaltou.

Taça CAF: faltam dois jogos para fase de grupos

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo perdeu, no último domingo (05), por 1 a 3, diante do Wydad Casablanca, em Marrocos, em jogo da segunda “mão” da terceira eliminatória de acesso à fase de grupos da Taça CAF. Contudo, os muçulmanos beneficiaram da sua vitória, por 2 a 0, obtida na Matola, e seguem para a última fase de apuramento, onde irão defrontar o TP Mazembe.

Texto: David Nhassengo

Da equipa que disputou o primeiro jogo, que teve lugar no campo da Matola C, em que a Liga Muçulmana venceu por 2 a 0 com golos de Sonito e Miro, Litos foi obrigado a mexer na zona central devido à ausência por castigo de Miro, colocando Aguiar a fazer a dupla de centrais com Zainadine Jr., para Cantoná e Chico desempenharem o papel de laterais direito e esquerdo, respectivamente. Na zona intermediária defensiva houve também mudanças, com a entrada de Mustafá no lugar do habitual Liberty para jogar lado a lado com o trinco Momed Hagi.

No meio-campo, o técnico muçulmano manteve as suas pedras, incumbindo a Josephy a tarefa de criar jogadas ofensivas, contando com os préstimos de Josimar e Muandro para o jogo horizontal ao serviço de Sonito, o homem mais avançado da equipa. A disposição táctica dos muçulmanos foi a mesma, de 4 – 4 – 3, ainda que com tendência mais defensiva, visto que Mustafá recuava para apoiar aos centrais, o que acabava por se transformar num 5 – 4 – 1.

No que diz respeito ao confronto, na primeira parte a Liga Muçulmana entregou todas as iniciativas de jogo ao adversário que incansavelmente correu atrás de golos para anular a eliminatória. Os muçulmanos não jogavam sequer ao contra-ataque e, sempre que tentavam sair, perdiam prematuramente o esférico, para dar corpo a mais uma jogada de perigo do adversário.

A equipa vencedora da Taça de Moçambique teve de recorrer a faltas “cirúrgicas”, algumas à entrada da grande área, colocando em risco alguns jogadores, no tocante ao aspecto disciplinar, uma vez que estes podiam ser sancionados com cartões pelo árbitro, o que comprometeria a equipa na fase seguinte. O primeiro golo da partida foi apontado transcorridos 16 minutos, num lance de bola parada em que o esférico sobrou para Khalid no interior da grande área que atirou a contar.

A Liga Muçulmana não soube responder e continuou a defender, todavia, mercê de um livre directo muito bem cobrado por Zainadine Júnior, restabeleceu a igualdade tornando a eliminatória ainda mais com-



plicada para o Wydad, que naquele período precisava de marcar mais três golos. Mas a felicidade dos moçambicanos no estádio Henrique V durou pouco ou seja, cinco minutos mais tarde, Fabrice Ondama agradeceu a passividade defensiva contrária e, na cara do guarda-redes, colocou novamente a sua equipa em vantagem no marcador.

Segunda parte de muito sofrimento

Nos segundos quarenta e cinco minutos, o Wydad Casablanca tinha a dura missão de marcar mais dois golos, tarefa que não se antevia fácil. A Liga Muçulmana, nesta etapa, entrou com vontade também de resolver a eliminatória, o que contribuiu para um aparente equilíbrio na partida.

Contudo, a equipa moçambicana cedeu e voltou a trancar-se na zona defensiva, entregando novamente as iniciativas de jogo ao Wydad que, através de um erro defensivo em que Rachid tentou “sacudir” o perigo com o esférico a sobrar para Fabrice Ondama, fez o 3 a 1.

Seguiram-se minutos de muito sofrimento mas também de muita fé para os moçambicanos, visto que o Wydad precisava de um tento apenas para dar a volta à eliminatória. E ao minuto 73, com Caio completamente batido, a trave negou um golo espectacular aos marroquinos.

Dois minutos mais tarde, Zainadine Júnior abandonou a zona central para

liderar um contra-ataque da Liga que culminou com um remate por cima da baliza, desferido pelo central. E a partir desse instante, o Wydad instalou-se na zona do meio-campo adversário, gerando mais problemas aos muçulmanos e aflição aos cerca de 20 moçambicanos presentes no estádio.

O técnico Litos não escondeu a sua irritação pela passividade da equipa, mas foi o seu adjunto, Sérgio Faife Matsolo, que acabou por ser expulso do jogo. E nos dez minutos finais, o Wydad foi dono de três situações claras de golo, a primeira na sequência de um livre directo com Rachid a fazer um corte oportuno; a segunda num lance de pontapé de canto com a bola a ser dividida na zona central da Liga, surgindo Zé Luís a tirá-la da confusão e, a terceira, num livre directo em que a defensiva moçambicana desempenhou o seu papel, aliviando o perigo.

Com o 3 a 1 a prevalecer, o árbitro apitou pela última vez, para felicidade dos moçambicanos que fizeram mais uma história nesta competição, sendo a Liga Muçulmana a primeira do país a chegar à derradeira eliminatória de acesso à fase de grupos da Taça CAF.

TP Mazembe na rota da Liga

Decorreu, na passada terça-feira (07) em Cairo, capital do Egipto, o sorteio da quarta e última eliminatória de acesso à fase de grupos da Taça CAF. Naquela cerimónia decidiu-se que a equipa representante de Moçambique na prova vai cruzar o caminho do Tout Puissant Mazembe ou, simplesmente, TP Mazembe, da República Democrática do Congo.

A primeira “mão” desta eliminatória terá como palco o Estádio Municipal de Lubumbashi, com capacidade para 35 000 espectadores, entre os próximos dias 17, 18 e 19 do mês em curso. O segundo jogo vai decorrer entre os dias 31 de Maio, 1 e 2 de Junho, no campo da Liga Muçulmana, na Matola “C”.

Quem é o TP Mazembe?



O Tout Puissant Mazembe, que em português significa Todo-Poderoso Mazembe, cujo colectivo é conhecido pela alcunha de Les corbeaux, que traduzido significa “Os

corvos”, é o clube com mais títulos conquistados a nível na República Democrática de Congo, com um total de doze campeonatos e cinco taças.

A nível das competições africanas é uma das mais temidas equipas e dona de um histórico de sucesso, com destaque para a Liga dos Campeões Africanos cujo troféu levantou por quatro vezes nos anos 1967, 1968, 2009 e 2010. No que diz respeito à Taça CAF, os “Corvos” foram vencedores apenas uma vez em 1980, tendo carregado a Supertaça continental por dois anos consecutivos, em 2010 e 2011.

Foram também vice-campeões no Campeonato Mundial de Clubes, edição 2010, tendo perdido na final diante do Inter de Milão, da Itália. A nível da CAF foram derrotados em duas finais da Liga dos Campeões nos anos 1969 e 1970.

O TP Mazembe foi fundado em 1932 por cristãos católicos

de São Bonifácio Elisabethville de Lubumbashi, Congo e, apesar de serem apelidados “Corvos”, têm, como mascote, um crocodilo que prende uma bola de futebol nos dentes.

Última eliminatória de acesso à Taça CAF

Stade Malien (Mali)	vs	Lydia (Burundi)
Enugu Rangers (Nigéria)	vs	C.S.S (Tunísia)
FUS Rabat (Marrocos)	vs	ASFAR (Marrocos)
CAB (Tunísia)	vs	Ismaily (Egipto)
E.S Setif (Argélia)	vs	US Bitam (Gabão)
JSM Bejaia (Argélia)	vs	E.S.S (Tunísia)
TP Mazembe (DR Congo)	vs	Liga Muçulmana (Moç.)
St George (Etiópia)	vs	ENPPI (Egipto)

Moçambola: Matchedje conquista a primeira vitória

O Matchedje de Maputo derrotou, no passado domingo (05), o Maxaquene, campeão nacional em título, por 1 a 0, conquistando, assim, os seus primeiros três pontos na edição 2013 do Moçambola. O jogo era alusivo à sétima jornada, em que o Desportivo de Nacala confirmou o seu estatuto de equipa sensação, mercê da vitória diante do Chingale de Tete.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguenze

No campo da Machava, outrora do Maxaquene e hoje do Matchedje, houve muito público que convergiu para apoiar as duas equipas, com destaque para os homens das Forças Armadas de Moçambique (FADM) que, como tem sido apanágio, sempre acompanharam o seu conjunto com a famosa banda militar. Fora das quatro linhas, as duas claques tentaram, a todo o custo, fazer sentir a sua presença o que transformou o ambiente numa verdadeira festa de futebol.

Dentro do rectângulo do jogo, o Matchedje de Maputo foi a primeira equipa a dar indicações de querer sair da Machava com os três pontos, num lance em que Bila, de fora da grande área, testou a atenção do guarda-redes Acácio. Estava jogado o primeiro minuto.

O Maxaquene não respondeu e quando estava ainda à busca de concentração, visto que não conseguia segurar devidamente o esférico, sofreu um golo, volvidos 12 minutos. O médio centro Jamal, mercê de um erro defensivo na zona de marcação da grande penalidade, roubou a bola dos centrais e atirou a contar para felicidade dos militares.

Com o golo, a equipa do Matchedje não abrandou e acelerou ainda mais o passo com vista a ampliar a vantagem. No entanto, encontrou um Maxaquene audacioso, que investia com todas as suas pedras no jogo ofensivo, com destaque para o avançado Maurício a quem Arnaldo Salvado, mais uma vez, incumbiu o papel de concluir as jogadas de ataque.

O melhor lance de golo dos tricolores pertenceu a Payó, transcorridos 33 minutos, quando, à entrada da grande área, desferiu um remate que passou por cima da baliza do Matchedje. Com a bola dividida na zona do meio-campo, o árbitro da partida mandou as duas equipas para o descanso.

Maxaquene perdulário na segunda parte

No reatamento, o Matchedje entrou com a mesma audácia da primeira parte e, num lance similar ao do arranque do encontro, ao minuto 46 podia ter dilatado o marcador com Acácio a ser chamado, mais uma vez, a evitar o pior. Contudo, Arnaldo Salvado entendeu que no lugar de fazer um jogo frontal para suplantar a consistência defensiva contrária, a sua equipa devia explorar os flancos.

Mas foi num lance de bola parada que o Maxaquene deu o primeiro aviso de golo, num livre directo apontado por Gabito em que o guarda-redes Valério foi obrigado a fazer uma defesa em dois tempos. Nesse instante, o goleador Eboh saltou do banco, o que para muitos era o sinal de que estava encontrada a fórmula para o Maxaquene conseguir um melhor resultado.

Ao minuto 54, o mesmo jogador recebeu o esférico à entrada da grande área e rematou frouxo para as mãos de Valério, guarda-redes que, seis minutos mais tarde, por pouco comprometia a sua equipa ao defender de forma insegura a um pontapé forte de Maurício, em que Micas surgiu tardiamente para tirar proveito da sobra.

Um minuto depois, ou seja, ao minuto 61, como que a dar sequência à onda ofensiva tricolor, Eboh, no meio da marcação de três adversários, conseguiu rematar, com muita dificuldade, ao lado da baliza. O Maxaquene não parou e o Matchedje já nem sequer conseguia sair a jogar em contra-ataque.

A oito minutos do fim, pela esquerda do ataque, o médio Eboh ganhou um centro para a cabeça de Betinho que obrigou a mais uma defesa apertada de Valério. Na sequência do pontapé de canto, Eboh voltou à cena ao to-



car a bola despropositadamente para fora, numa altura em que a baliza militar estava completamente desprotegida.

Depois desse lance, o Maxaquene desistiu tecnicamente do jogo, passando a circular mais o esférico entre os seus jogadores como forma de, também, forçar o adversário a abrir-se. No entanto, graças a um roubo de bola na zona intermediária, a um minuto dos 90, Acácio, do Matchedje viu, de forma espectacular, a trave a negar-lhe o golo.

Desta maneira, os militares conquistaram os seus primeiros pontos na competição, ainda que a assumirem, isolados, a última posição. Já o Maxaquene sofreu a segunda derrota, passando a ocupar o quarto lugar com doze pontos.

A verdade dos intervenientes

Arnaldo Salvado



É um resultado que dá mais interesse ao Moçambola, visto que a equipa do Matchedje era a única, até ao momento, sem pontuar. No que diz respeito aos noventa minutos, creio que houve um bom espectáculo, sobretudo pelo público que não deixou de apoiar os dois conjuntos. Nós estí-

Álvaro Matine



vemos muito mal e, num lance de desatenção defensiva, sofremos o golo. Ressentimo-nos das limitações no plantel pois, tal como sabem, temos jogadores castigados e outros lesionados. Mas não será esta derrota que irá abalar o Maxaquene.

Era chegada a hora de pontuarmos neste Moçambola. Os jogadores acatarem todas as ideias durante estas duas semanas e cá estamos a colher os frutos. É o recomeço para o Matchedje, e este resultado em particular marca o início da glória.

Desportivo de Nacala derrota o Chingale de Tete

O estreante Desportivo de Nacala no Moçambola derrotou, também no domingo (05), o Chingale por 1 a 0. A equipa do planalto de Tete, que vinha de uma vitória motivadora contra a Liga Muçulmana, ressentiu-se da falta de comando do seu treinador, Rogério Mariani, a braços com problemas de saúde, pelo que não seguiu viagem de Tete à cidade de Nampula.

A equipa canarina jogou praticamente na defensiva, com um bloco recuado constituído por quatro centrais. Contudo, a “fortaleza” que se havia criado na zona central do Chingale deixou-se abalar, volvidos 36 minutos, quando Coutinho, numa jogada espectacular, conseguiu introduzir a bola no fundo das malhas.

Com este resultado, o Desportivo de Nacala soma doze pontos, ocupando para já a terceira posição na tabela classificativa abaixo do líder HCB de Songo e da Liga Muçulmana, o que lhe confere o título de equipa sensação da competição.

Quadro de resultados

7ª Jornada				
Têxtil de Púnguè	0	x	2	Fer. da Beira
Clube de Chibuto	1	x	0	Fer. Nampula
HCB de Songo	1	x	1	Fer. Maputo
Desp. de Nacala	1	x	0	Chingale de Tete
Costa do Sol	1	x	0	Estrela Vermelha
Matchedje	1	x	0	Maxaquene
*Liga Muçulmana	-	x	-	Vilankulo FC

* Adiado

PRÓXIMA JORNADA - 8ª

Fer. da Beira	x	Costa do Sol
Fer. de Nampula	x	Têxtil de Púnguè
Fer. de Maputo	x	Clube de Chibuto
Maxaquene	x	HCB de Songo
Chingale de Tete	x	Matchedje
Vilankulo FC	x	Desp. Nacala
Estrela Vermelha	x	Liga Muçulmana

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	HCB de Songo	7	4	2	2	9	4	5	14
2º	Liga Muçulmana	5	4	0	1	11	3	8	12
3º	Desp. Nacala	7	3	3	1	4	2	2	12
4º	Maxaquene	6	4	0	2	6	4	2	12
5º	Costa do Sol	7	3	2	2	8	5	3	11
6º	Fer. Beira	7	3	1	3	8	7	2	10
7º	Chingale de Tete	7	3	1	3	5	5	0	10
8º	Clube de Chibuto	7	3	1	3	8	11	-3	10
9º	Fer. de Maputo	7	2	2	3	5	6	-1	8
10º	Fer. Nampula	7	2	2	3	5	7	-2	8
11º	Têxtil de Púnguè	7	2	2	3	5	9	-4	8
12º	Estrela Vermelha	7	2	3	4	5	7	-2	7
13º	Vilankulo FC	6	2	1	3	2	5	-3	7
14º	Matchedje	7	1	0	6	4	10	-6	3

Desporto

Boxe: Academia Paulo Jorge vítima da burocracia do Estado

Uma das referências do boxe moçambicano nas décadas de 80 e 90, Paulo Jorge, decidiu, em 2009, fundar uma academia de boxe para transmitir os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos nesta modalidade. Contudo, apesar da vontade e do primeiro passo dado, que foi o de oficializar a mesma, aquele antigo pugilista, que nesta semana concedeu uma entrevista ao @Verdade, não teve apoio por parte do Ministério da Juventude e Desportos, mesmo depois de ter rubricado um memorando de entendimento com aquela instituição governamental.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

@Verdade - Quando é que foi fundada a Academia de Boxe Paulo Jorge e quais eram os objectivos?

Paulo Jorge - A Academia de Boxe Paulo Jorge foi fundada em 2009, mas oficializada a 3 de Maio de 2010, com o objectivo de formar e capacitar atletas de boxe, bem como massificar esta modalidade a nível dos bairros da cidade de Maputo. Desenvolve actividades no âmbito da descoberta de novos talentos e formação técnica dos mesmos; da organização de torneios de rodagem; da participação, como equipa, nos campeonatos organizados pela Federação Moçambicana de Boxe (FMBoxe) e pela Associação de Boxe da Cidade de Maputo; da capacitação de treinadores e juizes; e da organização de palestras e seminários ligados à importância deste tipo de desporto na saúde pública.

@V - Como é que fundou a academia?

PJ - Depois de me ter formado como treinador de boxe, passei a trabalhar com a selecção nacional como técnico-adjunto no Parque dos Continuadores. No entanto, estranhamente, convidaram-me a renunciar ao cargo para ceder o lugar a Paulo Sinóia visto que, segundo o Comité Olímpico, ele tinha mais qualidades do que eu.

Deste modo, decidi então abrir a minha academia com vista a dar continuidade ao meu trabalho de formar pugilistas. Não contei com o auxílio de ninguém, visto que quando fui ao Ministério da Juventude e Desportos (MJD) e ao próprio Comité Olímpico, na altura, disseram-me que não reunia requisitos para obter apoio.

@V - Que requisitos?

PJ - Disseram-me que devia oficializar a academia para que pudesse beneficiar do apoio do Fundo de Promoção Desportiva (FPD). Esforcei-me e consegui. Mas quando voltei ao MJD obtive, novamente, uma resposta negativa.

@V - Qual foi a alegação?

PJ - Ter espaço próprio.

@V - Onde é que funcionava na altura a academia?

PJ - Em instalações alugadas na Praça de Touros. Um local onde formei grande parte dos pugilistas que representam Moçambique hoje em várias competições internacionais.

Quando chegou a hora da mudança, que curiosamente culminou com o período em que se anunciou a destruição daquele espaço, sendo que nós ainda não tínhamos encontrado um outro alternativo, perdi muitos atletas. Mas, o que mais me entristeceu foi quando a Comissão Técnica da FMBoxe decidiu retirar o equipamento que adquiri com os meus próprios meios, alegadamente porque a selecção nacional não tinha nada durante a preparação para os Jogos Africanos de 2011.

@V - E não fez nada para contestar essa medida?

PJ - O que mais devia fazer senão chorar? Tentei ir atrás dos atletas mas todos eles exigiram-me subsídios para continuar na academia, o que me deixou ainda mais triste.

@V - Pensou em desistir do boxe?

PJ - Obviamente!

@V - E o que aconteceu para não abdicar do projecto?

PJ - Depois da sabotagem, tive de refazer a academia. Fui à minha casa, no bairro do Chamanculo, e usei o meu quintal para construir um novo ginásio.



Fui ao MJD pedir uma audiência com o ministro. Ele recebeu-me, ouviu as minhas inquietações e a seguir aconselhou-me a criar, em papel, um projecto de formação e massificação do boxe. Fiz e foi aprovado, esperando apenas por financiamento.

@V - E recebeu o financiamento?

PJ - Depois da aprovação do projecto, o director nacional de Desportos, na altura António Munguambe, disponibilizou-me um monitor para que pudesse acompanhar no terreno a efectivação do projecto. Não houve financiamento e o referido monitor, na altura, segredou-me que eu não devia fazer pressão pois o ministro com quem falei, na altura Pedrito Caetano, estava de saída e que todos os dossiers podiam ser revistos.

Passado algum tempo, ele foi exonerado e fiquei sem o monitor. As coisas tornaram-se ainda mais complicadas e fiquei à deriva. Mesmo os poucos atletas que tinha na altura, refiro-me ao ano passado, perdi-os por falta de condições.

@V - Sentiu-se sabotado?

PJ - A sabotagem contra a Academia Paulo Jorge até hoje persiste, sobretudo pela Comissão Técnica da FMBoxe.

@V - O que a Comissão Técnica faz contra a Academia Paulo Jorge?

PJ - O Governo, logo depois dos Jogos Africanos, ofereceu apoio aos clubes e às academias através do FMBoxe. A Academia Paulo Jorge, por sua vez, tinha de levantar um equipamento no valor de 140 mil meticais.

No entanto, quando a federação soube que eu tinha esse privilégio, levou o material desportivo e foi deixá-lo numa loja, esta que, por sua vez, praticou preços especulativos, ou seja, um artigo que custava 1200 meticais, por exemplo, passou a custar 3700, o que reduziu a minha capacidade de compra.

@V - Não reclamou?

PJ - Fui reclamar e inclusive pedi para que me dessem os 140 mil meticais para adquirir equipamento desportivo num outro sítio. Mas logo a seguir fui ameaçado. Disseram, na altura, que se quisesse continuar com a academia eu devia adequar-me às condições por eles impostas. O próprio presidente Caldeira, na altura, disse-me que eu devia abandonar o boxe e procurar um outro emprego porque, se persistisse, eu podia sofrer represálias.

@V - Acha por isso que o problema é Paulo Jorge?

PJ - Parece que sim. Lembro-me de que, no ano passado, veio uma equipa de produção de filmes que precisava de pugilistas moçambicanos experientes. Felizmente fui convidado mas, no dia em que ia receber a credencial para participar nas gravações, um dos produtores, que não era moçambicano, disse que eu não era o Paulo Jorge e que os documentos que eu apresentei eram todos falsos.

@V - Neste momento a academia está a funcionar?

PJ - Estamos a trabalhar no meio de muitas dificuldades. Vamos formando atletas que depois de um, ou dois anos, fogem por falta de subsídios. Por vezes são os próprios pais que obrigam os pugilistas a saírem da academia porque não vêm nenhum rendimento. Há vezes em que são os outros clubes que os convencem a abandonar, prometendo salários e viagens para o estrangeiro.

Já há dois anos que não competimos, quer em torneios da cidade, quer em nacionais por falta de condições. Não temos sequer um ringue para praticar a modalidade.

@V - A Academia Paulo Jorge trabalha com quantos pugilistas neste momento?

PJ - Para as competições temos seis. Nos escalões de formação temos um total de 53.

“Precisamos de ajuda”

@V - Quais são as reais necessidades da Academia Paulo Jorge?

PJ - Nós precisamos de financiamento para o funcionamento pleno da nossa academia. Queremos, por outro lado, ter o mesmo apoio que o Governo cede a todas as outras academias. E, mais do que isso, queremos o respeito pelos regulamentos desportivos, visto que grande parte dos atletas que hoje representam Moçambique saiu da nossa academia e foram contratados por outros clubes depois de comprovado o talento, sem nenhum benefício para nós.

É preciso que todos percebam que nós estamos a trabalhar para o desenvolvimento do boxe em Moçambique.

@V - Depois da mudança de ministro, foram de novo ao MJD?

PJ - Como tinha dito o monitor, os projectos que estavam nas mãos do anterior ministro, o Pedrito Caetano, seriam revistos. Voltámos e a primeira coisa que conseguimos lá foi assinar um memorando de entendimento com o Instituto Nacional de Desportos que prevê a disponibilização de apoio técnico e material por parte daquela instituição subordinada ao MJD, para a realização das actividades programadas para o ano de 2013. Todavia, para a materialização desse acordo, mandaram-nos elaborar um pedido de apoio detalhado.

@V - Quem tratou deste assunto?

PJ - O próprio António Munguambe, na qualidade de presidente do Instituto Nacional do Desporto.

@V - Fizeram o pedido?

PJ - Fizemos e remetemos o pedido para a análise. Mas não tivemos resposta satisfatória: ora porque o documento sumiu; ora porque faltam detalhes; ora porque o documento não serve.

@V - E qual foi, a seguir, o procedimento?

PJ - Pedimos um modelo para elaborar a carta mas, quando entregámos, tempo depois, a resposta foi a mesma: faltam detalhes. Mesmo depois de seguir o protótipo que eles mesmo nos ofereceram.

Este cenário só demonstra falta de vontade por parte de algumas pessoas que estão no Ministério de apoiar a Academia Paulo Jorge.

@V - Quanto dinheiro precisa o Paulo Jorge para desenvolver as suas actividades?

PJ - Nós pedimos um financiamento anual de 179 mil meticais.

@V - Não é muito dinheiro?

PJ - Nós estamos para servir o país. Se for muito dinheiro, então que haja sensatez por parte do MJD para nos alertar, em vez de nos mandar elaborar documentos que no fim do dia não servem. Houve um dia, inclusive, depois de muita insistência, que António Munguambe perguntou-me: o que você tem que vale 200 mil meticais na vida? Ora, uma ofensa grosseira. Então porque é que rubricou o memorando? Ele não é o presidente do Instituto Nacional do Desporto?

Nós somos uma academia legal e reconhecida pelo próprio MJD. Queremos trabalhar para o desenvolvimento do boxe em Moçambique.

Desporto

Calcio: Juventus vence o Palermo e garante o bicampeonato

Com um golo do chileno Vidal, de penálti, a Juventus venceu o Palermo por 1 a 0, em casa, e conquistou o 29º título do Campeonato Italiano com três jornadas ainda por disputar. O triunfo coroou a campanha da equipa de Turim, que obteve 26 vitórias, cinco empates e apenas quatro derrotas.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

No relvado, o bicampeão Juventus estampou a faixa de 31 títulos do Calcio. Porém, para a Federação Italiana de Futebol são 29. Tudo por causa da punição que a Velha Senhora sofreu pelo escândalo de manipulação de resultados no futebol da Itália. Os scudettos de 2005 e 2006 foram dados ao Inter de Milão, que foi o vice-campeão nas duas ocasiões.

A derrota deixou o Palermo na zona de descida. Com a derrota, o clube, que soma 32 pontos, caiu uma posição por causa da vitória do Genoa por 4 a 1 sobre o Pescara. Na próxima jornada, a equipa vai enfrentar o Udinese, em La Favorita. Já a Velha Senhora visitará o Atalanta, no Estádio Azzurri d'Italia.

Juve tem posse de bola, mas não leva perigo ao Palermo

A Juventus iniciou a primeira etapa disposta a matar a partida e garantir o título com três jornadas por disputar. Sem dar espaços ao Palermo, os minutos iniciais foram marcados por um jogo de ataque contra defesa. A Velha Senhora jogava no campo adversário, e os visitantes apenas se defendiam.

Porém, a Juventus chegava poucas vezes à baliza de Sorrentino, com finalizações de fora da área, e a maio-



ria delas sem direcção. Pogba, duas vezes, Pirlo, Vidal... Todos tentaram abrir o marcador, mas em vão. A oportunidade mais clara de golo da equipa alvinegra aconteceu aos 28. Vucinic foi lançado, entrou na área e finalizou frente ao guarda-redes.

O jogo continuou com a Juventus em cima, fazendo pressão e com mais posse de bola. Mas o Palermo equilibrou as acções, chegando um pouco mais à baliza de Buffon. Na maioria das vezes, em lances de bola parada. Aos 42, Miccoli foi claramente derrubado na entrada da área, mas o árbitro mandou o jogo seguir. No último lance do primeiro tempo, aos 45, o Juventus quase abriu o marcador. Pirlo com um pontapé da direita, fez o esférico chegar à cabeça de Pogba. O francês antecipou-se aos defensores e cabeceou. A bola passou à direita de Sorrentino, que já estava batido.

Na regresso para a segunda parte, a Juventus apresentou a mesma postura, procurando o golo e pressionando o Palermo no seu meio campo. Mas quem assustou

primeiro foram os visitantes. Miccoli recebeu pelo bico da grande área e finalizou cruzado de perna direita. A bola bateu na trave de Buffon, que se esticou todo para evitar o golo.

Aos 12, a Juventus fez o golo da vitória. Lançado dentro da área, Vucinic foi derrubado por Donati. O árbitro assinalou penálti. Na cobrança, Vidal escolheu o canto direito de Sorrentino, que caiu para o lado esquerdo: 1 a 0.

A partir do golo, a Juventus passou a trocar mais a bola. Abusou do excesso de preciosismo e poderia até ter feito mais golos. O Palermo voltou a acordar na partida e quase deixou tudo igual aos 32. Hernández recebeu à entrada da área e marcou. A bola passou à direita de Buffon, que se estirou todo de novo e viu a bola passar rente à trave.

Cinco minutos depois, Pogba foi expulso. Depois de sofrer uma bofetada no rosto desferida por Aronica, o francês cuspiu no adversário e acabou por ver o cartão vermelho. No fim, mesmo com um jogador a menos, a Juventus seguiu o resultado e levantou mais um troféu na Itália.

Publicidade

NOVA 2M TXÔTi
SHOT
DE FRESCURA

A 2M TXÔTi É A IRMÃ MAIS NOVA DA 2M. É MAIS PEQUENA, VIVA E LEVE E FICA GELADA ATÉ AO FIM. PEDE UMA 2M TXÔTi E REFRESCA OS TEUS BONS MOMENTOS COM UM SHOT DE FRESCURA.

2M REFRESCA A NOSSA MANEIRA

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

“Não creio que não ter escrito outro livro seja um assunto que me deixe penalizado”

Na sua 78ª feira, a Livraria Minerva – com mais de cem anos de existência – prestou uma homenagem ao autor do livro Nós Matámos o Cão Tinhoso. Entretanto, na cerimónia, os seus leitores, sobretudo os mais fervorosos, insistiram numa pergunta: “Porque é que Luís Bernardo Honwana nunca mais publicou outros livros?” A questão tornou-se (quase) perturbadora...

Texto & Foto: **Inocêncio Albino**

Em 2014, o livro Nós Matámos o Cão Tinhoso irá completar 50 anos desde que (pela primeira vez, no contexto colonial) foi publicado em 1964. Nesse sentido, a Livraria Minerva antecipou-se à celebração do meio século da obra. No encerramento do evento promoveu um encontro, nas suas instalações, entre o autor, alguns escritores e os seus apreciadores. Em parte, o pretexto era reflectir em torno da produção, mas, acima de tudo, prestar tributo ao seu autor.

Recorde-se de que 1960 é uma época peculiar da nossa história, marcada por uma série de transformações sociais em vários campos. É por essa razão que – tratando-se da homenagem a um autor – faz sentido procurar perceber o seguinte: “Qual era o ambiente literário dessa época, tomando em conta que o grau de instrução dos moçambicanos era diminuto?” Esta questão de Tavares Cebola, funcionário da instituição, serviu de ponto de partida para a interacção.

“Embora nos anos 60, em Moçambique, as estatísticas mostrassem um número modesto de pessoas que tinham uma boa relação com a leitura, isso não significava a inexistência de um ambiente que estimulasse as pessoas para a aventura da escrita. Muito antes, já se falava dos Noronha, dos Dias, dos Craveirinha e muitas pessoas anteriores à minha geração que, nessa altura, foram encorajadas a escrever”, refere esclarecendo que tal escrita “era mais jornalística questionando os problemas vigentes”.

Começou-se a criar, a partir do jornalismo, uma consciência correctiva no prolongamento do qual surgiram novas formas de literatura criativa. O facto histórico de o livro Nós Matámos o Cão Tinhoso ter surgido num momento em que o sistema vigente fazia a rejeição de algumas propostas literárias, sobretudo as genuinamente moçambicanas, fez com que tal se tornasse uma obra de leitura (quase) obrigatória nos programas de ensino.

Por essa razão, “caso tenha havido, ao longo dos anos, estudantes cujas notas não tenham sido positivas, por causa do meu livro, o que pressupõe que a culpa foi minha, penso que é o momento de pedir desculpas”, diz o autor que acrescenta que “a sua difusão pelos programas do ensino fez com que o livro ficasse no ouvido das pessoas, mesmo que algumas não o tenham lido. De certa maneira, isso é lisonjeiro mas também, de outra, compromete-o porque, seguramente, a frequência com que é citado deve corresponder a uma situação de escolha e, por conseguinte, se tal selecção tiver coincidido com a preferência das pessoas, é muito bom. O problema é que na altura não havia muitas escolhas”.

Reflectir sobre os problemas do tempo

Ainda que ao longo dos anos, muito em particular nos nossos tempos, o Nós Matámos o Cão Tinhoso tenha sido alvo de estudos e de diversas interpretações, a obra preserva (e muito bem) os problemas do tempo colonial em que foi escrito. Esta questão racial que se evidenciava muito, sobretudo no dualismo preto e branco.



De acordo com Luís Bernardo Honwana, “naquela altura tínhamos avançado em relação a estas questões. Havia o racismo e nós defendíamos que ele era um dos produtos do colonialismo”.

Ou seja, “o racismo não existe só e sozinho. A situação colonial e outras de exploração que precisam de uma justificação moral ou científica é que o gera(ra)m. Há mitos que dão substância ao referido fenómeno, mas, no nosso caso, era o colonialismo: uma minoria populacional ocupa um território enorme, administrando-o. No entanto, para essa população, além da administrativa, precisa de uma autoridade que decorre do sentimento de superioridade, da necessidade de civilizar, de cristianizar, de educar e de elevar as pessoas a uma dignidade superior”.

Perpetuar-se no história

O facto, por exemplo, de no teatro Nós Matámos o Cão Tinhoso ser uma obra que constitui um ponto de partida para explicar a realidade contemporânea, 50 anos depois, é um indicador da sua intemporalidade. Que enquadramento, então, se pode dar ao livro – na perspectiva do autor – na conjuntura actual?

Para melhor comentário, Luís Bernardo Honwana elabora uma premissa. “A literatura socorre-se de factos de uma realidade. Não sendo este livro uma ficção científica, pelo menos, referiu-se às práticas observadas e questionadas pelo escritor numa época. Tais histórias ficam datadas”.

Assim, “o interesse factual do que se disse e do que aconteceu pode ser manifestado por pessoas que estudam a história e outras ciências sociais. Isso significa que há, no livro, material que satisfaz os cientistas. No entanto, para os que não encontram importância científica na obra – o que resta é a literatura”.



Agora, “em relação às histórias contemporâneas à época em que o livro foi escrito já não cabem na pauta do nosso dia-a-dia. Vivemos momentos muito diferentes. Haverá uma relação num e noutro aspecto de paralelismo”.

E nunca mais escreveu...

Se as leis com que se governa a produção literária dependessem unicamente dos Homens, talvez as razões que move(ra)m Luís Bernardo Honwana a não escrever mais nenhuma obra de ficção – como aconteceu em Nós Matámos o Cão Tinhoso –, sem nenhuma especulação, seriam do conhecimento de todos. E, por via disso, também se abafaria a veemência com que uma questão é formulada: “Porque é que ele nunca mais escreveu?”

Falando da sua experiência com a obra, a escritora Lília Momplé, que assume que foi influenciada pela criação e pelo seu criador, considera que “o livro Nós Matámos o Cão Tinhoso emocionou-me porque nele eu vi as nossas histórias, aquilo que passámos, a nossa vida”.

Por exemplo, “quando eu era professora de Língua Portuguesa fui surpreendida pela preocupação dos alunos (que se reviam nas personagens) ao coreografar as suas histórias. Estarmos a homenageá-lo, é um tributo de justiça ao escritor”.

“Espero que agora que está longe das lides dos relatórios, já que a dado momento afirmou que são eles que lhe impediam, volte a escrever ficção”, diz.

Por sua vez, o director da Livraria Minerva, Victor Gonçalves, afirma que o texto de Luís Bernardo Honwana “teve uma importância grande em Moçambique como em Portugal. E é por isso que nós nos referimos a ele como sendo clássico. Passados quase 50 anos, continuamos a falar dele. Os grupos de teatro encenam-no”. De qualquer modo, “não sei porque é que repetimos que o autor de Nós Matámos o Cão Tinhoso só tem um livro. Eu diria que só tem um livro por agora”.

Já o autor da Ualalapi, Ungulane Ba Ka Khossa, engendra uma história bem elaborada para explicar a realidade.

Diz ele que, actualmente, “na América do Norte fala-se de uma geração perdida porque ela se matou. Deixou de existir como indivíduo para assumir um certo colectivo que se tornou uma utopia. Ora, atendendo que a literatura é um acto iminentemente individual, virado para o eu, vejo o Luís nessa perspectiva. A partir de um dado momento, as pessoas deixaram de ter um eu e passaram a olhar para um nós na literatura”.

Seja como for, a verdade é que, segundo Luís Bernardo Honwana, “não sei o que é que aconteceu. Sou protagonista de uma vida cheia de episódios. A reincidência na literatura criativa não foi o meu caminho. Nunca estive longe da escrita de todo o tipo que se pode imaginar, mas a ficção nunca mais me encorajou a publicar livros”.

“Sinto que, por uma questão de amizade, as pessoas gostariam de me ver a reiniciar uma carreira literária que deixei há 50 anos. O que me enche de pena é que as outras actividades que tenho feito não conquistam o vosso favor. Escrevo tanto sobre situações muito penosas. Acho que esta nova produção tem um impacto que se refere às questões da nossa vida, a nossa condição social e humana (para se discutir). Não é algo de especulação como acontece na produção literária”.

De qualquer modo, “se a Minerva Central me conceder esta oportunidade, talvez no próximo ano eu posso publicar um livro – mas, definitivamente, noutras áreas”.

Levitas preocupados com a situação da Igreja

Cursam áreas de conhecimento que lhes podem colocar em posições de prestígio social. No entanto, não perdem de vista o foco da sua vida. Mais uma vez, deram indicações de que estão seguros em relação às suas escolhas: “Queremos que a Igreja volte para Deus”. Na semana passada, realizaram um concerto no bairro de Malhangalene, em Maputo. Chamam-se Levitas da Rima e cantam Rap Gospel.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Levitas da Rima

Os Levitas da Rima são cinco jovens, todos universitários, que dedicam parte do seu quotidiano ao canto coral, a que chamam Rap Gospel. Dentre eles, o mais velho, de 25 anos de idade, Frenque Guerra, frequenta o terceiro ano de Gestão de Empresas. O mais novo que, por coincidência, é o líder do grupo, Nísio Dionísio, tem 19 de idade e estuda Informática.

Emmanuel Mário, Sílvia Flórida e Sandra Feliciano, de 20, 21 e 24 anos de idade, são estudantes de Arquitectura, Contabilidade & Auditoria e Engenharia Civil, respectivamente.

Há três anos, Frenque Guerra e Emmanuel Mário decidiram criar uma colectividade artística para explorar a música Gospel. Nesse sentido, procuraram jovens que comungassem do mesmo ideal, mas a adesão foi fraca. Algum tempo depois, Nísio Dionísio juntou-se ao grupo que, primeiramente, ficou conhecido pelo nome MBK Records, antes de ser Filhos de Deus.

Emmanuel Mário recorda-se de que “a nossa primeira aparição oficial aconteceu em 2010, quando nos juntámos a outros cantores do Rap Gospel das cidades de Maputo e da Beira a fim de realizarmos um . Em 2012, mudámos de nome para Levitas da Rima. O objectivo era responder, de forma cabal, àquilo que são as nossas pretensões artísticas e da pregação da mensagem de Deus”.

Entretanto, desengane-se quem pensar que a mudança de nome (para Levitas da Rima) foi movida por razões de estilo e etiqueta. “Rebelando-se” contra a situação em que a Igreja dos nossos dias se encontra, os artistas inspiraram-se na história do povo Levita (um dos primeiros clãs de cristãos) que, essencialmente, era composto por cantores.

Entretanto, ainda que admita que (com uma melhor elaboração) a história dos Levitas possa ser lida no respectivo livro (Levíticos) na Bíblia, Nísio Damião narra o que sabe. “Inicialmente, nós éramos conhecidos pelo nome de Filhos de Deus. A dado momento apercebemo-nos de que devíamos ser Levitas porque a nossa mensagem era diferente da que muitos pregadores difundiam. Ou seja, nós não estávamos só preocupados em transmitir a mensagem de Deus para os descrentes, mas também, e acima de tudo, para os crentes”.

“É por essa razão que o nosso primeiro álbum terá como título Unindo a Igreja a Deus. Concluímos que muitas igrejas perderam o seu foco, a fé em Deus. Queremos que as pessoas que lá se encontram voltem ao caminho do Criador”.

Por exemplo, “na Bíblia explica-se que Levita foi o terceiro filho da esposa de Lia. Quando nasceu chamava-se Levi mas a sua mãe, que não era apreciada pelo esposo, entendeu que o bebé devia chamar-se Levi já que isso lhe aproximaria do seu marido. A tribo onde Levi nasceu era conhecida por Levitas porque era composta por cantores”, explica Nísio. É essa a metáfora que os Levitas da Rima aplicam nas suas acções e apresentações artísticas.

Ou seja, “nós, Levitas da Rima, associamos essa história às pessoas que trabalham para Deus. Há a necessidade de os nossos contemporâneos, aqueles que servem a Deus, se aproximarem cada vez mais de Si. A parte da Rima é justificada por fazermos um estilo de música Rap”. Por essa razão, “o nosso foco no Evangelho é mais para os crentes. De modo que estes voltem ao primeiro amor que tinham em relação a Deus. Só assim é que eles podem ter condições de pregar a sua palavra perante os descrentes”.



Convenhamos que esta posição, por um lado, mostra maturidade de quem a toma, mas, por outro, também é passível de questionamento. Com que base os Levitas da Rima afirmam isso?

A verdade é que “já fomos questionados. Em certa ocasião, um irmão perguntou-nos se o que estávamos a dizer havia sido investigado nas igrejas. Eu expliquei-lhe que não. Havia uma necessidade de se parar para pensar no facto de que, recorrentes vezes, os jornais e a televisão difundem informações sobre pastores que discutiram por causa do dinheiro da Igreja. Isso significa que o foco da Igreja se perdeu. A nossa missão não é, necessariamente, criticar a situação, mas é chamar as pessoas à reflexão”.

Nísio Dionísio considera que “se os pastores acham que nós estamos a criticar é porque eles têm problemas. Antes de responder, um bom pastor escuta e reflecte. Ele é uma pessoa que conduz as suas ovelhas. Se disser que o rebanho está desorientado e não o orienta, então ele tem problemas”.

Não há harmonia

Olhando para as pessoas da sua idade, Emmanuel Mário chama a atenção para o facto de que “a geração actual, sobretudo os adolescentes, tem múltiplas personalidades. Por exemplo, sob o ponto de vista de carácter, a pessoa que está no Facebook não é a mesma com que convivemos. Falar sobre isso não significa fazer um juízo de valor, mas convidar as pessoas para que retornem ao primeiro amor de um cristão em relação a Deus”.



“Não basta só falar. O testemunho é muito importante. Deus não falou muito. Ele enviou-nos o seu filho para morrer por nós. Teve uma atitude”. Então como os Levitas perceberam que determinadas pessoas – além de não ajustarem as suas condutas às orientações de Deus – têm múltiplas personalidades, criaram a música Vida Dupla. Mas no seu repertório musical também falam sobre os temas do arrependimento, da batalha espiritual, do retorno a Deus, os quais, segundo creem, “ajudam a reflectir em torno do que somos”.

Projectos e planos

Porque os Levitas da Rima têm a consciência de que seguir uma carreira artística secular é muito difícil, consideram que não haveria um ambiente de facilidades no canto coral. Por isso, como diz Emmanuel, “além da pregação do Evangelho não temos outra motivação. É verdade que gostamos do Rap, mas, como queremos transmitir a mensagem de Deus, sentimos que estamos a associar o útil ao agradável, fazendo o Rap Gospel. Não actuamos muito pelo comércio, mas sim pelo Evangelho”.

De uma ou de outra forma, Frenque Guerra afirma que “a curto prazo, o nosso plano é lançar o nosso trabalho discográfico. Gostariamos também de fazer concertos em todo o país, anunciando as boas novas de Deus através das nossas músicas”.

Por exemplo, “há muita gente que pensa que o Gospel é um estilo de música sem dinâmica – em que se repetem as palavras “aleluia” e “hosana” – o que não é verdade. Nesse sentido, com a publicação do nosso álbum, as pessoas terão a oportunidade de perceber que a realidade é diferente do que pensam”.

Não vivemos para o mundo

Percebe-se que, como jovens, os Levitas da Rima são um exemplo para as pessoas da sua faixa etária. Mas qual é o custo de buscar a exemplaridade? Sandra Feliciano, uma das coristas do grupo, considera que “nós não somos perfeitos (e isso significa que também pecamos, cometemos os erros que os jovens comuns cometem). Mas, a par disso, seguimos Cristo”.

Emmanuel diz que “não vivemos só para hoje. Temos a crença da vida depois da morte, no paraíso vindouro. Sabemos que o destino da vivência secular é o inferno. Passar por cima de todas as paixões mundanas que nos rodeiam é muito difícil porque somos jovens. Mas a nossa focalização é a santidade porque é disso que Jesus precisa”.

De uma forma mais elaborada, Sandra Feliciano explica que “nós, os jovens, enfrentamos desafios porque queremos muitas coisas. É verdade que fazemos a música Gospel – que nos aproxima a Deus – mas também existe o mundo que nos seduz com os seus bens. Temos os nossos amigos que não são crentes. No ensino, por exemplo, somos atraídos para o mundo pelos nossos amigos que não são crentes. Há muitas situações que podem desviar-nos. No entanto, apesar de não sermos perfeitos, sabemos que o nosso foco é Jesus Cristo. Tentamos viver à altura da vontade de Deus”.

Unindo a Igreja a Deus

No sábado passado, quatro de Maio, os Levitas da Rima (a par dos grupos Afro J, Ebenezer e Filipe Saimone) realizaram o seu 134º concerto. Tinham imprimido, para a venda, 100 bilhetes. No entanto, tiveram de reimprimir outros já que a procura foi grande. Foram vendidos pouco mais de 130 bilhetes para um concerto cujas entradas custavam 50 meticais.

Depois de Moçambique, o seu blog (levitasdarima.blogspot.com) é, maioritariamente, visitado por pessoas dos Estados Unidos, Brasil e Alemanha. É nesse sentido que Nísio considera que “em Moçambique, o Rap Gospel ainda não conquistou o seu espaço. Nos Estados Unidos a situação é diferente”.

“Unindo a Igreja a Deus” é o nome do disco dos Levitas da Rima que já está gravado. Falta-lhes, no entanto, financiamento para publicá-lo. O concerto do fim-de-semana passado foi uma forma de colectar dinheiro para a concretização do referido projecto.

Último segredo (angolano) revelou-se em Moçambique

Na sua presença efémera em Maputo, o escritor angolano Tazuary Nkeita relançou a sua terceira obra, “O Último Segredo”, numa cerimónia decorrida na Associação dos Escritores Moçambicanos. Qual, então, é o mistério contido na obra? É assim que se faz o convite para a leitura do livro.

Texto & Foto: Redacção

O autor do livro “O Último Segredo” é jornalista desde 1975. Mas a sua primeira obra literária, “A Voz dos Dibengos”, só foi publicada em 2001. Em 2005 lançou “A Minha Pulseira de Ouro”.

Falando na cerimónia da sua publicação, em Maputo, Isabel Bombe explicou que “O Último Segredo” é um romance de Angola que retrata os problemas da actualidade. Está escrito em jeito de crónicas, 40 no total, com personagens que transmitem as experiências de partilha de momentos familiares, desabafos, desentendimentos, amor materno, conflitos sociais e intrigas secretas”.

Mas o autor considera que “O Último Segredo é uma recolha de textos que

eu publiquei nos jornais de Angola entre 1990 até 2010. Trago uma mensagem de mudança que se traduz na passagem de testemunho de uma geração para a outra. É preciso que as gerações mais velhas transmitam os seus conhecimentos aos mais novos para que estes sejam capacitados e integrados nos desafios que lhes esperam. Só assim eles podem assumir as suas responsabilidades, para que haja desenvolvimento”.

Por exemplo, “nos primeiros anos das nossas independências, a maior parte de nós era constituída por jovens de 19 anos de idade. Sucedeu que a geração anterior à nossa transmitiu-nos a sua experiência para que se continuasse o desenvolvimento dos nossos países recém-descolonizados. Eles haviam lutado com muito sacrifício para o alcance da liberdade. Então hoje nós também temos a obrigação de transmitir a nossa experiência às gerações que nos seguem para que elas possam dar continuidade no enfrentamento dos desafios das nossas sociedades”.

A dado momento, Isabel Bombe afirma que o autor relata que “Tuluca Dibaia, o personagem principal da história, foi uma pessoa exemplar na guarda de segredos importantes do Estado, mas faltava-lhe o calor e a ternura de uma família nuclear”. Reconhecendo que quando se fala sobre tal assunto há uma tendência de se fazer uma luta com os fazedores da comunicação social, os jornalistas, questionou-se ao autor se haveria na obra uma

ligação objectiva com a realidade.

Tazuary Nkeita considera a pergunta interessante – na medida que nos remete à reflexão em torno da liberdade de expressão e de imprensa –, sobretudo porque é elaborada no Dia Internacional da Liberdade de Imprensa.

No entanto, para si, o problema é que “nós temos na nossa mente a ideia de que tudo é segredo. Eu sou jornalista desde 1975, antes das nossas independências, por isso falo com conhecimento de causa. Há, nos nossos Estados, situações de insegurança em relação ao tratamento de determinados assuntos por parte da imprensa. Não há nenhum jornalista interessado em divulgar um segredo de Estado. O que ele procura são factos de interesse público. É preciso que se esclareça também que existe uma diferença entre um facto de interesse público e os da vida privada das pessoas. Nesta discussão, “O Último Segredo” tem a importância de estabelecer a distinção entre ambas as categorias”.

Assim, para Tazuary Nkeita, se na actualidade existe algum segredo, “tal é a necessidade de se formarem os jovens. Introduzi-los numa escola de modo que tenham conhecimentos que lhes vão dar tranquilidade e uma capacidade de dirigir os nossos países com segurança. Se não estivermos seguros em relação a nós mesmos, não conhecermos os limites dos nossos trabalhos, vamos passar a vida a dizer que tudo é segredo de Estado”.

É importante que nas sociedades africanas os jovens sejam os agentes da mudança e da transformação social.

Importação da literatura

Partindo do princípio de que é do interesse dos leitores angolanos o conhecimento de Moçambique, não só através da Rádio e da Televisão, mas também por meio da literatura – o sentido inverso é válido – Tazuary Nkeita afirma que “por várias vezes, tenho dito que os livros não têm fronteiras. Se eu posso vir de Luanda a Maputo através das linhas aéreas que existem porque é que os livros não vêm? Essa realidade lembra-me os nossos países no período do partido único, o tempo da guerra, em que os jornais só circulavam nas capitais”.

Isso significa que a liberdade de opinião, mesmo nos regimes de orientação democrática, só existia nas cidades capitais. À medida que as pessoas caminhavam para o interior do país, as suas liberdades diminuam.

Ainda que se tenha celebrado a três de Maio o Dia Internacional da Liberdade de Imprensa, “sinto que os próprios jornalistas têm medo de expressar a sua opinião. É preciso que as mentalidades das pessoas se habituem a novas opiniões. É necessário que as ideias antigas e de vanguarda que se lançam em Moçambique cheguem a Angola”.

Por exemplo, em 1975, Moçambique estava independente desde Junho e Angola só alcançou a independência em Novembro. Não obstante, “nós, os angolanos, estávamos atentos a tudo o que acontecia no país irmão”.

“Tudo o que se publicava em Moçambique era seguido com a máxima atenção em Angola. Por isso, acho que hoje temos de desenvolver esse dinamismo que existia nos primeiros anos da formação dos nossos Estados. Temos mecanismos para o fazer”.

“Se Moçambique importa vários produtos de Angola, porque é que não se pode fazer o mesmo em relação à literatura? Se eu vou a um supermercado e vejo alimentos da África do Sul, porque é não é possível que haja também livros de Angola e São Tomé?”

Promover a interacção

O outro acontecimento que, de acordo com Tazuary Nkeita, deve ser capitalizado é a Semana Cultural da CPLP. “Penso que ela constitui um evento em que se deve promover, o da interacção dos escritores dos nossos países. Temos de aceitar esse desafio, ao mesmo tempo que temos de produzir obras de qualidade e de interesse para os nossos e leitores”.

O problema que se põe em discussão tem a ver com a qualidade literária. Por exemplo, “se se ouvir dizer que há um livro novo que foi lançado nos Estados Unidos – seja ele “O Código da Vinci”, por exemplo – as pessoas correm para comprá-lo, imediatamente. Porque é que as literaturas de Angola, de Moçambique e de São Tomé não circulam nos nossos países? É preciso que nós valorizemos o que é nosso. “O Último Segredo” é isso. É preciso que acreditemos na nossa capacidade, nos nossos recursos e na nossa força para vencermos”.

Quem é Tazuary Nkeita?

Tazuary Nkeita é pseudónimo literário de José da Costa Soares Caetano. O autor nasceu em Luanda, Angola, a 11 de Janeiro de 1956. É jornalista desde Julho de 1975, actividade que iniciou na Agência Angola Press (ANGOP).

Assina crónicas regulares, como colaborador, em jornais angolanos com destaque para o Semanário Angolense. Também foi colaborador do Jornal de Angola desde 1976. A sua iniciação jornalística ocorreu na ANGOP, órgão de que é co-fundador, e do qual foi director de Informação entre 1991 e 1994. No seu país, entre 1990 e 1991, Tazuary foi director do Gabinete do Ministro da Comunicação Social.

Actualmente é oficial de Comunicação da Organização Mundial da Saúde, em Luanda.



Curso de Formação em Sistema de Gestão de Qualidade: Normas ISO 9001:2008 e Ferramentas de Gestão da Qualidade

Com o objectivo de capacitar os profissionais da área de Qualidade a interpretar e implementar os requisitos da norma NM ISO 9001:2008, a **KPMG Auditores e Consultores, SA** em parceria com a **CFQ - Consultoria Formação e Qualidade**, promoverá, nas suas instalações, durante 5 dias de **20 a 24 de Maio de 2013**, um **Curso de Formação em “Sistema de Gestão de Qualidade: Normas ISO 9001:2008 e Ferramentas Gestão da Qualidade**.

Esta formação é destinada aos Gestores da Qualidade, Gestores de Sistemas Integrados (Qualidade, Ambiente e Segurança), Técnicos da Qualidade do sector público e privado, Auditores internos de Sistemas de Gestão de Qualidade, Consultores na área de Gestão da Qualidade e profissionais envolvidos na Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade.

O curso será administrado por profissionais da **KPMG Auditores e Consultores, SA** com vasta experiência na Reengenharia de Processos de Negócio e Desenvolvimento Organizacional, em parceria com a **CFQ- Auditores e Consultores, SA** uma empresa portuguesa com vasta experiência em Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade, Auditoria interna de Qualidade e Apoio na Certificação **ISO 9001:2008**.

O custo por participante é de **38.000,00MT (incluindo IVA)**, valor que inclui os 5 dias de formação, todo o material de apoio ao curso, certificado e os serviços logísticos a serem disponibilizados aos participantes.

As inscrições devem ser efectuadas, até o dia **17 de Maio de 2013**, no endereço abaixo:

KPMG Auditores e Consultores
Rua 1.233, n.º 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snhachale@kpmg.com ou Cláudia Tivane pelo e-mail: ctivane@kpmg.com.

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Uma das pequenas e estranhas repúblicas que existe é a do Monte Athos, que se une à costa da Grécia.

Desde o ano de 1024 que esta pequena república está na posse, e por ela é governada, de ordens monástica da Igreja Ortodoxa, sendo habitada por milhares de monges dispersos em mosteiros e comunidades. Estes homens preparam as suas refeições, fazem os seus vestuários e todos os outros trabalhos, visto que não é permitido que qualquer mulher pise o solo daquela montanha sagrada.

Athos é um mundo muito próprio, cujos habitantes vivem como os seu ancestrais, há mais de mil anos.

Há mais de 50 anos, o governador de Kansas, Estados Unidos da América, fez uma visita oficial pelas prisões do seu Estado e ficou bastante impressionado quando lhe mostraram determinada cela, que era ocupada, há 8 anos, por um jovem condenado a prisão perpétua por ter matado o pai.

Aos pés da cama estava pendurada uma fotografia do morto e assim o prisioneiro era obrigado a encará-la durante o dia. Acreditando que nenhum assassino pode suportar a vida com a presença duma imagem do assassinado, o governador concluiu que o preso estava inocente e concedeu-lhe a amnistia, mandando-o em liberdade.

PENSAMENTOS...

- Felicidade é estar em harmonia consigo próprio.
- Não seja como aqueles que nunca tentam, com medo de falhar.
- A melhor aventura da vida é vivermos ao lado de quem amamos.
- Somente quem se ama pode contar com a ajuda dos outros.
- Antes de te meteres à água toma pé.
- Dão à luz o corpo, não dão à luz o coração.
- Sabe aquele que pergunta.
- Não há manjar que não enfatie.
- Se a vida se comprasse, só os pobres morreriam.
- Inimigo adormecido, inimigo vencido.

SAIBA QUE...

O uso da cruz vermelha surge da ideia de um filantropo suíço, de nome Henry Dimant, que fez adoptar por todos os Estados um sinal distintivo – a bandeira branca com uma cruz vermelha – para a protecção dos feridos e do pessoal das ambulâncias, nos campos de batalha. A Convenção de Genebra coroou, em 1864, a sua generosa iniciativa e a cruz vermelha tornou-se, desde então, por assim dizer, universal.

O dízimo é uma antiga contribuição dos fiéis à Igreja. Inicialmente, correspondia à décima parte dos rendimentos e tinha como finalidade o sustento dos membros do clero, e o financiamento das actividades ligadas ao culto religioso, a necessitados e até a guerras religiosas. Com origem numa tradição prescrita no Antigo Testamento, o pagamento dos dízimos foi durante muito tempo voluntário. A partir do século XI, tornou-se obrigatório na Península Ibérica. Posteriormente, o Concílio de Trento (1545-1563) decretou pena de excomunhão a quem se escusasse ou impedisse o pagamento deste tributo.

O termo Estado “totalitário” tem sido aplicado tanto a países fascistas como comunistas, e indica um sistema em que todo o poder se encontra centralizado no Estado, o qual é, por sua vez, controlado por um único partido legitimado por uma ideologia exclusiva.

RIR É SAÚDE

Um polícia, em fim de turno, parou o carro em frente da esquadra. Enquanto arrumava as suas coisas, o cão ladrava sem cessar no banco de trás, e ele tentava em vão fazê-lo calar.

À beira da estrada encontrava-se um menino que olhava com insistência para o polícia.

Ao fim de algum tempo, o garoto pergunta:

- É um cão que tem aí atrás?
- Claro que sim – respondeu o guarda.

O menino, ainda indignado, sai-se com esta:

- E que crime fez ele?

O pai ordenou ao seu filho pequeno que se fosse deitar. Passados uns minutos, ouviu:

- Pai!
- O que é?
- Tenho sede. Podes trazer-me um copo de água?
- Não. Devias ter-te lembrado disso antes de te deitares. Minutos depois:
- Paaai...
- O que é????!!
- Tenho sede. Podes dar-me um copo de água?
- Já te disse que não. Se voltas a chamar-me, vou até aí bater-te.
- Mas a criança não desarma:
- Paaaaiiii...
- O QUE É????!!
- Quando vieres aqui bater-me podes trazer um copo de água?

O soldado pára-quedista termina o período de aprendizagem.

Chega, enfim, o grande dia de ser lançado no espaço. O rapaz tem, evidentemente, certo medo, mas disfarça-o o melhor possível, pois disseram-lhe que tudo correria bem. O que é preciso, em todas as emergências, é ser optimista. Quando chega a sua vez de saltar, o pára-quedas não se abre. E ele desce como uma flecha. Mas não perde o bom humor, e diz para os seus botões:

- Bem... Felizmente que não chove...

HORÓSCOPO - Previsão de 10.05 a 16.05



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As suas finanças apresentam-se regulares e não deverá sentir dificuldades de maior, durante este período. Poderá verificar-se, próximo ao fim da semana, uma pequena contrariedade que, à partida, será ultrapassada; de qualquer forma.

Sentimental: Seja direto com o seu par e não crie situações artificiais que poderão desgastar a sua relação sentimental, com consequências imprevisíveis. Para os que não têm compromissos, durante esta semana poderão conhecer alguém.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

grande prudência em tudo o que se relacionar com gastos, especialmente, os superfluos. Este aspeto passa por um período delicado que poderá atingir qualquer um.

Sentimental: Na área sentimental, evite os confrontos, desnecessários, que lhe poderão trazer algumas situações difíceis de ultrapassar. Para os que não têm uma ligação este não será um período muito favorecido. Seja paciente e aguarde por dias mais melhores.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Período complicado; no entanto, seja positivo, use a sua força e persistência para não permitir que este aspeto possa influir, negativamente, nas suas atitudes e decisões. Seja ponderado em tudo o que se relacionar com dinheiro.

Sentimental: Um pouco mais de atenção em relação ao seu par poderá ser uma forma de suavizar outros aspetos, menos agradáveis. Alguém muito próximo poderá criar-lhe uma situação delicada; esteja atento a este aspeto. A relação dos nativos deste signo passa por um período de algum desgaste.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: As suas finanças deverão apresentar-se regulares durante todo período; no entanto, não será aconselhável qualquer aplicação de capital, ou investimento e aguarde por uma altura, mais favorável.

Sentimental: A sua vida amorosa, durante esta semana, aconselha a que seja gentil e carinhoso com o seu par. Não tente, durante este período, falar no passado e, de uma forma muito especial, nas situações que recordem momentos menos bons.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: As suas finanças não deverão sofrer alterações dignas de relevo. Mantenha-se atento aos gastos, especialmente, os desnecessários. Para o fim da semana, poderá ter de encarar uma despesa inesperada.

Sentimental: Os relacionamentos de ordem sentimental estarão a atravessar uma fase muito sensível; a sua força interior terá um papel importante no sentido de equilibrar a relação com o seu par. Não crie problemas onde eles não existem.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As suas finanças poderão conhecer, durante este período, uma situação de algum melindre. Não se deixe conduzir por impulsos e analise as questões antes de decidir. Para o fim da semana, a situação deverá começar a melhorar.

Sentimental: Construa a sua própria felicidade e não permita que o seu relacionamento dependa de terceiros; mantenha-se atento em relação a esta questão.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Os negócios não encontram, neste período, o ambiente mais favorável. As suas finanças deverão ser bem acauteladas e não deverá proceder a qualquer aplicação de capital. Para o fim da semana, prevê-se uma ligeira viragem, para melhor.

Sentimental: Na área amorosa deverá ser, extremamente, cuidadoso. Esta semana será muito delicada para os nativos deste signo, em tudo o que passe por relações sentimentais. Evite criar situações artificiais. Os seus familiares deverão ser a sua opção de relacionamento.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: O aspeto financeiro deverá merecer, da sua parte, a maior atenção. Não gaste mais do que deve. Toda a espécie de aplicações de capital e investimentos deverão ser, cuidadosamente, analisados. O mais indicado, será adiar para outra altura mais favorável as operações financeiras.

Sentimental: A sua vida amorosa poderá ser influenciada por outros aspetos. Tente ser atencioso com o seu par e não crie situações de tensão que, especialmente, neste período, poderão ter consequências desagradáveis.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Recomenda-se grande prudência em tudo o que forem despesas. As aplicações de capital, não encontram, nesta fase, a altura mais adequada. Os seus negócios ou as suas despesas deverão merecer a maior das atenções.

Sentimental: No amor, tente ser carinhoso e deverá evitar situações de confronto. Modere um pouco a sua teimosia e aceite as tentativas de ajuda que possam vir da parte de quem o ama. Terceiros poderão tentar criar situações de desconfiança no casal.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Serão regulares; no entanto, seja prudente em matéria de despesas. Período pouco favorecido para iniciar negócios e para investimentos, especialmente, os que envolvam aplicações financeiras de risco médio, ou elevado.

Sentimental: Alguma tentação para tomar atitudes mais bruscas, motivadas por ciúmes injustificados, deverá ser, muito bem, acautelada.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Momento difícil que serão ultrapassadas com o seu habitual otimismo e objetividade. Seja realista e não faça despesas, desnecessárias, que se poderão revelar prejudiciais, num futuro muito próximo.

Sentimental: O seu par é para si uma pessoa importante; assim, para que não sucedam imprevistos, use o diálogo como forma de esclarecer o que pensa estar errado. Uma aproximação mais virada para as realidades de uma relação, um pouco, “cansada” será, fortemente, recomendada.

Cartoon



VIOLÊNCIA

A verdade em cada palavra.

“ Paz sem voz não é paz, é medo. ”
– O Rappa

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

/JornalVerdade

Email: averdademz@gmail.com

@Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.